



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DO NOROESTE FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO SUPERIOR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO  
MESTRADO EM ENSINO

SABRINA DOS SANTOS ARRUDA

**VIDA SEXUAL E HPV: AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONHECIMENTO DE  
UM GRUPO DE ESTUDANTES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE  
MIRACEMA (RJ) E A PRODUÇÃO DE UM JOGO DIDÁTICO PARA  
ABORDAGEM DO TEMA**

Santo Antônio de Pádua-RJ

2022

SABRINA DOS SANTOS ARRUDA

**VIDA SEXUAL E HPV: AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONHECIMENTO DE  
UM GRUPO DE ESTUDANTES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE  
MIRACEMA (RJ) E A PRODUÇÃO DE UM JOGO DIDÁTICO PARA  
ABORDAGEM DO TEMA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEEn), do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior, Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ensino.

**Orientador:** Prof. Dr. Jean Carlos Miranda

Santo Antônio de Pádua, RJ.

2022

Ficha catalográfica automática - SDC/BINF  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

A773v Arruda, Sabrina dos Santos  
VIDA SEXUAL E HPV: AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONHECIMENTO DE UM GRUPO DE ESTUDANTES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE MIRACEMA (RJ) E A PRODUÇÃO DE UM JOGO DIDÁTICO PARA ABORDAGEM DO TEMA / Sabrina dos Santos Arruda ; Jean Carlos Miranda, orientador. Santo Antônio de Pádua, 2022.  
130 f. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Santo Antônio de Pádua, 2022.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGEn.2022.m.08904246750>

1. Adolescência. 2. Educação Sexual. 3. Papilomavirus Humano. 4. Jogo Didático. 5. Produção intelectual. I. Miranda, Jean Carlos, orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior. III. Título.

CDD -

SABRINA DOS SANTOS ARRUDA

**VIDA SEXUAL E HPV: AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONHECIMENTO DE  
UM GRUPO DE ESTUDANTES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE  
MIRACEMA (RJ) E A PRODUÇÃO DE UM JOGO DIDÁTICO PARA  
ABORDAGEM DO TEMA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEEn), do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior, Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ensino.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Jean Carlos Miranda - Orientador  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr. Wendel Mattos Pompilho – Membro Interno  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Bianca de Freitas Terra – Membro Externo  
Universidade Estadual Vale do Acaraú

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Nicole Brand Ederli – Membro Suplente Interno  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Maíra Moraes Pereira – Membro Suplente Externo  
Universidade Veiga de Almeida

Santo Antônio de Pádua

2022

## **DEDICATÓRIA**

À todas as mulheres vítimas do câncer de colo do útero, em especial a Ingrid.

## AGRADECIMENTOS

À Deus, por me ser meu sustento para prosseguir com esta pesquisa e chegar até aqui.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Jean Carlos Miranda, pela oportunidade, paciência, parceria, por compartilhar comigo seus conhecimentos e, por me orientar em todo processo de construção deste trabalho.

À minha família, por todo carinho, atenção, apoio e compreensão ao longo dessa jornada.

Aos meus pais Waldecir (*in memoriam*) e Solange por todo amor incondicional por mim.

Ao meu irmão Waldecir Júnior pelo carinho e pela disposição em me ajudar.

Ao meu esposo João pelo carinho, compreensão, paciência, apoio em todos os momentos.

As diretoras Bruna Souza Reis e Luana Zacarias pela parceria e apoio para realização desta pesquisa e aos demais funcionários do CIEP 143 Escola Municipal Professor Álvaro Augusto da Fonseca Lontra.

Aos professores Bianca de Freitas Terra, Wendel Mattos Pompilho, Maíra Moraes Pereira e Nicole Brand Ederli por aceitarem o convite para participar da banca de defesa desta dissertação.

Ao amigo Gustavo dos Passos Brígido por me ajudar na confecção do tabuleiro e do layout do jogo. Obrigada pela disponibilidade e parceria!

À professora de língua inglesa Patrícia Mansur por me ajudar na correção do abstract.

Ao meu amigo Tiago Afonso Sentineli pelo incentivo, companheirismo, carinho e amizade desde o processo seletivo até a defesa desta dissertação.

À toda turma do Mestrado em Ensino 2019, foi uma experiência incrível compartilhar conhecimentos com vocês. Essa turma foi, é e sempre será fantástica!

À Universidade Federal Fluminense, INFES, em especial aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ensino pela preciosa colaboração à minha formação acadêmica e profissional. A vocês meu eterno carinho e respeito!

## RESUMO

O início precoce da vida sexual, por vezes, vem acompanhado de comportamentos sexuais de risco, como por exemplo, o não de uso de preservativo nas relações sexuais e variedade de parceiros o que deixam os adolescentes vulneráveis às infecções sexualmente transmissíveis, inclusive aquelas associadas ao Papilomavírus Humano (HPV). Diante destas premissas, a presente pesquisa teve como objetivo avaliar o nível conhecimento dos adolescentes sobre aspectos da vida sexual e do HPV e a produção, aplicação e avaliação de um jogo didático como ferramenta didática para auxiliar na discussão e reflexão acerca dos conhecimentos relacionados ao tema. Por meio da aplicação de um questionário composto por 24 questões, aplicado a alunos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II de uma escola pública do município de Miracema – RJ, constatou-se a falta de conhecimento sobre aspectos da vida sexual, bem como sobre o HPV, a falta de diálogo sobre a temática na família e na escola, o que os expõem a buscarem informações errôneas e equivocadas em fontes não seguras, o que contribui para potencializar a sua vulnerabilidade diante a situações de risco. Como contribuição à abordagem do tema HPV e incentivo para adesão à campanha de vacinação pelo adolescente, foi produzido o jogo didático “Mitos e Verdades sobre o HPV”. O jogo didático foi aplicado à alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II e avaliado por meio da aplicação de um questionário baseado no modelo ARCS, proposto por John Keller, para avaliar o nível de motivação dos alunos de acordo com o percentual de valores +1 e +2 atribuídos para cada assertiva presente nas quatro categorias: Atenção, Relevância, Confiança e Satisfação. Os resultados obtidos indicam que o jogo didático “Mitos e Verdades sobre o HPV” foi bem avaliado pelos alunos pesquisados, proporcionando-lhes um excelente nível de motivação, o que sugere que atende aos objetivos para os quais foi proposto.

**Palavras-chave:** Adolescência, Educação Sexual, Papilomavirus Humano, Jogo didático

## ABSTRACT

The early start of sexual life is sometimes accompanied by risky sexual behaviors, such as not using condoms during sexual intercourse and having variety of partners, which make adolescents vulnerable to sexually transmitted infections, including those associated with Human Papillomavirus (HPV). Face to these assumptions, this research aimed to evaluate the knowledge level of adolescents about aspects of sexual life and HPV and the production, application and evaluation of a didactic game as didactic tool to help in the discussion and reflection on knowledge related to the topic. Through the application of a questionnaire with 24 questions, applied to students in the 8th and 9th grade of Elementary School II of a public school in the city of Miracema-RJ, it was found a lack of knowledge about aspects of sexual life, as well as about HPV, the lack of dialogue about the theme in the family and at school, which exposes them to seek erroneous and mistaken information from unsafe sources, which contributes to heighten their vulnerability to risk situations. As a contribution to approaching the HPV theme and encouraging adolescents to adhere to the vaccination campaign, the didactic game “Mitos e Verdades sobre o HPV” was produced. The didactic game was applied to 9th grade students of Elementary School II and evaluated by applying a questionnaire based on the ARCS model, proposed by John Keller, to assess the level of motivation of students according to the percentage of values +1 and +2 assigned for each assertion presente in the four categories: Attention, Relevance, Confidence and Satisfaction. The results obtained indicate that the didactic game “Mitos e Verdades sobre o HPV” was weel evaluated by the researched students, providing them with an excelente level of motivation, which suggests that it reaches the goals for which it was proposed.

**Keywords:** Adolescence, Sexual Education, Human Papilloma Virus, Didactic game.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: CIEP 143 E.M. Professor Álvaro Augusto da Fonseca Lontra – escola participante de pesquisa.....	30
Figura 2: Aplicação do questionário de avaliação do conhecimento dos alunos pesquisados.....	32
Figura 3: Aplicação do jogo “Mitos e Verdades sobre o HPV” nos alunos pesquisados.....	35

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Regras do jogo “Mitos e Verdades sobre o HPV” .....	34
---	----

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Iniciação da vida sexual dos alunos pesquisados.....	38
Gráfico 2 - Idade da iniciação sexual dos alunos pesquisados.....	40
Gráfico 3 - Número de parceiros sexuais dos alunos pesquisados.....	41
Gráfico 4 - Frequência do uso de métodos contraceptivos pelos alunos pesquisados.....	42
Gráfico 5 - Métodos contraceptivos utilizados pelos alunos pesquisados.....	42
Gráfico 6 - Frequência do uso de drogas ilícitas antes das relações sexuais pelos alunos pesquisados.....	45
Gráfico 7 - Acesso às informações sobre a vida sexual pelos alunos pesquisados.....	46
Gráfico 8 - Fonte de informações sobre a vida sexual informados pelos alunos pesquisados.....	47
Gráfico 9 - Manifestação da vontade para falar sobre sexo indicada pelos alunos pesquisados.....	49
Gráfico 10 - Pessoas com as quais os alunos pesquisados sentem-se à vontade para conversar sobre sexo.....	50
Gráfico 11 - Conhecimento dos alunos pesquisados sobre o HPV.....	52
Gráfico 12 - Conhecimento dos alunos pesquisados acerca das doenças causadas pelo HPV.....	54
Gráfico 13 - Conhecimento dos alunos pesquisados sobre a transmissão do HPV.....	55
Gráfico 14 - Conhecimento dos alunos pesquisados sobre a prevenção contra o HPV...56	
Gráfico 15 - Conhecimento dos alunos pesquisados sobre a existência da vacina contra o HPV.....	57
Gráfico 16 - Adesão dos alunos pesquisados à vacina contra o HPV.....	58
Gráfico 17 - Conhecimento dos alunos pesquisados sobre a funcionalidade da vacina contra o HPV.....	60
Gráfico 18 - Conhecimento dos alunos pesquisados sobre o público-alvo da vacina contra o HPV.....	61
Gráfico 19 - Conhecimento dos alunos pesquisados sobre o exame de Papanicolau.....	62
Gráfico 20 - Conhecimento dos alunos pesquisados sobre a função do exame de Papanicolau.....	63

Gráfico 21 - Respostas dos alunos pesquisados quanto ao recebimento de informações sobre o HPV.....	65
Gráfico 22 - Respostas dos alunos pesquisados quanto a importância da divulgação de informações sobre o HPV nas escolas.....	66
Gráfico 23 - Respostas dos alunos pesquisados quanto a importância da divulgação de informações sobre o HPV.....	67
Gráfico 24 - Avaliação da categoria atenção pelos alunos pesquisados.....	68
Gráfico 25 - Avaliação da categoria relevância pelos alunos pesquisados.....	70
Gráfico 26 - Avaliação da categoria confiança pelos alunos pesquisados.....	73
Gráfico 27 - Avaliação da categoria satisfação pelos alunos pesquisados.....	76

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Número de meninas vacinadas contra o HPV no município de Miracema-RJ, entre os anos de 2014 e 2020.....	26
Tabela 2: Conhecimento dos alunos pesquisados do sexo feminino sobre o exame de Papanicolau.....	63

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

IST - Infecção Sexualmente Transmissível

DST - Doença Sexualmente Transmissível

HPV - Human Papiloma Virus

VLP - Virus Like Particles

PNI - Programa Nacional de Imunizações

SUS - Sistema Único de Saúde

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

TCLE - Termo de Consentimento Livre Esclarecido

TALE - Termo de Assentimento Livre Esclarecido

CEP - Comitê de Ética e Pesquisa

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	19
2.1 Sexualidade na adolescência e sua abordagem na escola .....	19
2.2 Conhecendo o HPV .....	22
2.3 Os jogos como estratégia de ensino.....	27
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	30
3.1 Perfil da escola participante da pesquisa.....	30
3.2 Aplicação do questionário.....	31
3.3 Produção do jogo.....	32
3.4 Regras do jogo.....	34
3.5 Aplicação do jogo.....	34
3.6 Avaliação do Jogo.....	35
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	37
4.1 Análise do conhecimento dos alunos pesquisados acerca de questões relacionadas à vida sexual.....	37
4.2 Avaliação do jogo didático "Mitos e Verdades sobre o HPV".....	67
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	79
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	81
<b>APÊNDICES</b> .....	93
<b>ANEXOS</b> .....	120

## 1. INTRODUÇÃO

A adolescência é uma etapa da vida caracterizada por mudanças físicas e psicológicas (CRAVINHO, JACOMINI e MANGIAVACCHI, 2018). É um período marcado pela descoberta da sexualidade, onde o adolescente tem necessidade de firma-se como indivíduo, tende a preocupar-se com seu corpo e ainda começa a busca pelo prazer e a manifestar sua orientação sexual seja por meio da atração por indivíduo do sexo oposto ou até mesmo sexo (AMORAS, CAMPOS e BESERRA, 2015). É nesta fase que, geralmente, ocorre o início da vida sexual, realidade cada vez mais presente no cotidiano dos adolescentes, independente da classe social (QUEIROZ, ROCHA e GATTO, 2017). Somado a isso a falta de informação, a prática sexual desprotegida, a desigualdade de gênero, dentre outros fatores oriundos da conjuntura social vivida pelos adolescentes (AMORAS, CAMPOS e BESERRA, 2015), podem potencializar sua condição de vulnerabilidade.

Em muitos casos, o início da vida sexual ocorre sem o uso de preservativo, o que torna o adolescente mais vulnerável às infecções sexualmente transmissíveis (IST) e à ocorrência de uma gravidez não planejada. Isso se deve à falta de adesão ao sexo seguro por parte do adolescente, devido à falta de uma Educação Sexual mais efetiva (MOIZÉS e BUENO, 2010). Tal condição torna urgente a necessidade de orientação, com vistas à prevenção (CRAVINHO, JACOMINI e MANGIAVACCHI, 2018). Além da não utilização de preservativo, outros fatores de destaque que os colocam em situações de risco são a prática sexual com parceiros variados somados à ausência de diálogo com pais e responsáveis (QUEIROZ, ROCHA e GATTO, 2017). Esses fatores podem levar a uma série de problemas e comprometer a saúde dos adolescentes. Segundo Nascimento et al. (2013, p. 230),

A prática do sexo de forma não responsável acarreta conflitos e pode trazer alterações nos projetos futuros dos adolescentes, resultando, muitas vezes, em situações de gravidez indesejada, aborto, doenças sexualmente transmissíveis (DST), síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) e desistência escolar que, conseqüentemente, interferirão na saúde integral desses indivíduos.

O envolvimento dos adolescentes em situações de risco relacionados a vivência da sua sexualidade é decorrente da carência de informações, o que sugere a falta de uma educação sexual adequada para esta população (BARROS e MIRANDA, 2019a).



A alta incidência de IST entre adolescentes, resultante do início precoce da vida sexual, da falta de informações de qualidade e da não adesão ao sexo seguro configura-se em um sério problema de saúde pública, uma vez que os colocam na condição de disseminadores (ALVES et al., 2019) dessas infecções, notadamente aquelas causadas pelo Papiloma Vírus Humano (HPV) (CARVALHO et al., 2018).

Segundo Nery et al. (2015a, p. 66), “as adolescentes sexualmente ativas apresentam as taxas mais altas de infecções por HPV, variando entre 50 e 80%, a partir de dois a três anos do início da atividade sexual”. O alto índice de contaminação pelo HPV entre as adolescentes sugere que há um déficit na qualidade das informações que alcançam essa população, corroborando a necessidade de investimento em ações educativas relativas à prevenção de infecções e demais doenças causadas por este vírus.

Cabe ressaltar também que as infecções pelo HPV representam um grande impacto para a vida reprodutiva dos adolescentes, principalmente para as meninas, uma vez que podem causar esterilidade, doenças inflamatórias pélvicas e câncer (LUZ et al., 2014). Nesse sentido, torna-se necessário abordar a temática sobre o HPV, principalmente no âmbito escolar, por ser um vírus de fácil disseminação entre adolescentes, para que compreendam os riscos de uma possível infecção por este patógeno e assim contribuir para a disseminação acerca do conhecimento do vírus e uma maior adesão às campanhas de vacinação.

Segundo Queiroz, Rocha e Gatto (2017, p. 349),

O governo realiza poucas ações e campanhas educativas com desempenho que pode ser considerado desarticulado e com pouca visibilidade pela população. Acerca da vacina preventiva existe um conhecimento dos indivíduos através da veiculação na mídia, gerando maior repercussão, contudo, não evidenciam a compreensão de aspectos como as características do vírus nem os riscos sofridos por pessoas que não fazem parte do público alvo divulgado nas campanhas de vacinação.

A ação educativa exerce o papel modificador de conduta da população, logo pode ser uma ferramenta essencial para o sucesso das campanhas de vacinação contra o HPV, fazendo-se cumprir o objetivo de reduzir as doenças associadas a este vírus, em especial o câncer de colo de útero (PEREIRA et al., 2016). Neste contexto, o jogo didático é uma estratégia para se criar um ambiente apropriado para a abordagem de temas relacionados à vida sexual, inclusive sobre o HPV, de uma forma educativa e diferenciada, capaz de fomentar o conhecimento sobre a temática.

Surge, então, a proposta de elaborar um jogo didático com o objetivo de oferecer aos adolescentes informações sobre os riscos oriundos de uma vida sexual precoce, bem

como a prevenção contra IST, com o destaque para o HPV. A intenção do jogo didático é criar condições para o ensino sobre o HPV de forma lúdica e dialógica, que possibilite conscientizar os adolescentes acerca das condições de vulnerabilidade, as quais estão expostos frente à prática sexual precoce, bem como propor mudanças comportamentais, a fim de que tenham melhor qualidade de vida.

Dessa forma, a presente pesquisa teve como objetivo avaliar o nível conhecimento dos adolescentes sobre aspectos da vida sexual e do HPV e desenvolver, aplicar e avaliar um jogo didático como recurso estratégico e diferenciado para auxiliar na discussão e reflexão acerca dos conhecimentos relacionados ao HPV nas escolas, de forma a contribuir para esclarecimento de dúvidas pelo público-alvo, de forma a conscientizá-lo da importância da vacinação e da prevenção de doenças decorrentes da infecção por HPV.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Sexualidade na adolescência e sua abordagem na escola**

A sexualidade é parte integrante e inerente à vida humana; está presente em seu cotidiano, desde o seu nascimento até a sua morte (BARROS e MIRANDA, 2019b). É um componente intrínseco de cada pessoa, porém ainda é influenciada por crenças, valores pessoais e familiares, normas morais e tabus existentes na sociedade (NOTHAFT et al., 2014).

A adolescência é uma fase da vida marcada por transformações que envolvem aspectos físicos, psíquicos e sociais (CARNEIRO et al., 2015), onde a sexualidade se manifesta por meio de diversas identificações que envolvem a aceitação do próprio corpo, a descoberta do outro, a autoafirmação, as relações com a família e o pertencimento a outros grupos (NOTHAFT et al., 2014). Segundo Nunesmaia et al. (2008, p.284), “a discussão direta e aberta a respeito da sexualidade na adolescência é fundamental para oferecer respostas às inquietações emocionais e cognitivas decorrentes da transformação biológica do corpo e do desenvolvimento da sexualidade”.

As mudanças corporais em adolescentes ocorrem de forma rápida, o que, por vezes, torna difícil a adaptação a essas transformações, gerando insegurança (ARAUJO et al., 2013). Surge então, a necessidade de acesso informações que os ajudem no entendimento de sua sexualidade (NOTHAFT et al., 2014), visto que esta temática é permeada por mitos e falsos princípios que exercem influência nos conceitos e comportamentos ainda vigentes em nossa sociedade (SANTOS et al., 2011). Segundo Carneiro et al. (2015, p.105),

O exercício da sexualidade acarreta implicações no processo reprodutivo e na própria saúde do adolescente. Nessa etapa da vida, os indivíduos assumem comportamentos para os quais não estão preparados, como iniciar relacionamento sexual precocemente, o que se deve, muitas vezes, à ansiedade de viver de maneira rápida e intensa, razão pela qual não refletem sobre suas atitudes.

A fase da adolescência é marcada por descobertas, dúvidas e curiosidades acerca de vários aspectos relacionados à sexualidade e, portanto, há necessidade de intervenção e orientação para os adolescentes (THEOBALD et al., 2012). Para atender as necessidades dos adolescentes nesta fase de descobertas, torna-se urgente o diálogo sobre esta temática, para que possam compreender a complexibilidade dos fatores envolvidos

neste processo de transição e amenizar a ansiedade e angústias trazidas por este momento. Porém, a abordagem de temas relacionados à sexualidade por parte dos pais e educadores ainda esbarra em um entrave que é a dificuldade de dialogar sobre esse tema.

Segundo Miranda (2013, p.32),

“Questões referentes à vida sexual sempre estiveram presentes entre educadores e responsáveis pela educação de crianças e jovens. Porém, ainda poucos são os responsáveis que dialogam sobre o tema abertamente com os filhos, e nas escolas, muitos profissionais não se sentem à vontade para “tocar” nesse assunto”.

Isto se deve ao fato de que muitos educadores e pais são oriundos de uma geração marcada pela repressão sexual e, por isso, ainda carregam preconceitos e tabus que dificultam as discussões acerca de temas relacionados à sexualidade. Este fato justifica o cuidado e a superficialidade com que, por vezes, os abordam (KLEIN, 2003). Tal condição corrobora para que muitos adolescentes permaneçam ignorantes quanto à aspectos importantes acerca de sua sexualidade e, por isso, muitas vezes, não conseguem definir/reconhecer seus limites e responsabilidades (KLEIN, 2003). Por esta razão, o início precoce da vida sexual, associado à falta de conhecimento, expõe os adolescentes às situações de risco e vulnerabilidade que podem comprometer sua saúde sexual e reprodutiva.

Em um contexto histórico e político, a repressão da sexualidade é marcada pelo silenciamento e pela negação de sua existência como forma de manter o domínio sobre os corpos para serem explorados como força de trabalho pela classe burguesa dentro da lógica do sistema capitalista (FOUCAULT, 1988). Tal fato pode contribuir para a dificuldade de se discutir aspectos da sexualidade no ambiente familiar e principalmente nas escolas. No intuito de manter o controle e a vigilância da sexualidade de crianças e adolescentes, Louro (2000) destaca que a escola sempre teve como proposta desviar o interesse dos alunos para outros assuntos a fim de adiar a discussão sobre a sexualidade, com vistas a manter os corpos escolarizados. Percebe-se que a escola sempre foi usada como dispositivo de controle sobre o comportamento e gestos dos estudantes contribuindo para o disciplinamento dos corpos por meio da imposição de uma pedagogia da sexualidade.

Em sala de aula, a sexualidade é abordada de forma superficial e isso é visto como um reflexo sobre a maneira como a sociedade trata o tema, cercado de mitos e tabus, e promove em alunos e professores certo desconforto (BARROS e MIRANDA, 2020). Ressalta-se ainda que muitos docentes vivenciam em suas práticas pedagógicas a

reprodução de tais padrões de forma acrítica por meio do currículo oculto e isto contribui para perpetuação inconsciente da repressão da sexualidade no ambiente escolar (SILVA e YARED, 2019).

A sexualidade é considerada como tema transversal pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (QUEIROZ, ROCHA e GATTO, 2017), o que implica que seja trabalhada por diferentes disciplinas. Contudo, a própria cultura escolar entende que esse tema está relacionado com a Educação Sexual e deve ser trabalhado pelos docentes de Ciências e Biologia (SILVA e YARED, 2019). Cabe ressaltar que a abordagem das questões relacionadas à sexualidade nestas disciplinas, em muitos casos, fica restrita aos aspectos biológicos e pode estar distante de atender as reais necessidades dos adolescentes (SANTOS et al., 2011). No atual documento norteador da educação brasileira, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), observa-se um retrocesso às propostas dos PCN no que se refere à abordagem da sexualidade, que ficou restrita apenas à disciplina de Ciências, com ênfase no aspecto biológico considerando somente os conteúdos vinculados à anatomia e à fisiologia do corpo humano (ASSIS, SOUZA e BARBOSA, 2021). Observa-se que a abordagem da temática seguia uma linha progressista, reconhecendo a pluralidade de concepções que envolvem a sexualidade, porém a BNCC segue uma linha mais tradicionalista e conservadora trazendo uma visão mais reducionista da sexualidade (PATTI, PINHÃO e SILVA, 2019).

Diante do atual cenário político que norteia o sistema educacional brasileiro, é necessário despertar um olhar crítico para as propostas da BNCC no que se refere a abordagem da temática sexualidade e romper com paradigmas que ainda reprimem a sua abordagem dentro das escolas, dada à exposição dos adolescentes a uma série de fatores de risco, potencializada por sua condição de vulnerabilidade. Nesta perspectiva, a abordagem de temas relacionados à sexualidade dos adolescentes, por meio de ações educativas no ambiente escolar, pode contribuir para a construção do conhecimento e fomentar a discussão de forma que os estudantes se sintam seguros e confortáveis para expor dúvidas e questionamentos, levando-os a refletirem sobre suas atitudes e seus comportamentos.

## 2.2 Conhecendo o HPV

O Papilomavírus Humano (HPV) é pertencente à família *Papillomaviridae* e ao gênero *Papillomavirus* (CAMARA et al., 2003). Seu genoma é formado por dupla fita de ácido desoxirribonucleico (DNA) com 8000 pares de base que codificam todas as suas funções virais. É relativamente pequeno apresentando 55 nanômetros de diâmetro com simetria icosaédrica e não possui envelope lipídico (CARVALHO et al., 2018).

O HPV é considerado um vírus altamente contagioso (BRASIL, 2017), capaz de infectar homens e mulheres, independente da etnia, idade ou posição social. Está associado a casos de câncer de colo de útero, uma patologia grave que ameaça a vida de muitas mulheres (RÊGO, ALENCAR e RODRIGUES, 2017).

Esse vírus possui alta afinidade pelo epitélio e pode induzir lesões benignas ou malignas na pele ou mucosas (ARRUDA et al., 2013), que podem causar a formação de verrugas e determinados tipos de cânceres na região genital. As relações sexuais desprotegidas, com pessoas infectadas, são as principais formas de disseminação, sendo possível o indivíduo contaminar-se com apenas uma única exposição ao vírus (CASTRO e SILVÉRIO, 2018). Além disso, sua transmissão pode ocorrer por meio do contato direto com a pele infectada e por via sanguínea, de mãe para o bebê, no momento do parto. Apesar de uma condição rara, o vírus pode ser disseminado por meio do contato com a mão, objetos, toalhas, roupas íntimas ou até mesmo pelo vaso sanitário (RÊGO, ALENCAR e RODRIGUES, 2017).

Como a principal forma de transmissão do HPV é a via sexual, mesmo sem penetração vaginal, anal ou oral, qualquer contato íntimo (oral-genital, genital-genital ou manual-genital) com áreas infectadas é suficiente para a possibilidade de contaminação pelo vírus (BRASIL, 2017).

A maioria das infecções pelo HPV é assintomática ou não visível, podendo o vírus permanecer em estado latente por muitos anos no organismo. Estima-se que cerca de 50% das pessoas sexualmente ativas se tornem infectadas ao menos uma vez na vida (OKAMOTO et al., 2016). O desconhecimento destas particularidades biológicas leva os portadores assintomáticos do HPV a transmitir o vírus a outros indivíduos, contribuindo sobremaneira para sua disseminação na população.

Determinados tipos de HPV promovem o desenvolvimento de alterações celulares que podem evoluir para doenças relacionadas ao vírus e causar verrugas genitais, lesão

pré-maligna de câncer (também chamada de lesão precursora) e vários tipos de cânceres, como os de colo de útero, vagina, vulva, ânus, pênis e orofaringe (BRASIL, 2017).

Nas mulheres, o diagnóstico do HPV pode ser realizado por meio de exames ginecológicos, como o Papanicolau, que é feito anualmente e, em caso de resultados anormais, é realizada a colposcopia. A peniscopia (homens) e a anuscolpia (ambos os sexos) são realizadas para detecção da presença de verrugas anogenitais (RÊGO, ALENCAR e RODRIGUES, 2017). Ressalta-se que as lesões genitais induzidas pelo HPV podem não ser visíveis a olho nu e estarem localizadas em órgãos internos. Por isso, a necessidade da realização de exames mais precisos para detectá-las sobre a superfície da pele e na mucosa interna dos órgãos genitais.

Dentre a diversidade de tipos de HPV, quatro são mais comuns e causam a maioria das doenças associadas à infecção por este vírus. Destacam-se os tipos 6 e 11, que são considerados de baixo risco oncogênico e estão associados a 90% dos casos de verrugas genitais ou condilomas acuminados, e os subtipos 16 e 18, de alto risco oncogênico e que são responsáveis por 70% dos casos de câncer de colo de útero e outros tipos de cânceres (PEREIRA et al., 2016; RÊGO, ALENCAR e RODRIGUES, 2017; SILVA et al., 2017). Cabe ressaltar que todos os indivíduos sexualmente ativos podem estar expostos a todos estes subtipos do vírus e suscetíveis a doenças sejam elas benignas ou malignas.

Segundo Cirino, Nichiata e Borges (2010, p. 127) “estudos revelam que o contágio pelo HPV, principal agente oncogênico do câncer de colo uterino, ocorre no início da vida sexual na adolescência ou por volta dos 20 anos”. Tal fato nos alerta para os riscos de infecção pelo HPV relacionados ao início precoce da vida sexual por adolescentes, uma vez que estão cada vez mais cedo sendo expostos ao vírus.

Após estabelecer a relação entre o HPV com o câncer de colo de útero, tornou-se importante realizar campanhas de prevenção, pois a detecção precoce da infecção permite evitar ou retardar a progressão para o câncer invasivo (LUZ et al., 2014), uma doença que leva a óbito milhares de mulheres, anualmente, no Brasil. Tem-se a vacina como a principal forma de prevenção contra essa doença (KRABBE et al., 2016).

O uso de preservativos em todas as relações sexuais e as vacinas profiláticas contra tipos específicos do HPV são consideradas as principais medidas preventivas contra o vírus. No entanto, para evitar o desenvolvimento do câncer do colo de útero, torna-se necessário a prática periódica do exame colpocitológico oncótico (Papanicolau) que consiste na detecção precoce de lesões cervicais (QUEIROZ, ROCHA e GATTO, 2017).

A vacina HPV quadrivalente confere proteção contra os subtipos HPV 6, 11, 16 e 18 e estimula o organismo a produzir anticorpos específicos para cada um deles (BRASIL, 2017). Isto se deve ao fato de que os materiais imunogênicos utilizados na produção da vacina são partículas semelhantes ao vírus (Virus Like Particles - VLP) específicas de HPV tipos 6, 11, 16 e 18. Estas partículas representam apenas os capsômeros virais, ou seja, a “casca do vírus”, sem quaisquer conteúdos genéticos. Isto faz com que a imunogenicidade seja mantida sem a menor possibilidade de causar infecção (PASSOS, 2011). Neste caso, as VLP fazem com que o organismo reconheça tal estrutura como um antígeno e leva a produção de anticorpos específicos no qual estabelece um mecanismo de proteção sem risco de provocar a infecção pelo vírus (BRASIL, 2017), o que garante a eficácia e segurança da vacina para o público-alvo da campanha de vacinação.

Diante da relação existente entre o HPV e o câncer de colo de útero, inicialmente associou-se que a contaminação pelo vírus era restrita às mulheres e, assim, os homens estariam livres destes patógenos, não sofrendo qualquer tipo de dano em sua saúde (QUEIROZ, ROCHA e GATTO, 2017). Contudo, os homens podem atuar como “portadores” ou “vetores” de alguns tipos de HPV oncogênicos e contribuir de forma significativa para o aumento do risco de infecção de suas parceiras (LUZ et al., 2014). Além disso, os homens não estão isentos da possibilidade de desenvolverem doenças causadas pelo vírus (COSTA e GOLDENBERG, 2013). Logo, a prevenção contra o HPV deve ser compartilhada por indivíduos de ambos os sexos (QUEIROZ, ROCHA e GATTO, 2017).

Segundo Castro e Silvério (2018, p. 102),

a vacina contra o HPV tem sido ofertada não somente às meninas, mas também aos meninos, uma vez que eles podem apresentar a infecção. Outro fator considerável para essa oferta recai no fato de descaracterizar a mulher como responsável pela transmissão do vírus HPV na população, uma vez que as campanhas de vacinação eram especialmente direcionadas para elas.

A vacina contra o HPV foi criada com intuito de prevenir a infecção pelo vírus e reduzir o número de mulheres acometidas pelo câncer de colo de útero (RIZZO, SILVA e BASÍLIO, 2016). No entanto, a inclusão dos meninos na campanha de vacinação contra o HPV justifica-se, como já mencionado, pelo fato de os homens serem portadores e transmissores do vírus para as mulheres e serem suscetíveis às infecções pelo vírus. Portanto é necessário que as ações relacionadas à prevenção sejam destinadas aos adolescentes de ambos os sexos. Tal medida ratifica e compartilha a responsabilidade



entre os gêneros para diminuição da incidência de câncer de colo de útero e outras doenças causadas pelo HPV (BRASIL, 2018).

A administração da vacina contra o HPV deve ocorrer antes do início da vida sexual, com vistas a uma excelente resposta imunológica (RÊGO, ALENCAR e RODRIGUES, 2017), o que justifica e também se torna um ponto primordial para a prevenção do câncer de colo de útero em adolescentes, uma vez que nesta faixa etária há maior produção de anticorpos contra o vírus. Contudo, a adesão dos adolescentes à vacinação contra o HPV esbarra em alguns fatores, como por exemplo, (i) a falta (ou a baixa qualidade) de conhecimento sobre a infecção pelo HPV, (ii) barreiras culturais em relação às IST, (iii) aceitabilidade da vacina e (iv) mudanças dos hábitos sexuais (PEREIRA et al., 2016).

Tais fatores interferem diretamente na campanha de vacinação contra o HPV, uma vez que envolvem questões inerentes à vida sexual do adolescente em um contexto socioeconômico, cultural e religioso permeado de tabus e preconceitos que conferem uma resistência dos pais em autorizar a aplicação da vacina.

Diante da complexidade de questões relacionadas à aplicação da vacina e a vinculação da doença à atividade sexual, somados à divulgação pela mídia de possíveis efeitos colaterais e de opiniões científicas não consensuais, foi gerada uma controvérsia pública (QUEVEDO et al., 2016). Essa controvérsia pública baseada em uma importante divergência de opiniões entre a população a respeito da vacina contra o HPV fomenta certa insegurança acerca dos benefícios da vacina, gerando impactos na saúde pública em decorrência da baixa adesão à vacina.

Em 2014, o Ministério da Saúde, por meio do Programa Nacional de Imunizações (PNI), introduziu no Calendário Nacional de Vacinação do Sistema Único de Saúde (SUS), a vacina quadrivalente que protege contra o (HPV). Atualmente, a vacina é aplicada em meninas entre nove e quatorze anos de idade e em meninos entre onze e quatorze anos de idade, com esquema vacinal de duas doses em um intervalo de zero a seis meses (BRASIL, 2018).

Em um estudo realizado por Messias (2018), constatou-se que no ano de 2014 os resultados em relação à cobertura da vacina contra o HPV foram satisfatórios nos municípios da região Noroeste Fluminense do Estado do Rio de Janeiro. Em 2015, contudo, estas localidades apresentavam valores inferiores a 50% de cobertura tanto na primeira dose (D1) como na segunda dose (D2). Em 2016, a vacinação contra o HPV em meninas apresentou queda acentuada em relação aos dois anos anteriores. Estes dados

corroboram o verificado no município de Miracema/RJ, com queda acentuada no número de meninas vacinadas contra o HPV, entre os anos de 2014 e 2020 (Tabela 1).

Tabela 1: Número de meninas vacinadas contra o HPV no município de Miracema (RJ), entre os anos de 2014 e 2020.

<b>Relatório Anual de Doses Aplicadas da Vacina HPV</b>			
<b>Quadrivalente</b>			
<b>Ano</b>	<b>População</b>	<b>Dose 1</b>	<b>Dose 2</b>
<b>2014</b>	691*	707	688
<b>2015</b>	655**	358	272
<b>2016</b>	1119***	132	117
<b>2017</b>	1119***	295	205
<b>2018</b>	1119***	125	84
<b>2019</b>	1119***	148	116
<b>2020</b>	1119***	151	129

Fonte: Sistema de Informação do Programa Nacional de Imunizações (SIPNI/CGPNI/DEIDT/SVS/MS)

\* público-alvo (meninas de 11 a 13 anos) – Censo IBGE (2010)

\*\* público-alvo (meninas de 9 a 11 anos) – Censo IBGE (2010)

\*\*\* público-alvo (meninas de 9 a 13 anos) – Censo IBGE (2010)

A baixa adesão das meninas à vacina contra o HPV no município de Miracema/RJ sugere falta de conhecimento e/ou a existência de conceitos equivocados sobre os benefícios da vacina pelas adolescentes e seus responsáveis. Este fato estar relacionado a possibilidade de a população desconhecer a relação entre o vírus HPV e o câncer de colo de útero.

O desconhecimento sobre a relação entre o HPV e o câncer de colo de útero, a baixa percepção sobre o risco de infecção pelo vírus, a incerteza sobre a segurança e eficácia da vacina, ampla divulgação de possíveis efeitos adversos e a preocupação dos pais com a vida sexual de seus filhos e filhas, associados a valores e crenças religiosas, são alguns dos fatores relacionados a não adesão à vacina contra o HPV (CARVALHO et al., 2019). Segundo Nicoletti e Sepel (2015, p. 811),

“os vírus estão no nosso dia a dia e várias decisões coletivas ou individuais podem ser orientadas por um melhor conhecimento dos assuntos relacionados a esses patógenos. Portanto a adesão às campanhas e realização das vacinações previstas como rotineiras dependem de como esse processo de imunização é compreendido pelas pessoas”.

O desconhecimento sobre o HPV e o impacto que este patógeno pode causar na saúde das pessoas pode explicar a baixa adesão à vacina contra o HPV, bem como influenciar negativamente na tomada de decisão por parte da população frente às campanhas de vacinação.

### **2.3 Os jogos como estratégia de ensino**

Os jogos são apontados como recursos que facilitam a discussão de temas relevantes e até mesmo sensíveis (YONEKURA e SOARES, 2010), o que nos permite utilizá-los para abordar e discutir questões relacionados à sexualidade dos adolescentes.

Através de seu caráter lúdico, os jogos podem ser utilizados como ferramenta de aprendizagem no ambiente escolar para estimular o interesse do aluno e auxiliá-lo no desenvolvimento e enriquecimento de sua personalidade (PEREIRA, 2015). A ludicidade é um aspecto presente nos jogos que confere certa vantagem ao aplicá-los como forma de despertar o interesse pela aprendizagem e contribuir sobremaneira para a formação do indivíduo.

Segundo Sena e Rocha (2014, p. 3),

Jogos ou brinquedos pedagógicos são desenvolvidos com a intenção explícita de provocar uma aprendizagem significativa, estimular a construção de um novo conhecimento e, principalmente, despertar o desenvolvimento de uma habilidade operatória, uma aptidão ou capacidade cognitiva e apreciativa específica, que possibilita a compreensão e a intervenção do indivíduo nos fenômenos sociais e culturais e que o ajude a construir conexões.

Por ser considerado uma atividade divertida, estimulante, interativa, inovadora e ilustrativa, o jogo pode ser utilizado com a finalidade de esclarecer dúvidas e facilitar a aprendizagem (YONEKURA e SOARES, 2010). Este fato serve de incentivo para que educadores adotem esse recurso, a fim de auxiliar alunos no processo ensino-aprendizagem.

Os jogos são capazes de estimular o raciocínio e guiar o aluno no enfrentamento de situações conflitantes do seu dia a dia (BARBOSA e MURAROLLI, 2013), uma vez que geram informação, estimulam a reflexão e o diálogo acerca de situações do cotidiano (QUEIROZ, ROCHA e GATTO, 2017). Nesta perspectiva, o jogo didático pode ser utilizado para fomentar discussões relevantes acerca do cotidiano dos alunos e orientá-los a enfrentar as mais diversas situações com mais consciência e responsabilidade.

Segundo Perim, Giannella e Struchiner (2013, p.3),

o jogo é capaz de contribuir tanto para o desenvolvimento da educação, quanto para a construção do conhecimento em saúde. Ao proporcionarem interação entre participantes, estimulam o interesse e oferecem espaço para a discussão de temas polêmicos, complexos e atuais, difíceis de serem tratados em situações educativas tradicionais.

A sexualidade é um exemplo de tema polêmico e, por vezes, difícil de ser abordado na escola por meio de métodos tradicionais. Neste caso, o jogo didático apresenta-se como um recurso alternativo para se abordar esta temática de forma interativa, motivadora e dialógica.

Os jogos didáticos têm sido uma boa estratégia na abordagem de temas relacionados à educação sexual dos adolescentes, uma vez que, tais temas são permeados de preconceitos e tabus que, somados ao grande número de dúvidas e questionamentos entre os adolescentes, os tornam difíceis de serem abordados nas salas de aula (MIRANDA, GONZAGA e PEREIRA, 2018). Assim, os jogos didáticos podem contribuir de forma direta para que os adolescentes adquiriram mais conhecimentos sobre questões relativas à sexualidade, levando-os à adoção de práticas sexuais mais saudáveis (COSTA, GONZAGA e MIRANDA, 2016).

Segundo Yonekura e Soares (2010),

Embora a utilização de jogos em educação em saúde não seja nova, representa perspectiva pedagógica inovadora no sentido de, certamente, representar crítica aos modelos pedagógicos tradicionais, mais autoritários e rígidos. Trata-se de vertente que toma por referência a multidimensionalidade do processo saúde/doença, almejando que os participantes do processo educativo possam exercer a crítica à realidade de saúde e buscar mecanismos coletivos para transformá-la.

Neste sentido, o jogo faz emergir as múltiplas dimensões relacionadas à saúde/doença possibilitando que todos participantes tenham uma visão mais ampla e crítica da realidade, para que busquem soluções coletivas.

Segundo Barbosa e Murarolli (2013, p. 47), “o jogo com sua característica lúdica é capaz de motivar os alunos a construir seu conhecimento, adquirindo novos conceitos, aprendendo novos conteúdos, com diversão e satisfação”. Por serem prazerosos, interessantes e desafiantes, os jogos facilitam o processo ensino-aprendizagem dos alunos e, por isto, tornam-se uma excelente ferramenta didática ou estratégia de ensino (PEREIRA, 2015).

Além disso, a competição é um fator presente nos jogos que garante o dinamismo, propicia o interesse e o envolvimento do aluno, contribuindo para o desenvolvimento de aspectos sociais, intelectuais e afetivos (COSTA, MIRANDA e GONZAGA, 2018).

Neste caso, a competitividade pode se tornar um elemento favorável capaz de provocar mudança no comportamento dos alunos, o que interfere de forma positiva na aprendizagem.

### 3. METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa consiste numa proposta investigativa de caráter qualitativo e prospectivo no qual se busca conhecer a realidade do município de Miracema (RJ) quanto aos aspectos relacionados ao conhecimento dos adolescentes sobre o HPV questões relacionadas à vida sexual, com vistas à criação de espaços de discussão e utilização de ferramentas que contribuam com o trabalho de conscientização acerca da importância da vacinação contra o HPV.

#### 3.1 Perfil da escola participante da pesquisa

Para a avaliação do nível do conhecimento dos adolescentes sobre a temática e para a aplicação e validação do jogo didático por meio de questionário foi escolhida uma escola da rede municipal de fácil acesso, localizada na via central no município de Miracema (RJ).

O CIEP 143 - Professor Álvaro Augusto da Fonseca Lontra (Figura 1), a maior escola da rede municipal de ensino. Funciona em dois turnos (matutino e vespertino) e possuía, em 2019, IDEB de 5,9. Atende a 638 alunos oriundos do município de Miracema (zona rural e distritos) e do município vizinho, Palma (MG), distribuídos em 21 turmas, sendo vinte do Ensino Regular e uma turma de aceleração, para os alunos com defasagem escolar na relação idade/série, na modalidade Ensino Fundamental II.



Figura 1: CIEP 143 E.M. Professor Álvaro Augusto da Fonseca Lontra – escola participante de pesquisa. Fonte: A autora.

### 3.2 Aplicação do Questionário

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal Fluminense (CAAE: 33567420.1.0000.8160; Parecer: 4.271.815) (Anexo I). Os sujeitos da pesquisa foram definidos como adolescentes de ambos os sexos na faixa etária de 12 a 18 anos. Esse limite de idade é recomendado como público-alvo da campanha de vacinação contra o HPV realizada pelo Ministério da Saúde, em âmbito nacional. Participaram meninas, em função da relação do vírus HPV com a incidência de câncer do colo uterino, e meninos, uma vez que são considerados portadores e transmissores deste vírus.

A avaliação do conhecimento dos adolescentes acerca do HPV foi feita por meio de um questionário composto por 24 questões (Apêndice I), aplicado a alunos do Ensino Fundamental II do CIEP 143 - Professor Álvaro Augusto da Fonseca Lontra, que assumiu o compromisso de apoiar o desenvolvimento desta pesquisa, de acordo com a carta e o termo de anuência de sua direção (Anexos II e III).

O questionário aplicado aborda questões acerca do início da vida sexual dos adolescentes; uso de métodos contraceptivos; origem e acesso a informações sobre temas relacionados à vida sexual; conhecimentos sobre o HPV (transmissão, prevenção e sua relação com o câncer de colo do útero); o exame de Papanicolau e o papel da escola na abordagem do tema.

Para esta abordagem, foram entregues aos alunos os Termos de Consentimento/Assentimento Livre e Esclarecido da pesquisa (Apêndices II e III). Esses termos consistem em documentos que informam, esclarecem e orientam o adolescente e/ou seu representante legal sobre a natureza da pesquisa, objetivos e métodos de coleta de dados, bem como benefícios e possíveis riscos que possam acarretar. E ainda garantem o anonimato e possibilidade de desistência do participante em qualquer momento das atividades da pesquisa.

O questionário de avaliação do nível de conhecimento sobre a temática foi aplicado a 65 alunos, sendo 29 alunos do 8º ano e 36 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, quando do retorno das atividades presenciais, em maio de 2021, autorizado por meio dos decretos municipais nº 037/21, 041/21 e 042/21 (ANEXO IV).

Primeiro, houve uma breve explicação da pesquisa e o envio dos TCLE para autorização dos pais e responsáveis dos alunos que demonstraram interesse em participar da pesquisa. Após o aceite, foi entregue aos alunos os TALE e o questionário (Figura 2).



Figura 2: Aplicação do questionário de avaliação do conhecimento dos alunos pesquisados. Fonte: A autora.

A partir das respostas do questionário aplicado, procedeu-se a análise dos dados obtidos. Esses dados foram tabulados e estão apresentados na forma de tabelas e/ou gráficos, permitindo a comparação dos resultados e a construção de um panorama quanto ao nível de conhecimento que o público-alvo desta pesquisa apresentou em relação ao tema abordado.

A partir dos resultados obtidos, buscou-se a criação de espaços de discussão sobre questões relativas à sexualidade, disponibilizando informações que possam esclarecer dúvidas e fornecer subsídios científicos, principalmente sobre o HPV, visando à conscientização dos adolescentes acerca da prevenção de IST, principalmente aquelas associadas ao HPV. Para tal, foi desenvolvido o jogo didático “Mitos e Verdades sobre o HPV”, que foi aplicado e avaliado como ferramenta auxiliar na abordagem do tema, com vistas ao esclarecimento dos adolescentes sobre questões relacionadas à sexualidade na adolescência e sobre o vírus HPV, de forma a contribuir para a conscientização quanto a da importância da vacinação contra o HPV.

### **3.3 Produção do Jogo**

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção e sua construção” partindo deste pressuposto teórico de Paulo Freire (1996, p. 26) criou-se uma ferramenta de ensino no qual se tem a possibilidade de produzir e construir o conhecimento utilizando-se do aspecto lúdico presente no jogo didático para tal finalidade.



A proposta do jogo “Mitos e Verdades sobre o HPV” (adaptado, seguindo as características do jogo Certo ou Errado®, da Estrela®) é abordar as questões referentes à biologia do vírus, formas de transmissão, principais sintomas, tratamento, formas de prevenção, curiosidades sobre HPV e analisar de situações de risco de forma interativa, desafiadora e divertida, interligando vários aspectos relacionados a esta temática.

O kit do jogo é composto de um tabuleiro com trinta e oito casas (Apêndice IV), setenta cartas (Apêndice V), seis pinos, um dado e um manual de regras (Apêndice VI).

Em cada casa do tabuleiro há ícones que correspondem ao tipo de carta que o jogador deverá responder, e ainda algumas “casas-surpresa” onde toda vez que um jogador parar, deverá, obrigatoriamente, seguir as instruções nelas contidas. Cada carta do jogo “Mitos e Verdades sobre o HPV” contém uma proposta diferenciada de abordagem sobre o tema com a resposta correta destacada, exceto as cartas que apresentam as dicas de prevenção contra o HPV. As cartas se dividem em cinco grupos: Cartas “Mito ou Verdade”, Cartas Teste, Cartas Pergunta Simples, Cartas Desafio e Cartas com Dicas de Prevenção.

As cartas “Mito ou Verdade” correspondem ao grupo de cartas que permitem desmitificar alguns aspectos relacionados ao HPV e a vida sexual. Neste tipo de carta há uma afirmativa na qual o jogador deverá responder se é um mito ou uma verdade.

As cartas Teste correspondem ao grupo de cartas que permitem testar os conhecimentos sobre a temática. Neste tipo de carta há uma pergunta para qual o jogador terá que escolher uma alternativa dentre as quatro opções de resposta indicadas pelas letras A, B, C e D.

As cartas Pergunta Simples correspondem ao grupo de cartas baseadas em perguntas simples e fáceis. Neste tipo de carta há uma pergunta a qual o jogador deverá responder de maneira clara e objetiva.

As cartas Desafio correspondem ao grupo de cartas com a descrição de situações concretas vivenciadas por personagens fictícios no qual o jogador deverá fazer uma análise, relacionar com seus conhecimentos sobre o HPV e aspectos da sexualidade, e em seguida deverá responder à questão proposta.

As cartas Dicas de Prevenção correspondem ao grupo de cartas baseadas em dicas simples que podem ajudar na prevenção contra o HPV. Neste tipo de carta o jogador deverá apenas ouvir com a atenção a dica proposta.

As perguntas que compõem as cartas foram elaboradas tomando por referência o Guia Prático sobre o HPV – Perguntas e Respostas (BRASIL, 2017), disponível no site

do Ministério da Saúde. As perguntas foram escritas de maneira simples, objetiva e com uma linguagem acessível aos adolescentes. Para marcação do tempo para a resposta (30 segundos) é sugerido o uso do cronômetro de um relógio ou aparelho celular.

### **3.4 Regras do Jogo**

O manual de regras jogo didático “Mitos e Verdades sobre o HPV” (Apêndice VI) foi elaborado de forma simples e objetiva, a fim de orientar sua utilização e esclarecer aos participantes quaisquer dúvidas que possam surgir durante sua aplicação. O Quadro 1 apresenta a dinâmica do jogo didático.

Quadro 1 – Dinâmica do jogo didático “Mitos e Verdades sobre o HPV”.

- 1) Após escolherem seus pinos, os jogadores devem lançar o dado, a fim de definir sua ordem de participação; o que obtiver o maior número inicia a partida. O próximo jogador é o que está à sua esquerda. Essa dinâmica seguirá em sentido horário.
- 2) O jogador lança o dado e percorre o número de casas correspondente. Ao final desse movimento, o mediador apanha uma carta da pilha correspondente ao ícone da casa onde o pino parou, lê a questão e o cronômetro é acionado; o jogador tem o tempo de 30 segundos para responder. Se a casa onde o pino parou apresentar instruções, o jogador deve segui-las. Caso o pino pare em uma casa com dicas de prevenção, não há necessidade de acionamento do cronômetro.
- 3) A vez passa ao jogador seguinte e a partida segue essa dinâmica até que um jogador alcance a casa FIM, sendo declarado vencedor da partida.

### **3.5 Aplicação do Jogo**

O jogo “Mitos e Verdades sobre o HPV” foi aplicado (Figura 3), em agosto de 2021, em quatro turmas do 9º ano do Ensino Fundamental totalizando a participação de 48 alunos do CIEP 143 Escola Municipal Professor Álvaro Augusto da Fonseca Lontra, uma escola da rede municipal de Miracema-RJ.



Figura 3: Aplicação do jogo “Mitos e Verdades sobre o HPV” nos alunos pesquisados.

Fonte: A autora.

Antes de aplicar o jogo, foram apresentados a proposta do jogo, o tema a ser abordado, os objetivos do jogo, sua dinâmica, suas regras e as instruções contidas no manual de regras, por meio de uma linguagem simples, clara e acessível, a fim de facilitar o entendimento e preparar os alunos para participar do jogo.

Para a aplicação do jogo foram cedidos 2 tempos de aulas com 50 minutos cada totalizando 1h40min. A duração média da aplicação do jogo foi de 1h20min. Após o término do jogo, os alunos responderam um questionário individualmente de forma anônima para avaliar o nível de motivação proporcionado pelo jogo para que este recurso didático seja utilizado no processo de ensino-aprendizagem sobre a temática.

### 3.6 Avaliação do Jogo

O nível de motivação dos estudantes ao participarem da atividade com o jogo didático “Mitos e Verdades sobre o HPV” foi utilizado para sua avaliação como ferramenta auxiliar no processo ensino-aprendizagem da temática. Para tal, foi utilizado um modelo teórico desenvolvido por John Keller, conhecido como modelo de ARCS<sup>1</sup>. Este modelo foi escolhido porque existe uma forte expectativa de que qualquer jogo educacional seja capaz de motivar a aprendizagem dos alunos, ou seja, a motivação é um componente intrínseco aos jogos (SAVI, 2011).

---

<sup>1</sup>ARCS é um acrônimo que identifica quatro categorias de estratégias importantes para que se consiga motivar os alunos na aprendizagem: Atenção, Relevância, Confiança e Satisfação (SAVI et al., 2010).

No intuito de avaliar o nível de motivação dos alunos por meio de sua interação com o jogo didático “Mitos e Verdades sobre o HPV”, foi elaborado, como instrumento de coleta de dados, um questionário composto por 10 assertivas como proposto por Savi (2011), acrescido de uma questão aberta para que os alunos expressem suas opiniões, críticas ou sugestões para a melhoria do jogo (Apêndice VII). Para cada categoria (Atenção, Relevância, Confiança e Satisfação) relacionada ao nível de motivação de jogos educacionais foi elaborado de duas a três assertivas a serem avaliados pelos alunos, considerando a escala de Likert baseada em valores entre -2 (discordo fortemente) e +2 (concordo fortemente) para avaliar o grau de concordância e discordância para cada assertiva. Este questionário foi aplicado aos estudantes após a utilização do jogo “Mitos e Verdades sobre o HPV” e os resultados analisados, com vistas à melhoria da versão final do jogo.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **4.1 Análise do conhecimento dos alunos pesquisados acerca de questões relacionadas à vida sexual**

Participaram da pesquisa 65 adolescentes, com idade entre 12 e 16 anos, dos quais 61,5% são do sexo feminino, 32,3% do sexo masculino e 6,2% não declararam. O predomínio do público feminino no grupo pesquisado pode estar relacionado ao maior número de meninas inseridas no processo de escolarização nesta faixa etária, o que corrobora os dados obtidos por Gomes et al. (2002), em uma pesquisa com adolescentes, que mostram as diferenças nas proporções de participantes do sexo feminino em relação ao sexo masculino. Os autores destacam alguns fatores para o predomínio de meninas nas turmas pesquisadas, como por exemplo, a maior disponibilidade para se dedicar aos estudos em relação aos meninos que são inseridos mais precocemente no mercado trabalho que, por consequência, leva à evasão escolar.

No trabalho Vonk, Bonan e Silva (2013) houve maior participação dos adolescentes do sexo feminino em detrimento do masculino, o que sugere que a escolarização das meninas no grupo amostrado foi maior que a dos meninos. Os autores evidenciaram que os meninos estão envolvidos com atividades remuneradas enquanto as meninas possuem mais tempo de permanência na escola e, conseqüentemente, possuem maior escolarização.

Um número relativamente baixo de participantes preferiu não declarar o seu sexo. Isso pode estar relacionado à grande influência das questões de gênero que envolve a sexualidade dos adolescentes que são permeadas de preconceitos e padrões sexuais esperados pela sociedade (MARTINS et al., 2012a). Portanto, é possível que os indivíduos que não se enquadram nestes padrões prefiram não declarar seu sexo.

A maioria dos adolescentes pesquisados afirmou não ter iniciado sua vida sexual (Gráfico 1). Geralmente, é durante a adolescência que ocorre o início da atividade sexual, uma vez que os hormônios ligados a puberdade começam a despertar nos adolescentes o desejo sexual, sendo este um fator que favorece a antecipação da primeira relação sexual (PORTO, RABELO e SILVA, 2013).

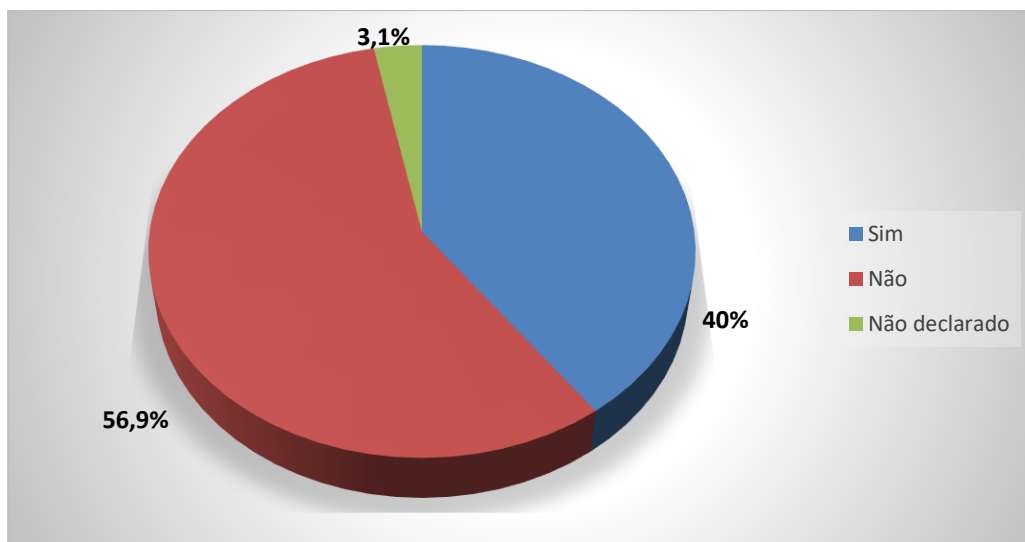


Gráfico 1: Iniciação da vida sexual dos alunos pesquisados. Fonte: Dados da pesquisa.

A iniciação sexual precoce dos adolescentes pode estar relacionada à vários fatores típicos da adolescência como conflitos, questionamentos, mudanças físicas, emocionais e sociais, além de ser influenciada pelos meios de informação e da mídia, que muitas vezes tratam questões relacionadas à sexualidade com excesso de naturalidade ou oferece informações distorcidas sobre a temática (SILVA et al., 2015). Oliveira e Favero (2009) apontam também a falta de informação, a pressão dos grupos sociais nos quais os adolescentes estão inseridos e a falta de diálogo com os pais como fatores importantes para a iniciação sexual de adolescentes. Santos e Nogueira (2009) destacam outros elementos como falta de estrutura familiar, falta de expectativa de vida, perda da autoestima, curiosidade e carência afetiva.

Taquete e Vilhena (2008), com base em dados da literatura, afirmam que os adolescentes que têm uma boa comunicação com seus familiares tendem a postergar o início da vida sexual. Em contrapartida, a falta de afeto na família pode ser um incentivo para tal prática. As autoras destacam que a adolescência é a fase em que se busca a identidade e que o grupo social pode substituir a família e exercer uma influência significativa para o adolescente na medida que dita normas e valores relacionados a sexualidade que acaba aderindo à prática sexual precoce para ser aceito pelo seu grupo.

A sexualidade na adolescência é marcada pela descoberta em que o novo se torna atraente e pelo sentimento de liberdade que leva os adolescentes a experimentar a primeira relação sexual impulsionada pela curiosidade numa fase da vida em que lhes falta experiência, responsabilidade e a percepção do real significado de um envolvimento sexual (BRAGA, RIOS e VALLE, 2008).

Existem diferentes percepções entre os adolescentes com relação à iniciação sexual. De acordo com alguns autores (e.g. OLIVEIRA e FAVERO, 2009; MARTINS et al., 2012a), para as meninas, frequentemente, o início da vida sexual está ligado ao sentimento, à afetividade, ao compromisso e à estabilidade do relacionamento enquanto para os meninos está ligado à curiosidade, ao prazer, à prova de masculinidade e virilidade. Santos, Campos e Santos (2012) apontam que muitas meninas iniciam tardiamente a sua vida sexual baseada na influência da família, que determina a sua conduta sexual, e que segue as demarcações sexuais impostas pela sociedade de forma rígida e estereotipada na qual há um tabu quanto à sua iniciação sexual e o incentivo à preservação de sua virgindade até o casamento, enquanto que o menino tem mais liberdade e oportunidades para iniciar sua vida sexual, fomentado por concepções machistas. Essas diferenças estão atreladas ao processo construção de gênero na sociedade que demarca os papéis sexuais de cada indivíduo baseado em valores que legitimam padrões já existentes como a submissão feminina e a conduta machista.

Martins et al. (2012b) consideram que os mitos e tabus que permeiam a sociedade reforçam o padrão sexual e isto pode afetar o desenvolvimento sexual do adolescente. As autoras sugerem desmitificar os conceitos equivocados e orientar os adolescentes para que possam exercer sua sexualidade de forma segura e plena. Gubert e Madureira (2008) ressaltam que a sexualidade é tratada de forma diferenciada para meninos e meninas, sendo baseada na maneira como a sociedade atribui valores e significados as diferenças biológicas existentes entre ambos (RESSEL et al., 2011). Meninos são estimulados à iniciação sexual precoce principalmente com alguém do sexo oposto para mostrar sua masculinidade, enquanto as meninas são estimuladas a adiar a sua primeira relação sexual. Segundo Moreira e Santos (2011), a virgindade é um ponto central que interfere na decisão de iniciar ou não a vida sexual, principalmente para as adolescentes, o que as leva a experimentarem sensações de medo e desejo na vivência da prática sexual.

A iniciação sexual não pode ser entendida simplesmente como a primeira relação sexual, mas como um processo que envolve fortemente as relações de gênero, moldadas pelo próprio significado atribuído culturalmente à sexualidade (Martins et al., 2012a, p.26).

O Gráfico 2 apresenta a distribuição das idades da primeira relação sexual dos 26 alunos que afirmaram ter vida sexual ativa.

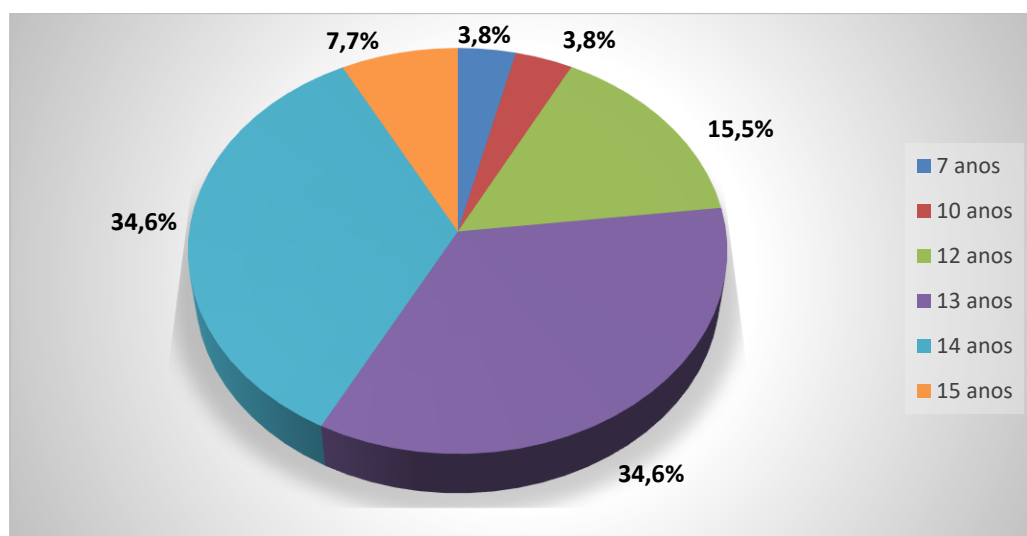


Gráfico 2: Idade da iniciação sexual dos alunos pesquisados. Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se que o início da vida sexual da maioria dos adolescentes pesquisados ocorreu entre os 12 e 14 anos de idade. Outros trabalhos realizados no Brasil encontraram dados semelhantes quanto à iniciação sexual de adolescentes para esta faixa etária (DÜSMAN et al., 2008; BRÊTAS et al., 2011; SILVA et al., 2015).

Um dado que nos chama a atenção é que dois participantes afirmaram ter iniciado sua vida sexual aos 7 anos de idade e aos 10 anos. Esse início tão precoce pode sugerir situações de abuso sexual. A escola é um importante local para identificação de comportamentos indicadores de violência sexual sofrida por crianças e adolescentes e, por isso, deve desempenhar papel ativo no combate abuso sexual infantojuvenil, de forma a garantir seus direitos e proteção (LESSA e MAYOR, 2019). Cabe destacar os impactos que este tipo de violência produz no desenvolvimento da criança e sua interferência direta nos aspectos físicos, comportamentais, cognitivos, emocionais e psicológicos que podem persistir até a vida adulta (LESSA e MAYOR, 2019). Lino (2009) aponta que os danos emocionais e psicológicos decorrentes do abuso sexual sofrido pela criança são percebidos a longo prazo e podem resultar em comportamentos sexuais atípicos no futuro. Importante ressaltar também sua interferência no processo de ensino-aprendizagem.

Metade dos alunos pesquisados que declararam ter iniciado a vida sexual, tiveram somente um parceiro sexual (Gráfico 3). Um fator preocupante é o comportamento de risco apresentado pelos demais alunos pesquisados, que afirmaram ter se relacionado com mais de um parceiro sexual, que aliado ao não uso de preservativos, coloca-os em situação de vulnerabilidade em relação às IST.



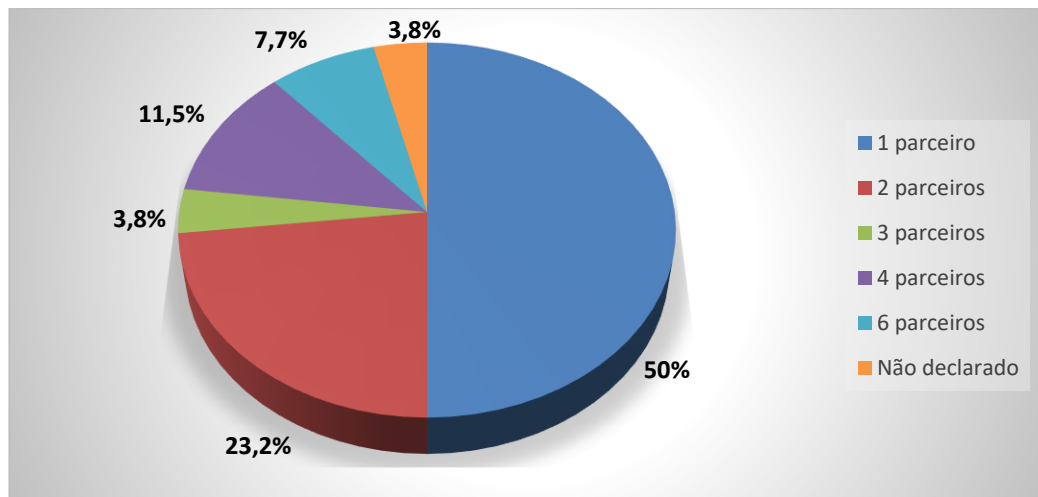


Gráfico 3: Número de parceiros sexuais dos alunos pesquisados. Fonte: Dados da pesquisa.

Os modelos sociais considerados hegemônicos são impostos para os indivíduos do sexo masculino e feminino e exercem influência no comportamento sexual dos adolescentes, uma vez que, segundo Taquette, Vilhena e Paula (2004), os meninos associam o sexo ao prazer e as meninas à procriação. Parece ser uma tendência o menino iniciar sua vida sexual mais cedo e ter várias parceiras sexuais, enquanto que para a menina exige-se abstinência sexual até o casamento e, posteriormente, fidelidade ao marido (TAQUETTE, VILHENA e PAULA, 2004; SILVA et al., 2015).

Dentre os 26 alunos que declararam ter vida sexual ativa, 34,6% afirmaram nunca ter utilizado qualquer método contraceptivo (Gráfico 4). Este é um dado preocupante, uma vez que, associado a outros comportamentos de risco evidenciados nesta pesquisa (início precoce da vida sexual e a variedade de parceiros), expõe os adolescentes pesquisados a situações de vulnerabilidade. Braga, Rios e Valle (2008) ressaltam que o grande desejo da descoberta do outro, leva os adolescentes a vivenciarem a prática sexual sem os devidos cuidados, não atentando para as responsabilidades a serem assumidas por tal prática. Para vivenciar o sexo de maneira saudável e sem riscos torna-se essencial o conhecimento sobre os métodos contraceptivos, uma vez estes são capazes de prevenir uma gravidez indesejada e, em alguns casos, evitar a exposição dos adolescentes às IST (SANTOS e NOGUEIRA, 2009).

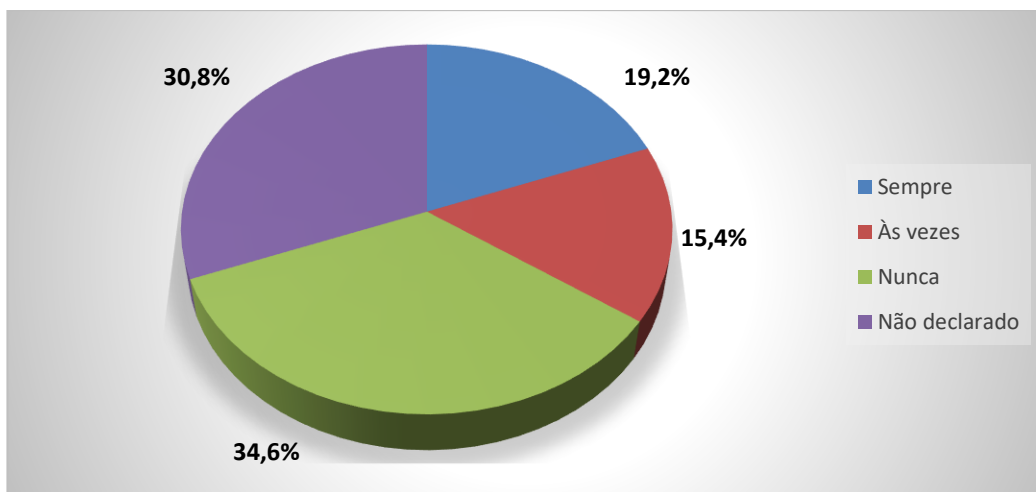


Gráfico 4: Frequência do uso de métodos contraceptivos pelos alunos pesquisados. Fonte: Dados da pesquisa.

Dos adolescentes que declararam fazer uso de métodos contraceptivos, 15,4% utilizam a camisinha, mesmo percentual dos que utilizam a pílula anticoncepcional (Gráfico 5). Merece destaque o grande percentual de alunos que não declarou qual método contraceptivo utilizou, o que pode sugerir falta de conhecimento, o que segundo Barreiros, Guazzelli e Moron (2005), é um obstáculo quando à sua utilização por adolescentes. Os autores destacam outros fatores que contribuem para não utilização destes métodos contraceptivos, tais como medo, conflito com a religião, receio dos efeitos adversos, não acesso ao serviço de saúde e a reprovação dos pais.

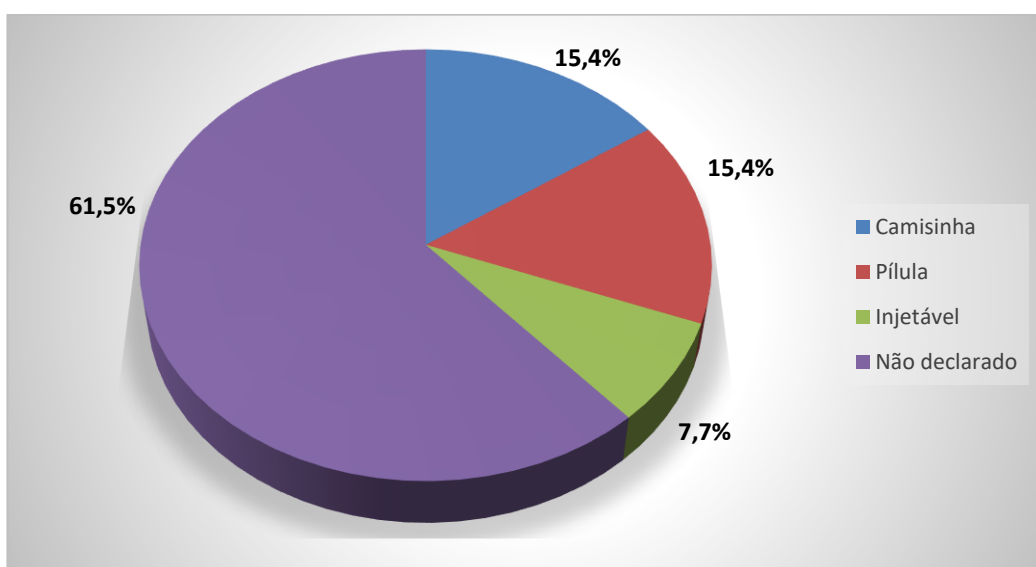


Gráfico 5: Métodos contraceptivos utilizados pelos alunos pesquisados. Fonte: Dados da pesquisa.

Nos dados obtidos na presente pesquisa, ficou evidenciado que somente as meninas utilizam algum tipo de contraceptivo, o que sugere que elas apresentam certa preocupação com a possibilidade de uma gravidez indesejada e suas consequências. Cabe destacar que poucas fazem a associação entre dois tipos de métodos contraceptivos; uso conjunto de camisinha, pílula anticoncepcional ou injetável. Berlofi et al. (2006) apontam que o uso de preservativo isolado ou combinado com outro contraceptivo pode representar uma maior conscientização por parte dos adolescentes em relação à dupla proteção oferecida contra IST e gravidez. Molina et al. (2015) ressaltam que as meninas que utilizam pílula com parceiros que utilizam a camisinha, muitas vezes, mostram a preocupação em se prevenir contra as IST, porém tendem a abandonar o seu uso uma vez que se estabelece uma relação de confiança com o parceiro.

A indisponibilidade de camisinha na hora do ato sexual, a diminuição da sensibilidade, a utilização apenas com garotas promíscuas, o incômodo gerado e a quebra do clima são os principais motivos para o não uso da camisinha pelos meninos (PEREIRA e COSTA, 2010; AQUINO e BRITO, 2012). Quanto às meninas, não raro se sentem desconfortáveis em pedir ao parceiro para utilizá-la e, destacam ainda, que algumas não exigem seu uso por confiarem na fidelidade de seus parceiros.

Molina et al. (2015) destacam que os adolescentes do sexo masculino utilizam camisinha de forma esporádica com receio de prejudicar o seu desempenho sexual devido a interrupção do ato sexual para a colocação da mesma, fazendo a opção pelo coito interrompido e para as meninas, o uso da camisinha é subordinado à vontade do parceiro ou substituído pela confiança no relacionamento existente entre ambos. Este fato mostra a dificuldade de negociação para o uso da camisinha para os adolescentes de ambos os sexos.

Brêtas et al. (2011) ressaltam que a assimetria de gênero se reflete na negociação do uso da camisinha no início da vida sexual, pois o homem tem o poder de decisão quanto ao seu uso e a mulher a perda da capacidade de negociação mesmo com pleno conhecimento dos riscos aos quais estão expostos. Os autores ressaltam a necessidade de trabalhar a questão de gênero com vistas a diminuir a relação de poder existente entre os sexos quanto ao uso da camisinha.

A camisinha e a pílula anticoncepcional são os métodos mais citados por adolescentes participantes de outros estudos (e.g. FIEDLER, ARAÚJO e SOUZA, 2015; GONDIM et al., 2015; MOLINA et al., 2015). Segundo Fiedler, Araújo e Souza (2015), a camisinha é um método amplamente divulgado pela mídia e o seu uso é incentivado em

função das campanhas de prevenção contra as IST. Porém, há críticas quanto a este tipo de iniciativa promovida pelo governo federal, pois não há mudança de comportamento da população de adolescentes, uma vez que não há construção de novos conhecimentos. Outro dado importante destacado pelos autores é o conhecimento superficial acerca dos métodos contraceptivos, apresentando por muitos adolescentes, permeado por mitos, como por exemplo o de que a camisinha interfere no prazer sexual do homem (BRÊTAS, et al., 2011), o que dificulta a sua utilização e/ou utilização de forma inadequada. Silva et al. (2015) destacam que entre os jovens há uma tendência a não utilização de camisinha associada à dificuldade de propor o seu uso quando se inicia a vida sexual muito cedo ou quando a relação sexual é definida como casual o que demonstra a falta de responsabilidade, informação e consciência sobre as IST e gravidez não planejada.

A popularidade da pílula anticoncepcional se dá por ser uma forma reversível de contracepção, além ser eficaz, segura e de fácil utilização (PEREIRA e TAQUETTE, 2005). Os contraceptivos injetáveis têm se tornado uma boa opção para as mulheres que se esquecem de tomar a pílula diariamente, com a vantagem de serem administrados a cada um ou três meses (PEREIRA e TAQUETTE, 2005).

A criação da pílula anticoncepcional possibilitou mudanças significativas para a mulher como a sua inserção no mercado de trabalho e uma liberdade sexual até então desconhecida (SANTOS e NOGUEIRA, 2009). As autoras destacam que esse método contraceptivo trouxe para a mulher um maior controle sobre sua sexualidade, dissociando prazer de reprodução. Seu uso trouxe maior liberdade à mulher para o exercício de sua vida sexual sem a penalização de uma gravidez indesejada (MONTEIRO e MONTEIRO, 2005). Contudo, cabe ressaltar a pílula anticoncepcional não previne contra uma possível IST.

Dentre os alunos pesquisados que afirmaram ter vida sexual, 53,9% afirmaram não ingerir bebidas alcoólicas antes das relações sexuais e 42,3% afirmaram ingerir às vezes. Apesar de a venda de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos ser proibida no país pela Lei 8.069 (BRASIL, 1990), é comum o consumo de álcool pelos jovens em casa, em festas e em locais públicos (PECHANSKY, SZOBOT e SCIVOLETTO, 2004; CAVALCANTE, ALVES e BARROSO, 2008; MIOZZO et al., 2013). Observa-se que não há um cumprimento da lei, o que favorece sua experimentação, seu consumo sem controle e, em alguns casos, sua dependência. Há na literatura (e.g. CAVALCANTE, ALVES e BARROSO, 2008; DALLO e MARTINS, 2018), trabalhos que destacam que

o excesso do uso de álcool por adolescentes pode levá-los a se envolverem em atividades sexuais sem proteção expondo-os às IST e o risco de gravidezes indesejadas.

O uso de bebida alcoólica antes de uma relação sexual pode estar associado à crença popular de que seu consumo pode melhorar o desempenho sexual e com isso aumentar o prazer. Além disso, o uso de álcool está associado à diminuição da ansiedade ou da inibição, o que favorece seu consumo, uma vez que, sob o efeito da bebida alcoólica, o adolescente sente-se desinibido para praticar o ato sexual (SILVA et al., 2015; DALLO e MARTINS, 2018). Martins et al. (2012b) pontuam que muitos adolescentes confundem a perda da inibição e o impulso para a tomada de decisão com o aumento do desejo sexual e destacam este fato como um fator para início da vida sexual precoce. Por isso o uso de bebida alcoólica pelos adolescentes é considerado um fator de risco para IST, visto que tendem a não utilizar camisinha nas relações sexuais, a trocar de parceiros, entre outras práticas sexuais de risco (MIOZZO et al., 2013; SILVA et al., 2015). Segundo Dallo e Martins (2018), o uso de álcool pode interferir no discernimento de condutas sexuais de risco uma vez que a perda da atenção e da percepção leva a práticas sexuais sem uso de camisinha.

Quanto ao uso de drogas ilícitas antes das relações sexuais, 88,5% dos alunos pesquisados afirmaram nunca ter usado (Gráfico 6). Mesmo não havendo indícios de uso de drogas ilícitas por parte dos adolescentes pesquisados, é importante atentar que a adolescência é uma fase favorável à experimentação/consumo de drogas (SCHENKER e MINAYO, 2005).

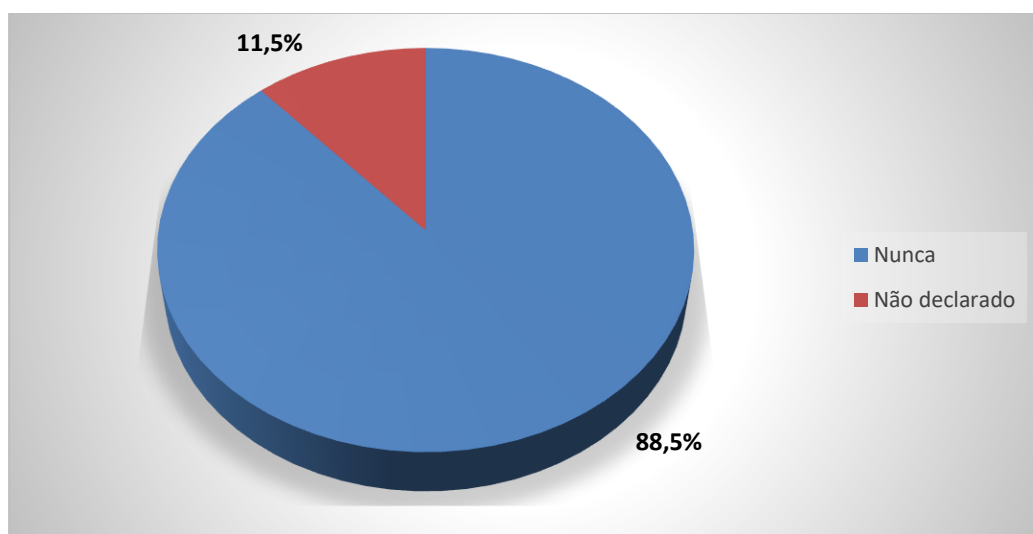


Gráfico 6: Frequência do uso de drogas ilícitas antes das relações sexuais pelos alunos pesquisados. Fonte: Dados da pesquisa.

Tavares et al. (2017) destacam que é comum na adolescência a ocorrer oscilações emocionais das quais emergem sentimentos de tristeza, revolta e até mesmo depressão, que deixam o adolescente mais vulnerável e este pode encontrar nas drogas efeitos que ‘mascaram’ situações conflitantes internas ou sociais. Segundo Campos et al. (2019), o uso de álcool se inicia, aproximadamente, aos 11 anos de idade, enquanto as drogas ilícitas aos 14 anos. Isto sugere que o consumo de álcool pode ser o ponto de partida para início do consumo de drogas ilícitas. Os autores destacam a instabilidade da relação familiar, a falta de ações educativas de prevenção ao uso de drogas nas escolas, as condições socioeconômicas desfavoráveis e a influência do grupo social como alguns dos fatores que podem levar os adolescentes ao consumo de drogas ilícitas.

A maioria dos alunos pesquisados (78,5%) afirmou ter acesso às informações sobre a vida sexual (Gráfico 7). Embora a maioria dos adolescentes afirmou ter acesso a informações sobre a vida sexual, Campos et al. (2018) apontam que o acesso a estas informações podem não ser suficientes para levá-los a mudança de comportamentos, porém podem favorecer a construção de conhecimentos na medida em que considerar não só os aspectos cognitivos, mas também os afetivos.

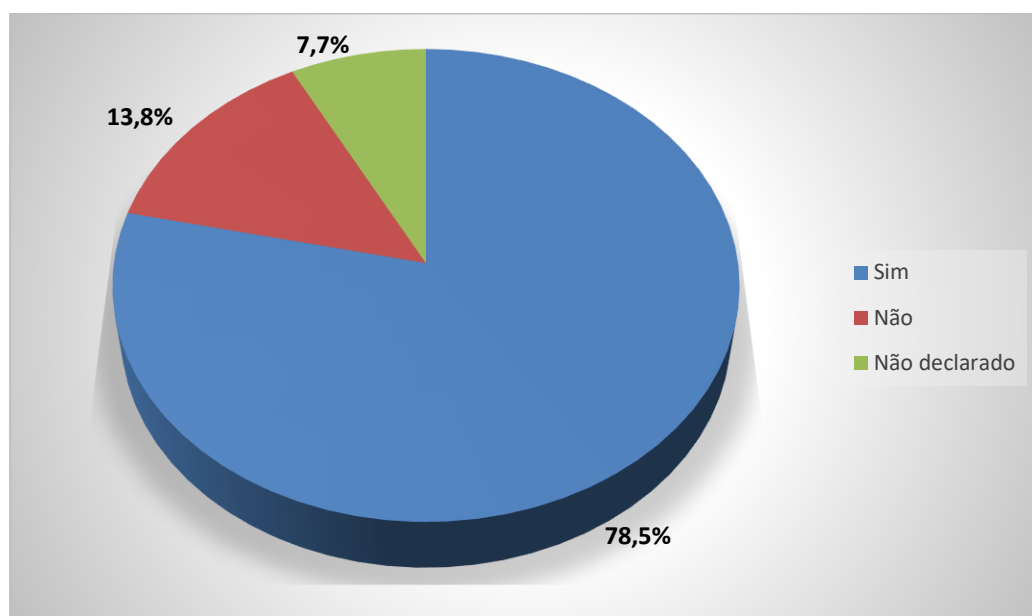


Gráfico 7: Acesso às informações sobre a vida sexual pelos alunos pesquisados. Fonte: Dados da pesquisa.

Ainda que em menor percentual, alguns adolescentes declararam não ter acesso a informações sobre vida sexual. Gondim et al. (2015) sugerem que os adolescentes podem

estar diante de informações equivocadas, que podem interferir de maneira negativa em suas práticas sexuais. As autoras ressaltam que alguns deles podem ter dificuldades e não ter acesso a informações adequadas acerca da temática por diversos motivos, dentre os quais vergonha, falta de interesse, acharem que não precisam, desconhecimento de fontes confiáveis ou por acharem que sabem o suficiente.

Família (32,4%), amigos (31,1%) e internet (28,3%) destacam-se como as principais fontes de informações sobre vida sexual pelos adolescentes pesquisados (Gráfico 8), dados semelhantes aos obtidos por Furlanetto, Marin e Gonçalves (2019).

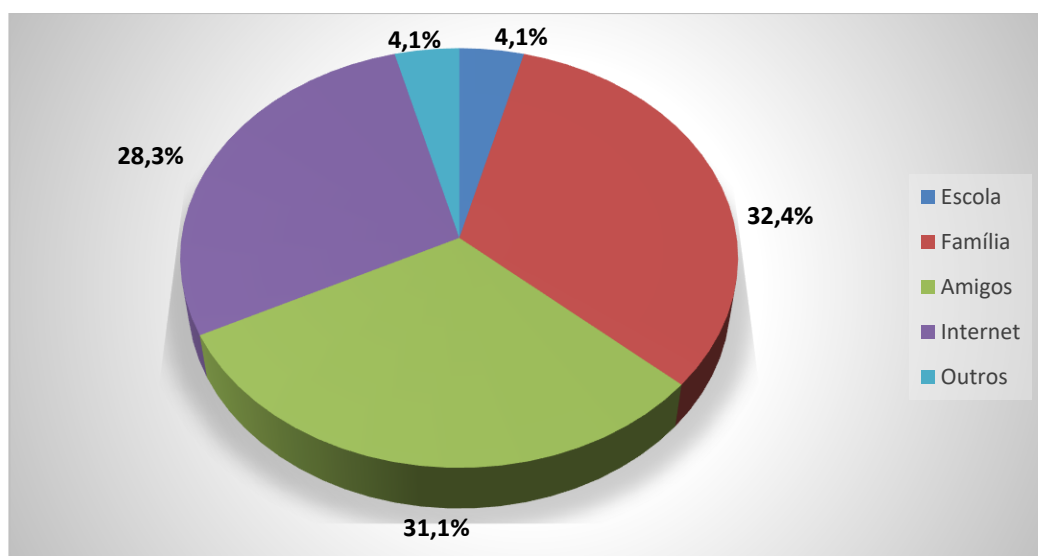


Gráfico 8: Fonte de informações sobre a vida sexual informados pelos alunos pesquisados. Fonte: Dados da pesquisa.

Segundo Gondim et al. (2015), a informação é um recurso que se faz necessário para que os adolescentes possam ter uma vida sexual mais saudável. As autoras destacam que, não raro, as informações que os pais passam para seus filhos são limitadas e por vezes baseadas na imposição de regras de comportamento sexual que estão relacionadas a valores que visam manter o sistema familiar. Nesse sentido, é importante destacar o papel da escola e dos professores como fontes confiáveis de informações acerca de temas relacionados à vida sexual. Cabe destacar que a família e a escola possuem papéis diferentes e insubstituíveis (BRÊTAS et al., 2011), porém ambas atuam de forma complementar na educação sexual dos adolescentes.

Apesar de a família ser o primeiro local onde muitos adolescentes têm as primeiras noções e valores sobre a vida sexual, ainda existem barreiras advindas das vivências sexuais dos pais marcadas pela repressão da sexualidade que dificultam a abordagem

desta temática com os filhos, de forma as informações apresentadas podem ser muitas vezes superficiais, limitadas e até mesmo pontuais (FURLANETTO, MARIN e GONÇALVES, 2019).

Adolescentes que não recebem da família informações sobre aspectos relacionados à sexualidade, frequentemente as buscam com amigos ou outras fontes que podem ser consideradas pouco preparadas (GOMES et al., 2002). Muitas informações relacionadas à vida sexual obtidas pelos adolescentes por meio da televisão, internet e amigos, não raro, são incompletas, errôneas ou inconsistentes (NETO et al., 2012).

Importante atentar para o envolvimento do adolescente com grupo de amigos que possuem comportamentos de risco e que pode influenciá-los a ter os mesmos comportamentos (FURLANETTO, MARIN e GONÇALVES, 2019). Por esta razão, Santos e Nogueira (2009) destacam a necessidade de diálogo entre pais e filhos, de forma a estreitar seu relacionamento (SANTOS, CAMPOS e SANTOS, 2012), de forma que se sintam confortáveis e não busquem informações equivocadas em outras fontes.

Adolescentes estão expostos ao excesso de informações sobre a sexualidade disponibilizadas na internet, o que pode deixá-los vulneráveis a situações de risco (DÜSMAN et al., 2008; FURLANETTO, MARIN e GONÇALVES, 2019), dada a esperada imaturidade que pode dificultar o reconhecimento de informações corretas e de qualidade.

Um fator importante que deve ser discutido é o fato de a escola ser pouco citada, sugerindo que os adolescentes pesquisados não a reconhecem como fonte segura de informação sobre a temática e, portanto, não cumpre o papel de contribuir para a formação integral dos indivíduos (CANO e FERRIANI, 2000).

Segundo Santos, Campos e Santos (2012, p.4), “a escola não vem de fato assumindo seu papel, que é também de participar das transformações socioculturais ligadas à questão sexual, padecendo de limitações estruturais que são as mesmas que acompanham e configuram a sociedade brasileira”. Neste sentido, percebe-se que a escola não está alinhada às transformações do mundo e apresenta limites quanto a abordagem desta temática com os adolescentes.

A indicação de amigos e internet como fontes de informação sobre a temática é preocupante, tendo em vista que, como mencionado anteriormente, a possibilidade de disseminação de informações equivocadas pode colocar os adolescentes em situações de risco (PEREIRA e COSTA, 2010), sendo, portanto, necessária uma aproximação entre adolescentes, família e escola, com destaque para a atuação do professor neste processo.



Santos, Campos e Santos (2012) ressaltam que com a exceção dos livros didáticos e professores as demais fontes de informações sobre a sexualidade não são seguras e nem significativas para a formação do adolescente, pois podem apresentar conceitos e informações errôneas acerca da temática.

Nesta pesquisa, 43,1% dos adolescentes manifestaram que se sentem à vontade de falar sobre sexo e quase a mesma proporção apontam que depende da pessoa (41,5%) expressando que necessita que seja alguém de sua confiança (Gráfico 9).

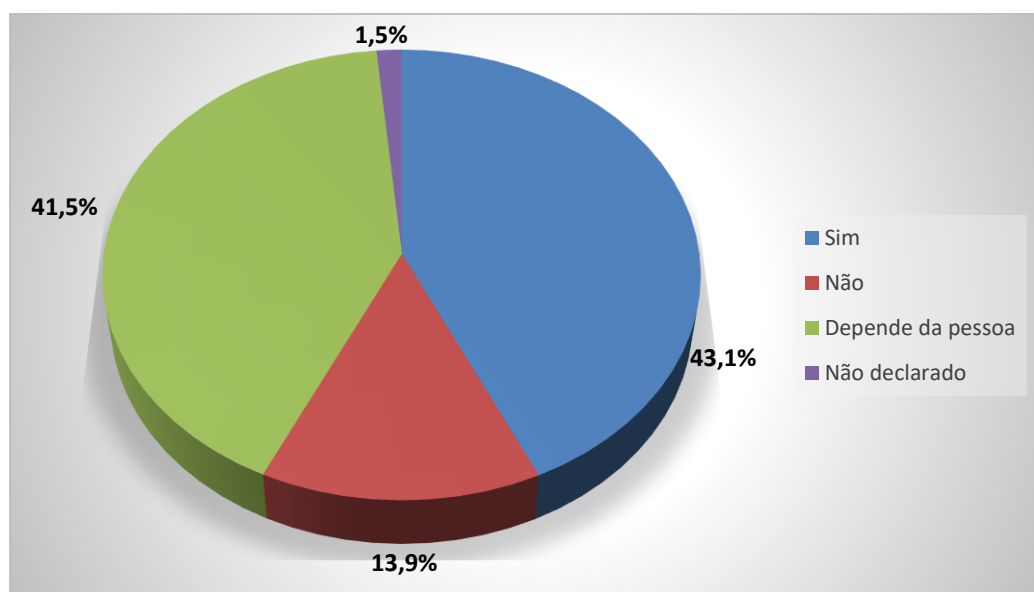


Gráfico 9: Manifestação da vontade para falar sobre sexo indicada pelos alunos pesquisados. Fonte: Dados da pesquisa.

Foucault (1988) mostra que desde que o sexo foi associado à procriação, este ato era considerado exclusivo dos pais dentro no ambiente familiar e em torno disso de mantinha o silêncio para que este assunto ficasse restrito aos pais, cabendo a eles ditar as normas, deter a verdade e guardar o direito de falar sobre sexo. Falar sobre sexo ou qualquer assunto relacionado a sexualidade era proibido entre as crianças e adolescentes e assim estas eram impedidas de manifestar qualquer tipo de interesse pelo assunto (FOUCAULT, 1988).

Moizés e Bueno (2010) mostram que o sexo foi um assunto velado por muitos anos por ser considerado algo obsceno, sujo, pecaminoso e, por vezes, proibido. Ainda hoje, o tema nos remete a valores e crenças revestidos de preconceitos, tabus, mitos e estereótipos.

Em meio as transformações sociais vigentes, Heilborn (2012) aponta que ainda existe o contraste da categorização de gênero que permeia a cultura sexual mostrando que para o gênero feminino o sexo está associado a afetividade, enquanto que para o gênero masculino está associado à demonstração de sua virilidade. Tal condição reflete em um sistema que determina as relações entre os indivíduos.

Não raro, adolescentes tendem a ter relações sexuais por pressão do seu grupo social, porém o sexo ainda é algo desconhecido por uma boa parte deles (SOUSA, FERNANDES e BARROSO, 2006). Nery et al. (2015b) apontam que muitos jovens ainda atribuem ao sexo e à sexualidade o mesmo significado associado a reprodução, o que dificulta a identificação de suas próprias percepções acerca do tema. Os autores salientam que sexo se constitui no ato sexual e a sexualidade abrange toda a subjetividade envolvidas em torno do sexo.

Quanto às pessoas com as quais os adolescentes pesquisados sentem-se à vontade para falar sobre sexo, é importante destacar que professores e profissionais da saúde não foram citados por nenhum dos adolescentes pesquisados (Gráfico 10).

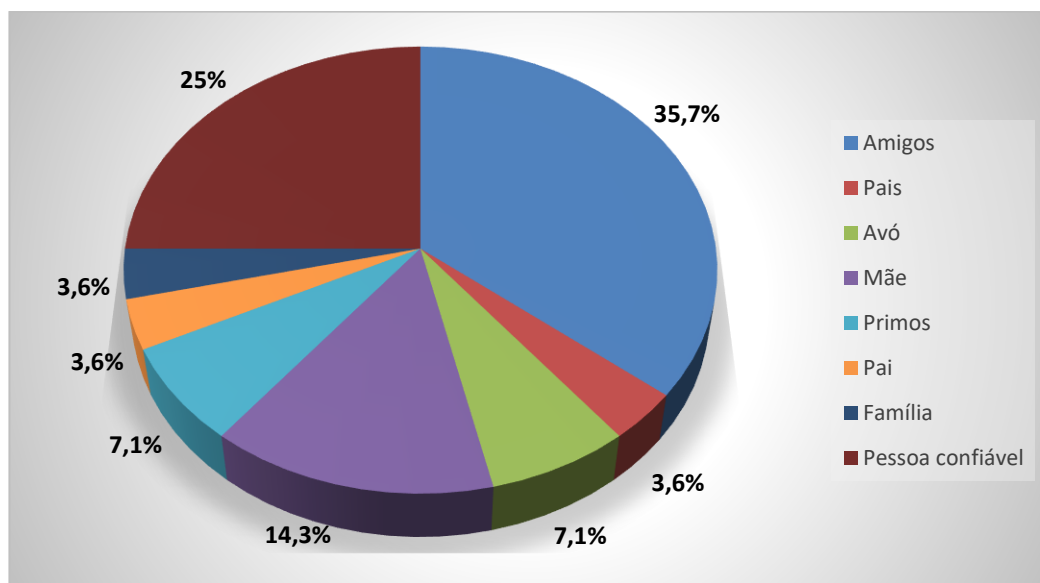


Gráfico 10: Pessoas com as quais os alunos pesquisados sentem-se à vontade para conversar sobre sexo. Fonte: Dados da pesquisa.

Esses dados se aproximam com os obtidos por pesquisa Vonk, Bonan e Silva (2013), segundo os quais, professores e profissionais da saúde foram pouco citados. Isto sugere que estes profissionais podem não estar cumprido o papel de orientar os adolescentes no início da vida sexual, uma vez que os adolescentes não os veem como

referência para abordagem da temática. Campos et al. (2018) ressaltam que é necessário que se estabeleça uma relação de confiança entre os profissionais da educação e da saúde com os adolescentes para garantir-lhes o acesso a informações de qualidade, levando-os a adotar práticas sexuais mais seguras. Os autores também afirmam que muitos adolescentes tendem a ter suas experiências sexuais e trocar informações com amigos menos experientes, deixando evidente sua preferência em conversar sobre sexo com alguém de sua confiança.

Zocca et al. (2015) apontam que adolescentes do sexo masculino se sentem mais à vontade para falar sobre sexualidade com os amigos, enquanto as adolescentes preferem conversar com os pais. Os autores ressaltam que os adolescentes preferem conversar com pessoas em quem realmente confiam do que com pessoas que tenham a intenção de ditar normas sobre o seu comportamento ou lhe dar conselhos.

Na família, a mãe, frequentemente, assume o protagonismo na orientação de suas filhas em relação a vida sexual. Ressel et al. (2011) mostram que a relação de confiança estabelecida entre a mãe e a adolescente reforça a figura materna como a principal responsável pelo preparo da adolescente para a vivência de sua sexualidade. Em contrapartida, a figura do pai, por meio de uma postura repressiva, intimida as adolescentes a procurá-lo na busca de informações sobre as questões relativas à vida sexual. Oliveira e Favero (2009) ressaltam a importância da troca de informação entre a adolescente e a mãe e destacam sua contribuição para o exercício da sexualidade mais responsável e segura, uma vez que fomenta o aumento do nível de comunicação com o parceiro.

Gubert e Madureira (2008) apontam que entre adolescentes do sexo masculino, os amigos aparecem como a principal fonte de informação sobre sexo e sexualidade. As autoras sugerem que a dificuldade de conversar com pais e professores é o que os leva a buscar informações com os amigos e destacam que a curiosidade e dúvidas em relação a sexualidade dos meninos são negligenciadas, uma vez que há crença de que existe um instinto sexual considerado natural e que, por isso, não precisam de orientação. Sousa, Fernandes e Barroso (2006) mostram que muitos pais não conversam sobre sexo com seus filhos embasados na crença de que pode induzi-los a tal prática e por isso procuram manter o silêncio sobre o assunto.

Independente do sexo, adolescentes carecem e anseiam por informações sobre questões relacionadas à sexualidade, sobretudo, porque estão cada vez mais expostos a informações equivocadas e inadequadas, pois recorrem, frequentemente, a fontes pouco

seguras e confiáveis. Oliveira e Favero (2009) destacam a falta de educação sexual na família e na escola, o que faz com estes busquem informações sobre a sexualidade em fontes pouco seguras. Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013) apontam que a família e a escola são corresponsáveis pela formação do indivíduo e devem se envolver na educação sexual dos adolescentes, a fim de proporcionar esclarecimentos e reflexões para que eles desfrutem de sua sexualidade de forma saudável e responsável, livres de preconceitos e tabus.

A maioria dos alunos pesquisados afirmou já ter ouvido falar sobre o HPV (84,6%) (Gráfico 11). Esses dados corroboram com a pesquisa de Castro e Silvério (2018), realizada com meninas 12 a 15 anos, onde foi constatado que 65% delas já tinham ouvido falar sobre o HPV, porém não sabiam explicar ou possuíam informações insuficientes sobre o vírus.

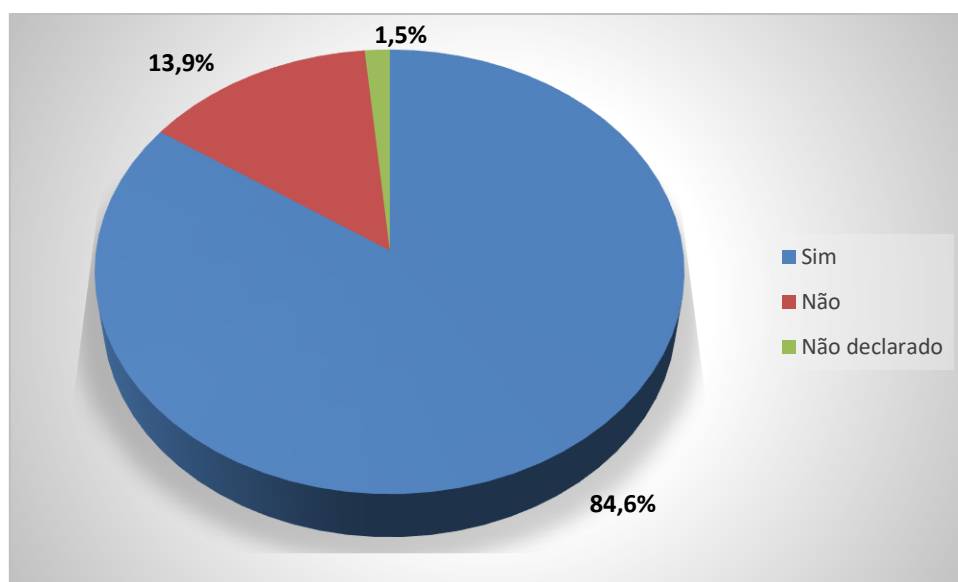


Gráfico 11: Conhecimento dos alunos pesquisados sobre o HPV. Fonte: Dados da pesquisa.

A pesquisa realizada por Silva et al. (2017), com pais e responsáveis de meninas adolescentes, evidenciou que apesar de a maioria dos participantes apresentar pouco conhecimento sobre o vírus, sua relação com o câncer de colo de útero era conhecida, sugerindo que estas informações podem ter sido repassadas pela mídia ou por profissionais da saúde. Tal fato sugere que as informações sobre o HPV apresentadas a este público foram bastante limitadas, uma vez que houve associação apenas à prevenção do câncer de colo de útero como benefício da vacina. Importante destacar seu papel na

prevenção de outras doenças causadas pelo vírus, como as verrugas genitais e outros tipos de cânceres.

Dos 55 alunos pesquisados que já ouviram falar do HPV, somente 39 responderam o que é o HPV. Dentre as respostas citadas, 21 participantes afirmaram que é uma IST, 4 participantes não souberam explicar, 2 participantes não lembraram o que é, 3 participantes afirmaram ser uma vacina, 3 participantes afirmaram ser uma doença sem especificar, 2 participantes afirmaram ser um vírus, 2 participantes afirmaram ser o câncer de colo de útero, 1 participante afirmou ser uma injeção para não pegar doença e 1 participante afirmou ser uma campanha contra IST.

Observou-se que os alunos confundem o HPV com os termos “vacina”, “injeção” e “campanha”, apresentam conceitos equivocados ao afirmarem que o HPV é uma IST e poucos o reconhecem como um vírus. Frente às respostas, observa-se que o conhecimento sobre o vírus apresentado pelos alunos pesquisados ainda é muito vago e confuso. Panobianco et al. (2013) apontam que muitos adolescentes possuem conceitos errôneos e concepções equivocadas sobre o HPV devido à falta de informações adequadas a respeito do vírus o que pode interferir de maneira negativa no seu comportamento de prevenção, inclusive na adesão à vacina.

Outro fato preocupante demonstrado nesta pesquisa foi que a maioria dos alunos pesquisados demonstrou a falta de conhecimento sobre as doenças causadas pelo HPV (75,4%) (Gráfico 12). Parte dos alunos pesquisados confundiu o vírus com doenças transmitidas pelo contato sexual. Não foi demonstrado o reconhecimento do vírus como agente etiológico de condiloma acuminado (verrugas genitais) e apenas dois alunos pesquisados citaram o câncer de colo do útero, o que demonstra certo desconhecimento do vírus como agente etiológico de outros tipos de cânceres que afetam a região anogenital.

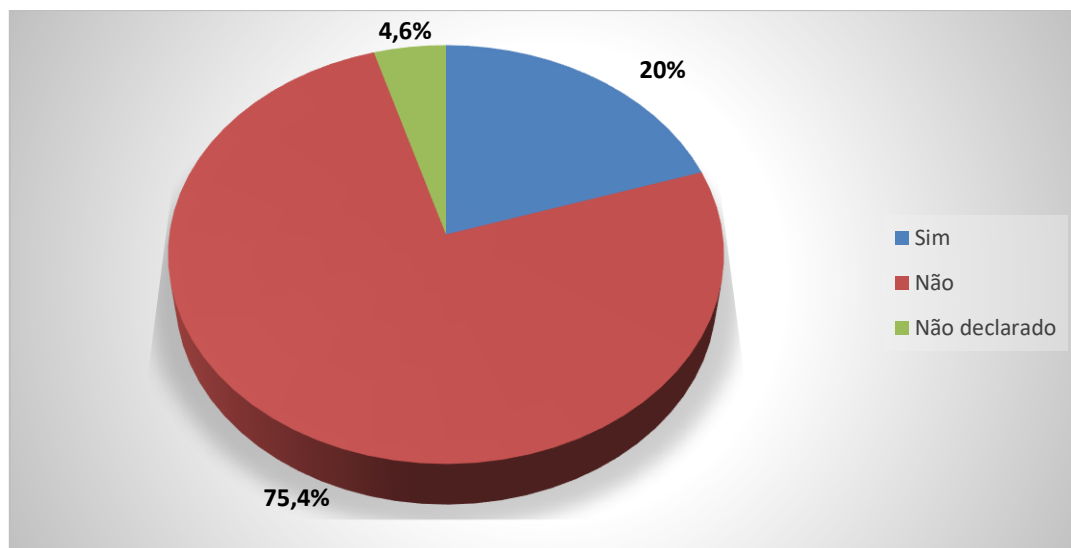


Gráfico 12: Conhecimento dos alunos pesquisados acerca das doenças causadas pelo HPV. Fonte: Dados da pesquisa.

Costa e Goldenberg (2013) apontam em seus estudos que 55% dos alunos pesquisados não responderam sobre as doenças associadas à infecção pelo HPV, o que mostra a falta de informação a respeito do assunto. Contudo alguns deles afirmaram que o HPV pode levar ao câncer de colo de útero, mostrando o reconhecimento desta relação, porém não foi considerado, como na presente pesquisa, a relação do respectivo vírus com os outros tipos de cânceres que acometem ambos os sexos.

Em sua pesquisa, Costa e Goldenberg (2013) mostram que a maioria dos alunos reconhece que tanto homem quanto a mulher podem se infectar pelo HPV, porém acreditam que a doença decorrente da infecção por este vírus acomete mais a mulher do que o homem. As autoras apontam que os alunos do sexo masculino afirmaram que as consequências das doenças causadas pelo HPV são mais graves para as mulheres, o que demonstra diferenciais de gênero que podem interferir na prevenção contra o HPV uma vez que isto pode incidir na negação do risco de contrair o vírus e desenvolver doenças pelo público masculino, como por exemplo, o câncer de pênis. Osis, Duarte e Sousa (2014) apontam a prevalência das relações de gênero quanto a educação dos homens em relação à saúde sexual, uma vez que tendem a ser mais resistentes a comportamentos de prevenção deixando esta iniciativa, exclusivamente, a cargo das mulheres, principalmente em relação a infecção pelo HPV, o que representa risco para os homens, mas com maior intensidade para as mulheres.

Quanto ao conhecimento sobre a transmissão do HPV, 73,9% afirmaram saber como ocorre a transmissão do vírus (Gráfico 13). Como observado nas respostas em

relação ao que seria o HPV, muitos alunos pesquisados fizeram associar o vírus com as doenças relacionadas ao contato sexual e isto sugere que eles reconhecem que a transmissão do vírus se dá pelo contato sexual.

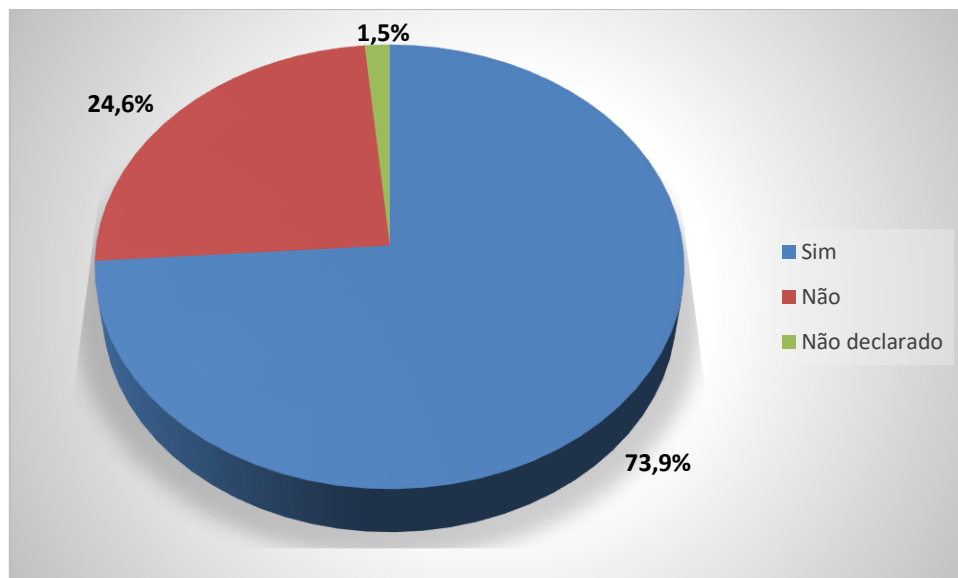


Gráfico 13: Conhecimento dos alunos pesquisados sobre a transmissão do HPV. Fonte: Dados da pesquisa.

É importante reconhecer que a transmissão do HPV não está restrita apenas a via sexual e esta pode ocorrer por outras condições como contato com as mãos, objetos, roupas íntimas e vaso sanitário (SILVA et al., 2017). As autoras ressaltam que o vírus pode apresentar-se assintomático e permanecer em estado latente no organismo, o que pode facilitar a sua transmissão entre a população.

Panobianco et al. (2013) apontam que o desconhecimento sobre o vírus, os sintomas e as suas formas de transmissão favorecem a infecção pelo HPV, principalmente entre os adolescentes que possuem comportamentos sexuais de risco por não reconhecerem a possibilidade de serem infectados e serem portadores do vírus, o que contribui para a sua disseminação. Cabe destacar que muitos indivíduos só têm ciência do problema quando manifestam a doença e necessitam de tratamento. Por essa razão, espera-se que o conhecimento sobre as formas de transmissão leve os indivíduos a adotarem um novo tipo de comportamento de prevenção contra o HPV (ABREU et al., 2018).

Quanto ao conhecimento sobre a prevenção contra o HPV, 83,1% afirmaram saber sobre os meios de prevenção (Gráfico 14). É notório as informações que os alunos

pesquisados possuem conhecimento sobre as IST e isto pode ter influenciado no reconhecimento do uso da camisinha como medida de prevenção contra HPV.

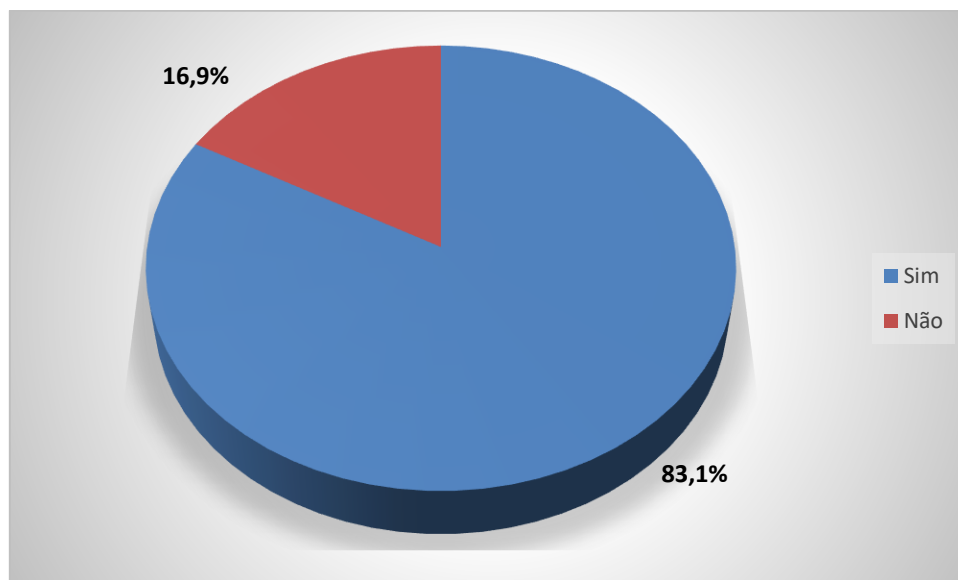


Gráfico 14: Conhecimento dos alunos pesquisados sobre a prevenção contra o HPV.  
Fonte: Dados da pesquisa.

O uso da camisinha é uma das formas de se prevenir contra uma infecção pelo HPV, uma vez que o vírus é contraído principalmente através das relações sexuais, porém o seu uso não elimina totalmente o risco de contrair o vírus (COSTA e GOLDENBERG, 2013, SILVA et al., 2017). Isto ocorre porque o HPV pode infectar áreas extragenitais que não são protegidas pela camisinha (BRASIL, 2017). A negação do uso da camisinha na prevenção contra o HPV por parte do sexo masculino é baseada tradicionalmente na hierarquia de gênero o que compromete a responsabilidade na prevenção contra o vírus seja compartilhada entre os parceiros (COSTA e GOLDENBERG, 2013).

A vacina é um método eficaz e seguro contra os tipos mais prevalentes do HPV, (subtipos 6, 11, 16 e 18) o que mostra que o indivíduo ficará exposto a outros tipos do vírus e, por isso, além da vacinação é importante adotar outros métodos de prevenção, como o uso da camisinha e a detecção precoce da infecção viral através de exames específicos (SANTOS e DIAS, 2018).

Quanto ao conhecimento sobre a existência da vacina contra o HPV, 83,1% dos alunos pesquisados sabiam da existência da vacina contra o HPV (Gráfico 15). O trabalho realizado por Abreu et al. (2018) mostrou que 49,7% dos participantes da pesquisa tinham



conhecimento sobre a existência da vacina e dentre eles 56,7% afirmaram ter conhecimento sobre o vírus. Os autores ressaltam que a veiculação da campanha da vacina contra o HPV promovida pelo Ministério da Saúde na televisão pode, de certa forma ter ampliado o conhecimento da população sobre a vacina, mas não sobre o vírus. Osis, Duarte e Sousa (2014) apontam que a mídia atua como a principal veiculadora de informações sobre a vacina contra o HPV, porém estas informações se mostram inadequadas e insuficientes para levar a população a adotar a vacina como medida de prevenção.

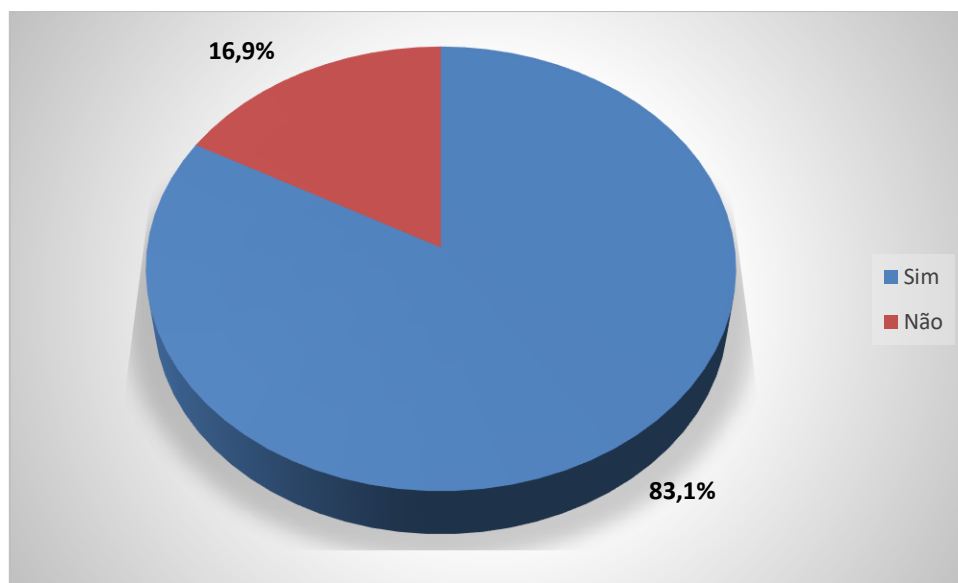


Gráfico 15: Conhecimento dos alunos pesquisados sobre a existência da vacina contra o HPV. Fonte: Dados da pesquisa.

Observou-se que apesar de 83,1% do total de alunos pesquisados saberem da existência da vacina apenas 67,6% aderiram à vacina contra o HPV (Gráfico 16). A adesão à vacina contra o HPV está estritamente associada ao conhecimento dos pais e/ou responsáveis e dos adolescentes em relação ao vírus e aos benefícios que a vacina pode trazer para a saúde dos adolescentes (CARVALHO et al., 2019). Silva et al. (2018) mostram que desde que a vacina contra o HPV foi implementada, muitas informações erradas veiculadas nos meios de comunicação acabam interferindo na adesão à vacina e o desconhecimento sobre sua segurança e eficácia faz com que muitos pais deixem de vacinar seus filhos. Por se tratar de uma vacina contra um vírus sexualmente transmissível, a adesão a esta vacina esbarra em muitas barreiras que perpassam pelos tabus que permeiam a discussão sobre a sexualidade, pela negação de que os adolescentes

se tornam sexualmente ativos e pela preocupação com a adoção de comportamentos sexuais de risco pelos adolescentes (SILVA et al., 2018). Neste contexto Silva, Oliveira e Galato (2019) alertam que os conhecimentos científicos sobre o HPV devem ser usados para o esclarecimento da população em relação ao vírus, o que pode contribuir para o aumento da adesão a vacina em contrapartida a carência de tais conhecimentos e informações distorcidas pode gerar medo e causar efeito contrário em relação a este método de prevenção.

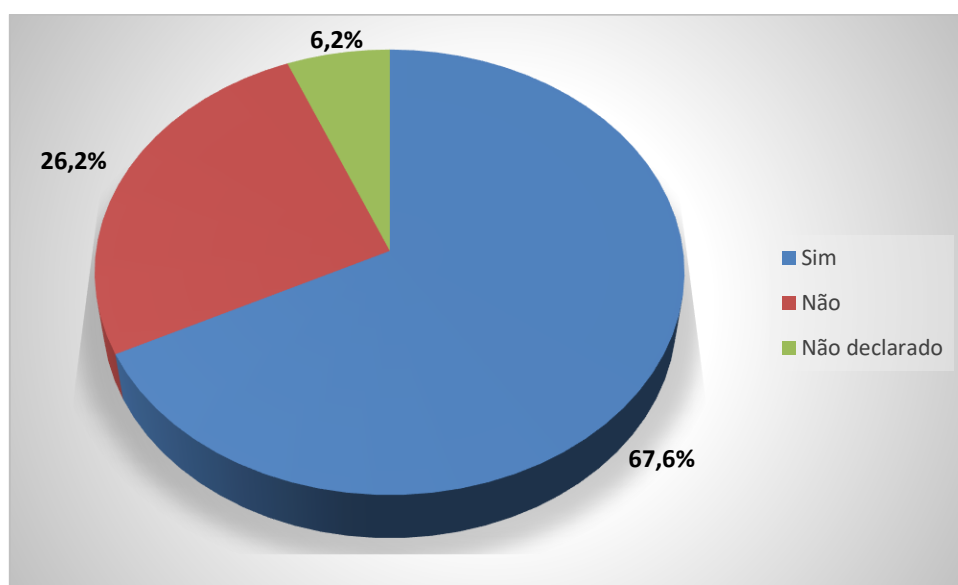


Gráfico 16: Adesão dos alunos pesquisados à vacina contra o HPV. Fonte: Dados da pesquisa.

Das 40 participantes do sexo feminino, tem-se 30 vacinadas, 9 não vacinadas e uma que preferiu não declarar. Dos 21 participantes do sexo masculino, tem-se 10 vacinados, 8 não vacinados e 3 que preferiram não declarar. Os 4 participantes que preferiram não declarar o sexo foram vacinados.

Observa-se nesta pesquisa maior porcentagem de meninas vacinadas em relação aos meninos. Souza et al. (2018) apontam que a aceitação da vacina por parte das meninas está diretamente associada ao conhecimento sobre a relação entre o HPV e câncer de colo de útero e ao reconhecimento dos benefícios que vacina pode trazer para saúde da adolescente. Kreuger, Lizott e Friedrich (2017) ressaltam que a prevalência do número de meninas vacinadas em relação ao número de meninos se justifica pelo fato de,

inicialmente, as campanhas de vacinação terem sido destinadas somente às meninas e a inclusão dos meninos ser um pouco mais recente.

Três alunos pesquisados relataram que não foram vacinados devido ao fato de ainda não terem tido relações sexuais. Esta falsa ideia de que a vacina é desnecessária para os que não tem vida sexual ativa é relatada por Ferreira et al. (2020) como um dentre vários motivos para não adesão dos adolescentes à vacina contra o HPV. Essa ideia é contrária a recomendação do Ministério da Saúde de que a vacina contra o HPV seja administrada antes do início da vida sexual do adolescente, ou seja, antes que seja exposto ao vírus, para obtenção de uma melhor resposta imunológica (BRASIL, 2018).

Alguns alunos relataram que não gostam de tomar vacina ou que se esqueceram de ir no dia marcado e outros ainda não sabiam explicar o motivo de não ter se vacinado. Viegas et al. (2019) apontam que de maneira geral muitos adolescentes deixam de se vacinar por motivos como esquecimento, falta de conhecimento e orientação, medo da injeção e dos efeitos adversos, influência da família, amigos e mídia, entre outros.

Fatores como o medo da dor, o receio da desaprovação da família e a incerteza sobre a eficácia da vacina são apontados por Sousa et al. (2018) como envolvidos no processo de aceitação da vacina contra o HPV pelos adolescentes e que os levam a recusá-la. Os autores destacam que a falta de informação adequada e os mitos em relação à infecção pelo HPV podem afetar a percepção da importância da vacina contra o vírus, o que mostra que existe uma lacuna de conhecimento sobre a vacina no que se refere à sua segurança e sua ação preventiva contra as verrugas genitais e câncer de colo de útero.

Outro fator que pode estar associado aos motivos para os adolescentes não terem se vacinado é a recusa dos pais e, conseqüente não autorização para a vacinação, influenciados pela crença de que a vacina contra o HPV pode estimular o início sexual dos seus filhos (PEREIRA e SOUZA, 2017, SILVA, OLIVEIRA e GALATO, 2019), induzi-los a promiscuidade e a abandonarem o uso da camisinha (SOUSA et al., 2018). Zanini et al. (2017) mostram que valores morais e crenças que permeiam algumas instâncias religiosas fazem com que a população negue a necessidade da vacina contra um vírus sexualmente transmissível, uma vez que pregam a abstinência sexual até o casamento como o único método de prevenção contra as IST, inclusive contra o HPV.

Observa-se no gráfico 17 que 75,4% dos alunos pesquisados sabem para que serve a vacina. Este dado contradiz ao fato de que a mesma porcentagem de alunos pesquisados apresentou sobre o desconhecimento sobre as doenças causadas pelo vírus (Gráfico 12)

e, portanto, era esperado que os mesmos não apresentassem o reconhecimento do papel da vacina na prevenção de tais doenças.

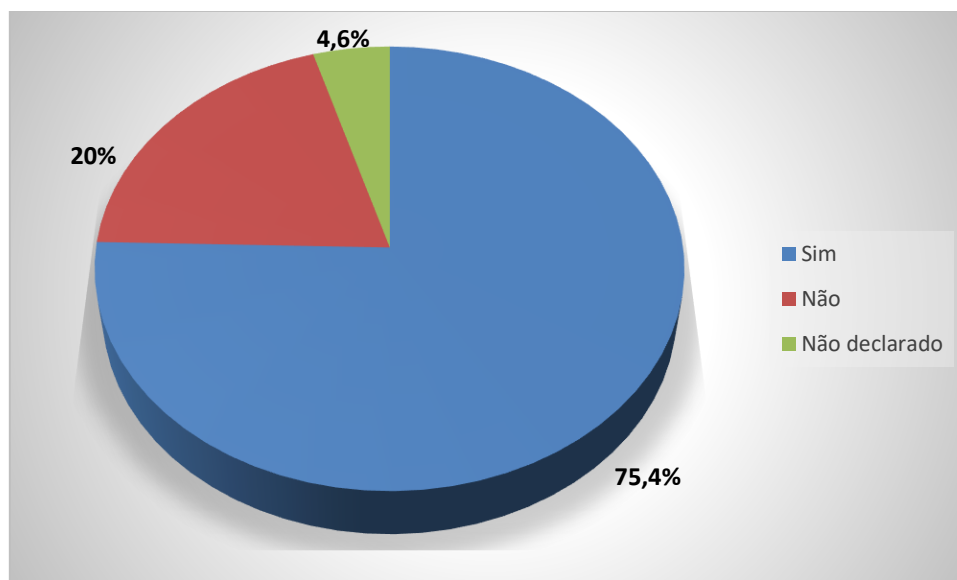


Gráfico 17: Conhecimento dos alunos pesquisados sobre a funcionalidade da vacina contra o HPV. Fonte: Dados da pesquisa.

No Brasil, é disponibilizada pelo SUS a vacina quadrivalente, que confere proteção contra as doenças relacionadas à infecção pelos subtipos 6 e 11, trazendo como benefício a proteção contra as verrugas genitais em ambos os sexos, e também contra os subtipos 16 e 18 que estão associados ao câncer de colo de útero, vulva e vagina nas mulheres, o câncer de pênis nos homens e o câncer anal em ambos os sexos (BRASIL, 2017).

Quanto ao conhecimento do público-alvo da vacina contra o HPV, 61,5% dos alunos pesquisados demonstraram reconhecer quem deve ser vacinado (Gráfico 18). Vale destacar que dos 40 participantes que declararam saber quem deve ser vacinado(a) somente a metade dos alunos pesquisados respondeu corretamente que a vacina deve ser para adolescentes de ambos os sexos. Este fato demonstra que apesar do reconhecimento que o público-alvo da vacina não ser formado exclusivamente por meninas, é evidente a necessidade de divulgação sobre a importância da adesão à vacina por parte de adolescentes de sexo feminino e do sexo masculino.

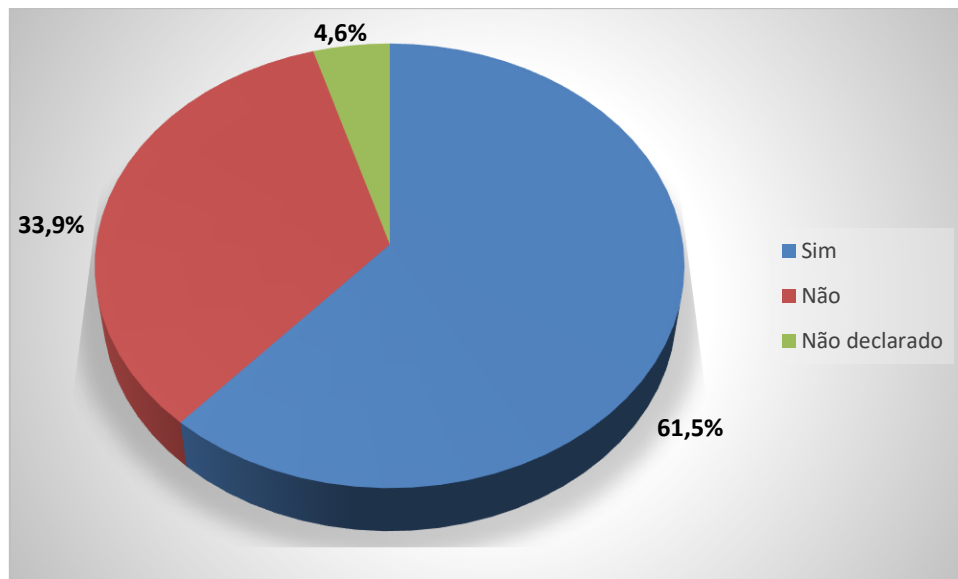


Gráfico 18: Conhecimento dos alunos pesquisados sobre o público-alvo da vacina contra o HPV. Fonte: Dados da pesquisa.

Silva, Oliveira e Galato (2019) mostram que inicialmente a campanha de vacinação contra o HPV era destinada somente as meninas vinculadas a prevenção contra o câncer de colo de útero, por ser uma doença que acomete as mulheres. As autoras apontam que a inclusão dos meninos se deve ao fato de serem suscetíveis à infecção pelo HPV e exercerem um papel fundamental na cadeia de transmissão do vírus, visto que tendem a iniciar a vida sexual de forma mais precoce que as meninas.

Osis, Duarte e Sousa (2014) mostram que a vacina traz efeitos benéficos para os homens, pois além de conferir-lhes proteção contra as consequências da infecção pelo HPV, esta medida preventiva se torna eficaz para acelerar o processo de proteção das mulheres contra o vírus. Sobretudo porque elas sofrem mais impacto com a infecção pelo HPV do que os homens, por estarem mais expostas a contaminação pelo vírus, do que decorre a crença de que HPV acomete mais o sexo feminino (COSTA e GOLDENBERG, 2013).

De acordo com Zanini et al. (2017), a maioria das mulheres sexualmente ativas são acometidas pelo vírus HPV em um determinado momento da vida. Os autores apontam que a vacina é a primeira medida de prevenção contra o câncer de colo de útero. Contudo, como não protege contra todos os subtipos de HPV de alto risco oncogênico existentes, faz-se necessária a realização periódica do exame do Papanicolau para detecção de possíveis alterações celulares provocadas pelo HPV no colo do útero.

De acordo com os gráficos 19 e 20, respectivamente, observa-se que a maioria dos alunos pesquisados não ouviu falar do exame de Papanicolau (60%) e não sabem a

importância deste exame (66,2%). Um fator preocupante, pois, este exame é de suma importância para detectar células precursoras do câncer de colo de útero, principalmente nas adolescentes que já iniciaram a vida sexual.

Cirino, Nichiata e Borges (2010) pontuam que os adolescentes são altamente vulneráveis ao câncer de colo de útero, uma vez que, ao iniciar a vida sexual sem uso da camisinha pode se estabelecer o contato com o HPV. É importante reforçar que o exame de Papanicolau não identifica o HPV, mas detecta as alterações celulares induzidas pelo vírus no colo do útero, por isso este exame é tão necessário para o diagnóstico precoce deste tipo de câncer (ABREU et al., 2018).

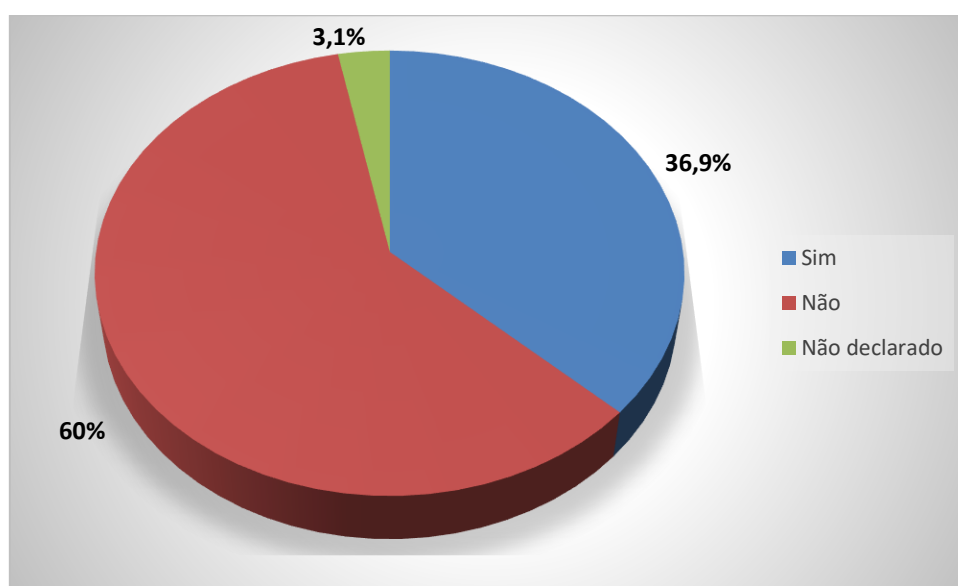


Gráfico 19: Conhecimento dos alunos pesquisados sobre o exame de Papanicolau.  
Fonte: Dados da pesquisa.

Silveira et al. (2016) ressaltam que o início precoce da vida sexual da adolescente confere maior a chance de ter vários parceiros sexuais o que contribui para maior exposição a uma infecção pelo HPV. O início precoce da vida sexual pelas adolescentes torna-se um fator de risco para a infecção do HPV, uma vez que a formação da ectopia cervical na adolescência, considerada uma condição fisiológica normal nesta fase da vida, torna o colo do útero propício a infecção ao vírus, pois a junção escamo-colunar (JEC) fica mais exposta e favorece a infecção pelo vírus que pode atingir diretamente as células basais, o que facilita sua replicação e o seu desenvolvimento nestas células podendo levar ao surgimento de lesões na região do colo do útero (ARRUDA et al., 2013).

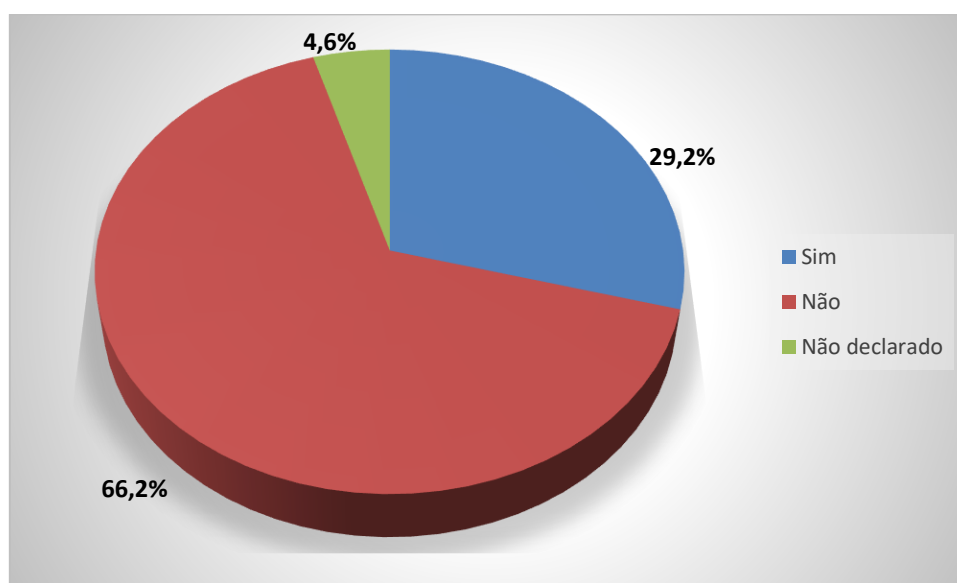


Gráfico 20: Conhecimento dos alunos pesquisados sobre a função do exame de Papanicolau. Fonte: Dados da pesquisa.

Dentre as dezesseis alunas que afirmaram ter vida sexual, apenas duas já fizeram o exame de Papanicolau (Tabela 2). O trabalho de Cruz e Jardim (2013) aponta um número expressivo de adolescentes que já iniciaram a vida sexual e não realizaram o exame de Papanicolau, principalmente entre aquelas possuem menos de 14 anos de idade.

Tabela 2: Conhecimento dos alunos pesquisados do sexo feminino sobre o exame de Papanicolau.

<b>Situação das alunas</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>Prefere não declarar</b>
Iniciaram a vida sexual	16	24	-
Ouviram falar do exame de Papanicolau	21	19	0
Sabem para que serve o exame de Papanicolau	18	21	1
Já fizeram o exame	2	37	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se que entre as meninas que já iniciaram a vida sexual há uma baixa adesão ao exame de Papanicolau o que sugere falta de conhecimento sobre a importância deste exame e da sua relação entre a precocidade da vida sexual com o risco de infecção pelo HPV. O desconhecimento acerca do risco de desenvolvimento de câncer de colo de

útero e da importância do exame de Papanicolau para sua detecção precoce, somados aos sentimentos de medo, vergonha e constrangimento, entre outras dificuldades para realizar o exame são apontados por Cirino, Nichiata e Borges (2010) como alguns motivos que influenciam as mulheres a não realizarem o exame. Pinheiro e Cadete (2020) apontam o receio da descoberta da perda da virgindade pelos pais como fator para a não realização do exame de Papanicolau. Arruda et al. (2013) destacam que o conhecimento sobre o HPV das adolescentes sexualmente ativas é bastante limitado, uma vez que estas não reconhecem o poder oncogênico do vírus e sua relação com o câncer de colo útero. Silveira et al. (2016) destacam que as adolescentes necessitam de esclarecimentos sobre a importância do exame de Papanicolau para a detecção precoce do câncer de colo de útero, assim como de informações a respeito do agente etiológico da doença, destacando-se os riscos inerentes à exposição ao HPV, principalmente ao iniciar a vida sexual, para que estas se tornem protagonistas do cuidado com sua saúde aliando conhecimento e mudança de comportamento para que obtenham melhor qualidade de vida.

Muitas adolescentes desconhecem que o exame é um método de prevenção contra o câncer de colo de útero e não sabem o período para sua realização (SILVEIRA et al., 2016), indicando a necessidade da realização de mais ações educativas destinadas às adolescentes, a fim de esclarecer sobre a importância deste exame como forma de prevenção contra o câncer de colo de útero.

Neste contexto, Panobianco et al. (2013) destacam que a família se omite do seu papel na construção de sexualidade das adolescentes e que a falta de diálogo aberto sobre a temática influencia atitudes que não contribuem no processo de prevenção ao HPV. É importante ressaltar que mesmo vacinadas contra o HPV, as adolescentes que já iniciaram a vida sexual devem realizar o exame de Papanicolau, uma vez que a vacina confere proteção apenas contra os subtipos 16 e 18 de HPV, que são responsáveis por cerca de 70% dos casos de câncer do colo do útero (BRASIL, 2017).

Quanto ao recebimento de informações sobre o HPV, 76,9% dos alunos pesquisados afirmaram que sim (Gráfico 21). Os alunos citam a família como a principal fonte de informações sobre o HPV, seguida da internet e da escola, o que mostra que, para o público pesquisado, os pais ainda são as principais fontes de informações para temas relacionados a sexualidade, situação também observada por Nery et al. (2015b). Podemos inferir que o baixo nível de conhecimento dos alunos pesquisados acerca do HPV pode ser reflexo do conhecimento que família tem sobre a temática. Cabe destacar a falta de preparo, a vergonha e o temor dos pais em incitar os adolescentes a iniciarem a



vida sexual como outros fatores que limitam o estabelecimento de diálogo (NERY et al., 2015b).

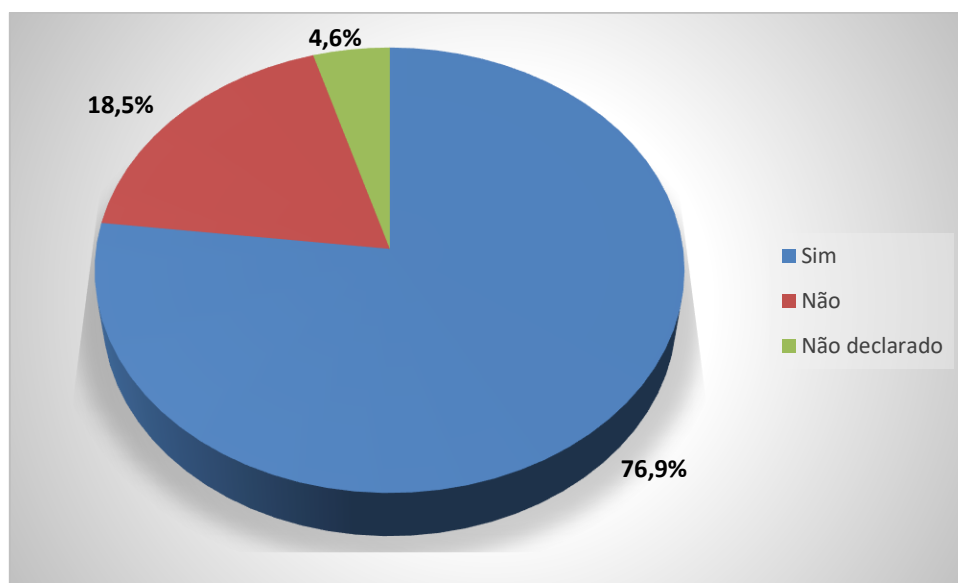


Gráfico 21: Respostas dos alunos pesquisados quanto ao recebimento de informações sobre o HPV. Fonte: Dados da pesquisa.

Em contraste aos dados encontrados, Lustosa et al. (2016) observaram que a escola foi o local mais citado como fonte de informação sobre o HPV, seguida da televisão, internet e família. Os dados dos autores indicam um alto índice de desconhecimento sobre este vírus pelos estudantes, o que sugere uma deficiência na abordagem do tema pela escola. No trabalho de Osis, Duarte e Sousa (2014), mídia foi a principal fonte informação sobre o HPV, seguida pela escola e serviços de saúde. Segundo as autoras, as informações veiculadas pela mídia não são adequadas e nem suficientes para esclarecer a população sobre o vírus.

Ampla maioria dos alunos (84,6%) concordam que a escola é um importante espaço para a divulgação de informações sobre o HPV (Gráfico 22). Esses dados corroboram com os encontrados por Castro e Silvério (2018), onde 95% das adolescentes concordaram que é importante a abordagem do tema na escola, por se tratar de um ambiente adequado para a discussão e conscientização sobre as IST como forma de orientar suas escolhas na fase da adolescência.

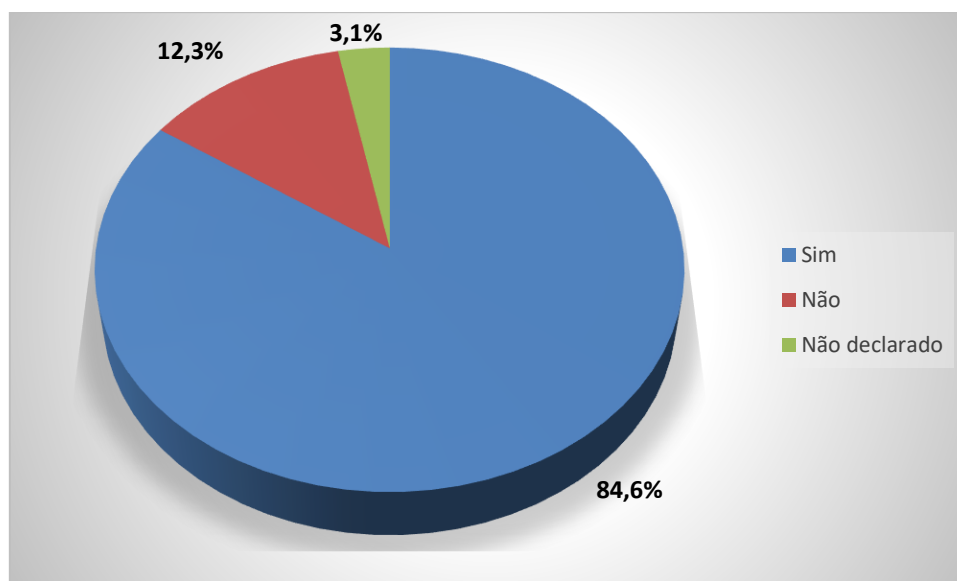


Gráfico 22: Respostas dos alunos pesquisados quanto a importância da divulgação de informações sobre o HPV nas escolas. Fonte: Dados da pesquisa.

Pinheiro e Cadette (2019) destacam a importância das escolas na divulgação de informações relacionadas às IST, a fim de despertar nos adolescentes a consciência sobre os riscos inerentes a comportamentos sexuais que contribuem para aumento de sua incidência nesta população. As autoras ressaltam que devido os adolescentes passarem maior parte do seu tempo no ambiente escolar o torna favorável para desenvolvimento de ações educativas sobre os cuidados com a saúde sexual e construção de uma rede de novos significados e comportamentos que irão prepará-los para a vivência da sexualidade de forma mais saudável.

Os alunos pesquisados (90,8%) concordam com a importância da divulgação de informações sobre o HPV (Gráfico 23). Para este grupo em particular, a divulgação torna-se mais importante uma vez que muitos deles apresentam comportamentos de riscos, como início da vida sexual precoce, a promiscuidade e o não uso de preservativo nas relações sexuais, que são fatores que os tornam mais vulneráveis à IST.

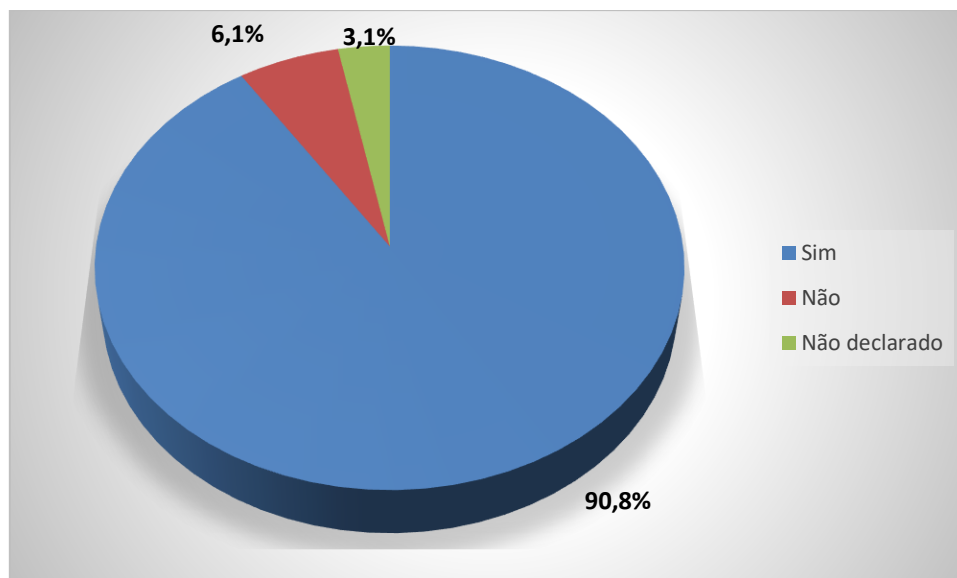


Gráfico 23: Respostas dos alunos pesquisados quanto a importância da divulgação de informações sobre o HPV. Fonte: Dados da pesquisa.

Osis, Duarte e Sousa (2014) ressaltam que diante da falta de informações adequadas sobre o HPV e das consequências da infecção por este vírus torna-se necessário intervenções educativas pautadas em informações cientificamente corretas sobre o HPV, porém estas devem ser mais acessíveis para que possam atingir as diferentes camadas sociais.

#### 4.2 Avaliação do jogo didático “Mitos e Verdades sobre o HPV”

O jogo didático “Mitos e Verdades sobre o HPV” busca aproximar os alunos do conhecimento que a Ciência traz sobre o tema de forma dinâmica e divertida, sem perder sua finalidade educativa. A cada rodada do jogo didático, um novo desafio é lançado e um novo conhecimento é agregado, o que desperta a atenção dos alunos, como observado durante a realização das partidas, nas quais os alunos se mostraram motivados e participativos.

Após sua aplicação, o jogo didático “Mitos e Verdades sobre o HPV” foi avaliado pelos alunos, por meio do questionário com atribuição de valores para todas as assertivas presentes nas quatro categorias do modelo ARCS (Atenção, Relevância, Confiança e Satisfação), de acordo com a sua expectativa-valor em relação ao jogo. A tabulação e a análise dos dados obtidos foram agrupadas por categorias conforme a metodologia de avaliação de jogos didáticos proposta neste trabalho e apresentadas a seguir.

## Categoria Atenção

Esta foi a primeira categoria a ser avaliada e as três assertivas que fazem parte da sua composição se mostraram bem avaliadas, quando se tem o somatório das porcentagens de valores +1 e +2 atribuídos para cada assertiva (Gráfico 24). Observa-se na assertiva Q1 que o *design* do jogo foi considerado atraente por 91,7% dos alunos pesquisados. Já a assertiva Q2 obteve 87,5% de concordância indicando que algo interessante presente no início do jogo foi capaz de prender-lhes a atenção. A terceira assertiva (Q3) obteve 89,6% de concordância, o que indica que a variedade de elementos presentes no jogo foi capaz de mantê-los atentos ao jogo.

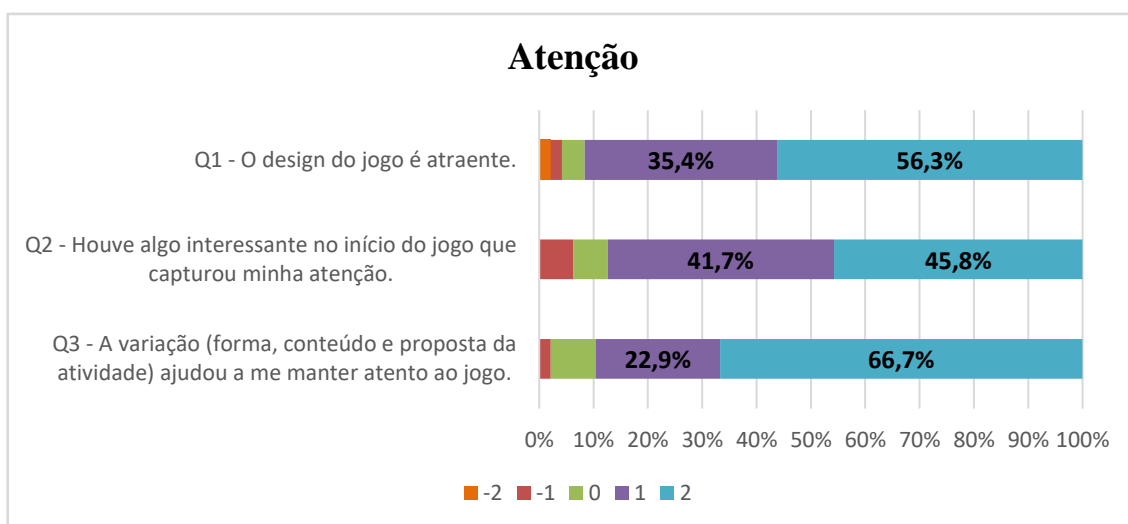


Gráfico 24 – Avaliação da categoria atenção pelos alunos pesquisados. Fonte: Dados da pesquisa.

A atenção é um elemento essencial para motivar a aprendizagem (SAVI, 2011, SANTOS, 2017, SILVA, 2020). Este quesito é considerado primordial para motivar os alunos na interação com qualquer tipo de material de aprendizagem, inclusive, com um jogo didático.

A estética de um jogo didático é parte importante do jogo, pois o seu *design* é responsável por chamar a atenção do aluno (MIRANDA et al., 2016), visto que seu efeito visual provoca a motivação e é capaz despertar a curiosidade e o interesse do aluno pela aprendizagem. Neste sentido, um *design* atraente é uma estratégia que, associada a uma rede de outros elementos, pode atuar de forma positiva para conquistar e manter o interesse do aluno e motivá-lo. Um jogo que apresenta um *design* não atrativo, tende a desmotivar os alunos e deixá-los mais dispersos, o que acaba interferindo de maneira

negativa no aproveitamento do conteúdo abordado pelo jogo (MIRANDA et al., 2016, BARROS e MIRANDA, 2020).

Apesar de a atenção ser um elemento motivador e uma condição inicial para que ocorra aprendizagem através do uso de jogos didáticos, é necessário que o aluno não só esteja presente no jogo, mas também, se mantenha atento à sua execução para que o conteúdo abordado seja aprendido de forma íntegra (SANTOS, 2017). Assim, os jogos didáticos são ferramentas diferenciadas capazes de incentivar e chamar a atenção dos alunos através da forma lúdica como conteúdo é exposto, a fim de despertar o pensamento e o raciocínio que são fundamentais na construção do seu próprio conhecimento (SILVA e BARROS, 2020). Com isso, os jogos didáticos têm se mostrado com imenso valor pedagógico, pois conseguem prender a atenção do aluno e favorecer a aprendizagem pela forma diferenciada como conteúdo é abordado (HORA, LOJA e PIRES, 2018). Oliveira, Silva e Ferreira (2010) reforçam que os jogos didáticos conseguem aliar o aprendizado do conteúdo ao lúdico, o que desperta o interesse dos alunos e propicia uma aprendizagem eficaz, divertida e empolgante. É perceptível que quando o conteúdo é exposto de forma lúdica, este é visto de forma diferenciada pelos alunos com mais curiosidade e interesse.

Neste sentido, despertar a atenção e o interesse do aluno, para o uso de jogos didáticos no seu aprendizado, torna-se um grande desafio, pois exige o domínio de diferentes estratégias para que se possa produzir um jogo atraente, dinâmico e que mantenha a espontaneidade do aluno (SANTOS, RODRIGUES e VASCONCELOS, 2021).

Os elementos presentes no jogo precisam ser muito bem planejados, uma vez que contribuem para que o jogo não se torne cansativo e ao mesmo tempo mantenha a atenção e a vontade do aluno de continuar no jogo (SILVA, 2020). Isto mostra que estes elementos favorecem maior interação do aluno com o jogo, proporciona maior engajamento e ainda é capaz de estimular sua participação e sua permanência no jogo.

Por isso o uso do jogo didático, como ferramenta de ensino, deve se levar em consideração a diversidade de elementos que irão fazer parte da sua composição, inclusive, estes devem estar associados a dinâmica do jogo, uma vez que, também devem apresentar níveis de dificuldade diversificados de forma equilibrada, ou seja, nem tão fácil para o jogo não seja entediante e nem tão difícil para não causar desamino (MACIEL, 2020).

Os resultados obtidos para esta categoria mostram que o *design* do jogo, ou seja, a interface do tabuleiro, das cartas e do manual de regras bem como a apresentação da

dinâmica do jogo, a proposta das cartas e a presença de outros elementos constituintes no jogo “Mitos e Verdades sobre o HPV” conseguiram despertar a atenção dos alunos pesquisados o que é uma condição inicial para que o aluno se sinta motivado em participar deste jogo.

### **Categoria Relevância**

As três assertivas que compõem esta categoria, foram bem avaliadas, porém as assertivas Q4 e Q5 obtiveram maior porcentagem de concordância do que a assertiva Q6 (Gráfico 25). Observa-se que a assertiva Q4 obteve 85,4% de concordância indicando que o conteúdo abordado no jogo é relevante para o interesse dos alunos pesquisados. Já a assertiva Q5 foi a mais bem avaliada entre todas as assertivas presentes, inclusive considerando as demais categorias, indicando que o funcionamento do jogo está adequado a maneira de aprender de 95,8% dos alunos pesquisados. A sexta assertiva (Q6) apresentou 75% de concordância indicando que o conteúdo do jogo está conectado com os conhecimentos prévios dos alunos pesquisados, porém para esta assertiva 10,4% dos alunos se mostraram indiferentes, 4,2% discordaram parcialmente e 10,4% discordaram totalmente. Isto mostra que o conteúdo abordado no jogo não estava interligado aos conhecimentos prévios de 25% dos alunos pesquisados. Esse resultado mostra a falta de conhecimento destes alunos sobre o tema abordado no jogo o que corrobora com os resultados do questionário de avaliação do nível de conhecimento dos alunos sobre a temática no qual demonstraram um conhecimento insuficiente e equivocado sobre o tema.

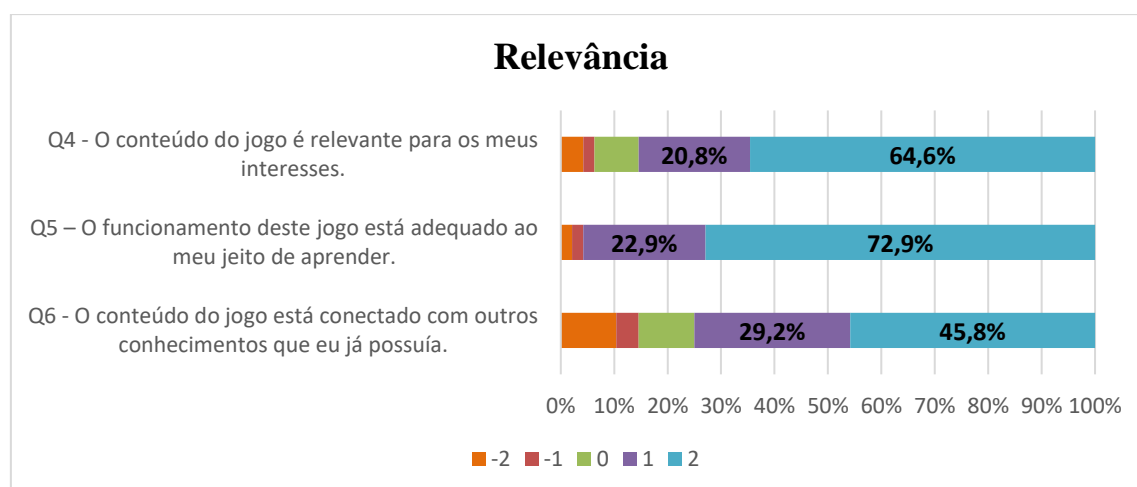


Gráfico 25 – Avaliação da categoria relevância pelos alunos pesquisados. Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com Savi (2011) e Almeida (2019), a relevância de um jogo leva em consideração a percepção do aluno entre o conteúdo e a sua utilidade no futuro, além da relação que se estabelece entre seus conhecimentos prévios com novas informações a serem adquiridas pelo jogo.

Krasilchik (2004) aponta a importância de utilizar modalidades didáticas, como os jogos didáticos, que atendam os interesses dos alunos e respeitem suas diferenças individuais, além de serem utilizados para tratar temas relevantes para os alunos, para que estes não se tornem alienados no meio em que vivem, mas que possam ser atuantes e capazes de contribuir para melhoria da qualidade de vida da sua comunidade. Neste contexto, um jogo didático deve ser apresentado e explorado junto aos alunos, de forma contextualizada, pois exige a descentralização do conhecimento, para que se possa proporcionar o crescimento afetivo e cognitivo de todos os participantes (ZUANON, DINIZ e NASCIMENTO, 2010). Os jogos didáticos podem ser considerados métodos de ensinar, numa perspectiva diferenciada, baseada na pedagogia da autonomia proposta por Paulo Freire, no qual os alunos são capazes de dialogar com sua realidade, desenvolver um pensamento crítico, através de uma aprendizagem com mais autonomia, no qual o educando assume uma postura como sujeito socio-histórico-cultural na construção do conhecimento (FREIRE, 1996). Neste sentido, os jogos didáticos são capazes de aproximar os alunos do conhecimento científico relacionando com o seu cotidiano, tornando o conteúdo mais palpável e fácil de ser compreendido (SILVA e BARROS, 2020).

O jogo, por si só, é capaz de despertar o interesse, porém a carência de conhecimento pelo aluno gera necessidade de aprendizado (MIRANDA et al, 2019), o que torna uma condição para que o aluno tenha interesse pelo conteúdo abordado em um jogo didático. Assim os jogos didáticos são considerados ferramentas que colaboram com o aprendizado de um conteúdo e podem ser relevantes na aquisição e consolidação de conhecimentos específicos (COSTA e MIRANDA, 2021).

Neste sentido os jogos didáticos são apontados como recursos diferenciados capazes de motivar e envolver os alunos, enriquecer o conteúdo e estimular sua reflexão e ação (MIRANDA, GONZAGA e PEREIRA, 2018) o que leva o aluno a ter maior interação com o jogo e conseqüentemente com o conteúdo abordado. Além disso, os jogos didáticos proporcionam maior abertura para que os alunos exponham suas dúvidas e curiosidades diante da possibilidade de aprender de uma forma mais dinâmica e descontraída.

Kishimoto (1996) afirma que o jogo, através do seu aspecto lúdico, potencializa situações de ensino e aprendizagem, uma vez que recursos propiciam a construção do conhecimento de forma divertida e prazerosa. Neste sentido, os jogos didáticos possibilitam o estímulo e o desenvolvimento sociocognitivo dos alunos, fundamentados na relevância da apropriação dos conhecimentos, diante da motivação para aprendizagem (JANN e LEITE, 2010, BARROS e MIRANDA, 2020).

Os jogos didáticos podem despertar nos alunos diferentes formas de aprender, como também incitar a construção de sua autonomia e estimular imaginação, curiosidade, dinamismo e consciência sobre a realidade (SCHULTZ, SILVA e OLIVEIRA, 2021). Assim, os jogos didáticos são considerados ferramentas ideais para promover o interesse do aluno e auxiliar na construção de um novo conhecimento, pois atuam como facilitadores do processo de ensino-aprendizagem (ALVES, COSTA e SOUSA, 2020).

Os jogos didáticos são recursos importantes para a aprendizagem, uma vez que, proporcionam situações e condições, para que os alunos possam a assimilar um novo conhecimento através de seus conhecimentos prévios, de uma forma mais dinâmica (ROMANO, SOUZA e NUNES, 2020). Silva e Antunes (2017) apontam que os conhecimentos prévios do aluno devem ser o ponto de partida para que se inicie a aprendizagem de um novo conteúdo, porém, muitas vezes, estes conhecimentos são superficiais, não sistematizados e são decorrentes na experiência de vida do aluno. Por isso, os jogos didáticos são facilitadores da interação entre o conhecimento prévio e novo, através da forma aparente e lúdica, que provoca nos alunos o entusiasmo pela proposta de aprender de forma interativa e divertida, que traz como resultado uma aprendizagem significativa (CAMPOS, BORTOLOTO e FELÍCIO, 2003). Moreira (2012) mostra duas condições básicas para que ocorra a aprendizagem significativa<sup>2</sup>: (i) potencial do material de aprendizagem e (ii) predisposição do aluno para aprendizagem. Neste sentido, o uso de jogo didático contribui para aprendizagem significativa, pois além de valorizar conhecimento prévio do aluno, esta ferramenta de ensino serve de âncora para agregar um novo conhecimento e ainda despertar o interesse do aluno através do elo entre o lúdico e o cognitivo (CASTRO & COSTA, 2011).

---

<sup>2</sup> A teoria da aprendizagem significativa proposta por David Ausubel traz como condição inicial para o processo de ensino aprendizagem, a utilização do conhecimento preexistente do aluno, conhecido como subsunçor ou ideia âncora, que já faz parte de sua estrutura cognitiva, para que ele possa atribuir um novo significado ao conhecimento adquirido (MOREIRA, 2012).



Os resultados obtidos nesta categoria mostram que o conteúdo abordado no jogo “Mitos e Verdades sobre o HPV” é relevante para os alunos e a forma lúdica como o conteúdo foi apresentado, despertou seu interesse, favoreceu um contato mais dinâmico com conteúdo abordado, contribuiu para a aquisição do conhecimento, além da possibilidade de relacionar o conteúdo abordado com a sua vida cotidiana, o que pode gerar motivação para o aprendizado.

### **Categoria Confiança**

Esta categoria é composta de duas assertivas (Q7 e Q8) (Gráfico 26). Ambas tiveram uma avaliação satisfatória, pois 93,8% dos alunos pesquisados acharam que foi fácil entender o jogo e utilizá-lo como ferramenta de aprendizagem e ainda se sentiram confiantes de que estava aprendendo o conteúdo a cada rodada do jogo.

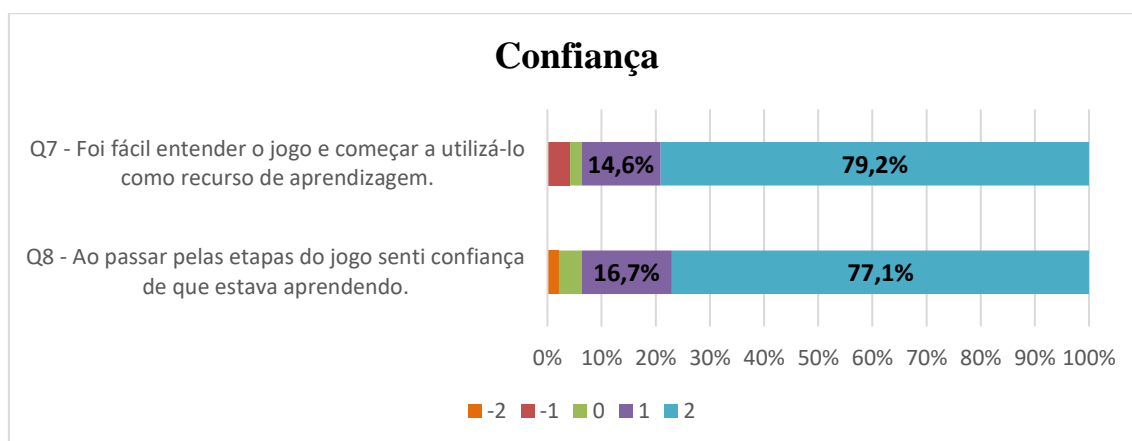


Gráfico 26 - Avaliação da categoria confiança pelos alunos pesquisados. Fonte: Dados da pesquisa.

Savi (2011), Almeida (2019) e Romano, Souza e Nunes (2020) mostram que a confiança é uma expectativa positiva proporcionada pela experiência de sucesso com o uso de material de aprendizagem, como o jogo didático, porém exigem do indivíduo habilidade e esforço.

Os jogos didáticos trazem a oportunidade para que o aluno possa se tornar um ser crítico e adquirir confiança em si mesmo através da troca de conhecimento, o que contribui para o desenvolvimento de sua autonomia (ADAMS, ALVES e NUNES, 2018).

Neste sentido, os jogos didáticos devem se tornar recursos didáticos fáceis de serem utilizados como ferramentas de aprendizagem, desde que as regras sejam bem

compreendidas pelos alunos (COSTA, GONZAGA e MIRANDA, 2016) por isso elas devem ser simples de serem aprendidas para que o jogo contribua para aumentar a autoestima dos jogadores (MIRANDA et al, 2016) e colabore para que se cumpra o seu propósito sem que o aluno perca o foco e o interesse (COSTA e MIRANDA, 2021). As regras são importantes para o funcionamento do jogo, pois estas impõem limites sobre a forma como o jogo será utilizado e também oferece condições semelhantes para que todos os jogadores possam de atingir os objetivos do jogo (MACIEL, 2020). As regras de um jogo didático precisam ser claras para facilitar sua execução, de forma a alcançar seu objetivo (HORA, LOJA e PIRES, 2018). Nesse sentido, regras simples facilitam o entendimento e o envolvimento dos alunos com o jogo, propiciando uma certa fluidez e garantindo a sua dinamicidade. Para isto, o uso de uma linguagem acessível é um fator destacado por Miranda et al (2016) para facilitar a compreensão do jogo, o que contribui para maior interação dos alunos com o jogo didático, melhor assimilação do conteúdo proposto e maior motivação na construção do conhecimento.

Santos e Faria (2017) apontam que os jogos didáticos, através do seu aspecto lúdico, devem levar em conta o nível de conhecimento dos alunos, a fim de permitir que eles possam obter um avanço na compreensão dos conteúdos. Assim, para garantir um bom funcionamento de um jogo didático é necessário que este seja aplicado de forma correta e adaptado às reais necessidades dos alunos, levando em consideração sua faixa etária e seu nível de conhecimento para que estes recursos possam garantir o sucesso no processo de aprendizagem (BARROS, MIRANDA e COSTA, 2019). Por isso, o jogo deve ser elaborado levando em conta a capacidade e habilidade dos alunos (MACIEL, 2020). Neste sentido, os jogos didáticos mostram que são capazes de desenvolver habilidades cognitivas, emocionais e interpessoais (COSTA, GONZAGA e MIRANDA, 2016) que são essenciais para auxiliar os alunos na construção do conhecimento.

Gonzaga et al. (2017) afirmam que os jogos também são responsáveis por criar estratégias, despertar o senso crítico e desenvolver a confiança dos alunos. Essas habilidades são mobilizadas a favor do aprendizado, uma vez que permitem que o aluno possa explorar melhor o conhecimento proporcionado pelo jogo. Além disso, os jogos didáticos, tornam os alunos mais confiantes e interessados diante de novas situações de aprendizagem e de construção do conhecimento (NICOLA e PAINZ, 2017) e com isso o aluno fica mais independente, ganha mais autonomia diante novas experiências de ensino, o que reforça a importância dos jogos na construção da autoconfiança do aluno (COSTA, MIRANDA e GONZAGA, 2018).

Um jogo didático bem elaborado proporciona ao aluno a capacidade de interação com o conteúdo e, se for bem conduzido, pode ajudar o aluno a desenvolver habilidades cognitivas (CASAS e AZEVEDO, 2017). Além disso, os jogos didáticos criam um ambiente interativo e dinâmico, que motivam os alunos e podem levá-los a um estado intenso de concentração e envolvimento que potencializam habilidades como observação, comparação, argumentação, raciocínio, memorização, entre outros (SILVA e ANTUNES, 2017). Assim, os jogos didáticos oferecem condições para que se possam explorar diferentes habilidades no aluno e assim motivá-lo a um aprendizado dinâmico que potencializa a sua capacidade de construir o conhecimento (CONCEIÇÃO, MOTA e BARGUIL, 2020).

Neste contexto, o conteúdo abordado no jogo “Mitos e Verdades sobre o HPV” foi elaborado e apresentado por meio de propostas diversificadas que exigem diferentes níveis de conhecimento e várias habilidades do aluno o que contribui para que seja interessante, facilite o aprendizado e garanta a confiança do aluno.

### **Categoria Satisfação**

Esta última categoria avaliada é composta de duas assertivas (Gráfico 27). Observa-se na nona assertiva (Q9) que 89,6% dos alunos pesquisados estavam satisfeitos porque terão oportunidades de utilizar na prática os conhecimentos adquiridos no jogo. Já na décima assertiva (Q10), 70,8% dos alunos pesquisados reconheceram que o seu esforço pessoal foi primordial para conseguirem avançar no jogo, porém para esta assertiva, 18,8% dos alunos mostraram indiferentes, 4,2% discordaram parcialmente e 6,3% discordaram totalmente. Este resultado mostra que para 29,2% dos alunos pesquisados só o esforço pessoal não foi suficiente para avançar no jogo. Neste caso, o conhecimento sobre a temática é essencial, uma vez que, as questões propostas pelas cartas dependem de certo nível de conhecimento por parte do aluno para que sejam respondidas de forma correta para garantir que o jogador avance no jogo.

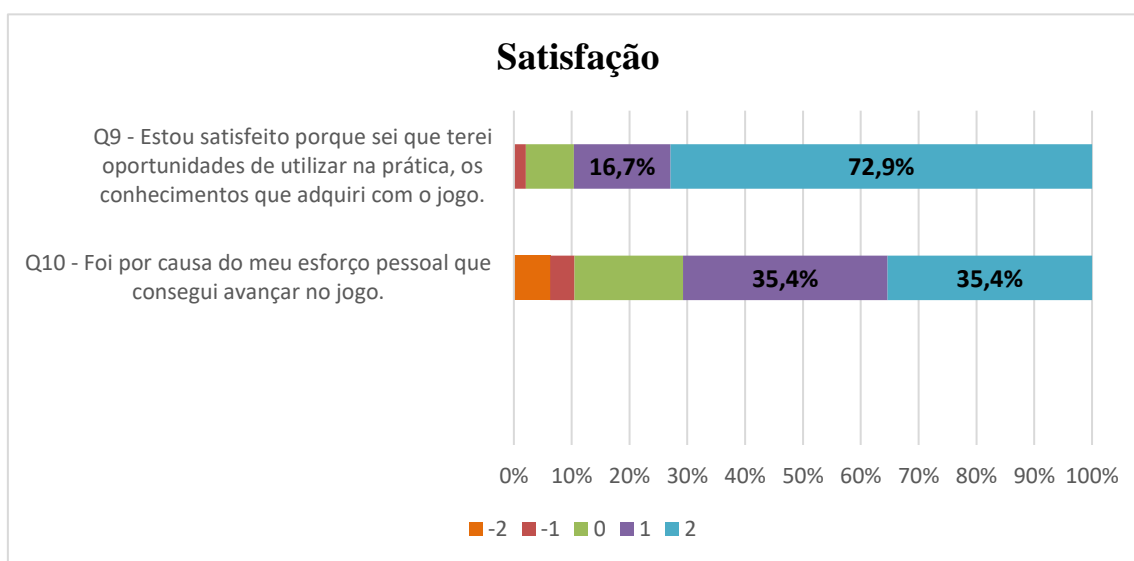


Gráfico 27 - Avaliação da categoria satisfação pelos alunos pesquisados. Fonte: Dados da pesquisa.

A satisfação é um sentimento positivo que pode ser obtido pelo indivíduo através de sua experiência com materiais ou ambientes de aprendizagem, se for acompanhado de recompensa e reconhecimento (SAVI, 2011). No caso do uso de jogos didáticos, deve se observar se a experiência foi positiva, se o aluno obteve a satisfação pessoal, uma vez que, o esforço aplicado no jogo deve ser compatível com suas habilidades e seus conhecimentos (SANTOS, 2017).

Por meio dos jogos didáticos, os alunos são capazes de relacionar o conteúdo aprendido com situações do seu cotidiano (COSTA, MIRANDA e GONZAGA, 2018). Os autores mostram que os jogos didáticos permitem ao aluno “aprender praticando” de maneira que a teoria e prática possam se complementar e auxiliar o aluno na construção do conhecimento. Portanto, o jogo didático é considerado um valioso recurso pedagógico capaz de superar as barreiras do processo de transmissão-recepção de conhecimentos (CANDEIAS, HIROKI e CAMPOS, 2007), pois aluno não é mais passivo, ou seja, ele já não é mais um mero receptor do conhecimento, mas se torna sujeito ativo que interage, constrói, participa, experimenta e se relaciona com o conhecimento de forma diferenciada (SANTOS e ARAÚJO, 2017). Assim, o jogo didático possibilita que o aluno seja o agente ativo do seu próprio processo de ensino e aprendizagem, o que torna condizente com uma visão progressista de construção do conhecimento (SCHERER, 2019). Dessa forma, o jogo didático contribui para construção e estímulo de novas formas de aprender,

desenvolvimento e enriquecimento de sua personalidade, além favorecer a aquisição de conhecimento com mais prazer e diversão (HORA, LOJA e PIRES, 2018).

O jogo didático é capaz de proporcionar uma experiência diferenciada que abrange tanto o aspecto social como o pessoal, que permitem aproximar os alunos do conhecimento (SILVA e ANTUNES, 2017). Além disso, o jogo pode proporcionar ao aluno uma certa satisfação na medida em que ele consegue avançar no jogo, sendo isto considerado reflexo da apropriação do conhecimento e do reconhecimento de que seu esforço pessoal aplicado no jogo auxilia no seu processo de ensino e aprendizagem (MACIEL, 2020). Almeida (2019) aponta que a competitividade entre os alunos no jogo traz motivação, e por consequência, os alunos tendem a ficar mais concentrados, com mais vontade de participar e se esforçam para ganhar o jogo. Huizinga (2000) mostra que a tensão presente no jogo exige esforço do próprio jogador para que ele chegue até o final do jogo. O autor destaca que essa tensão confere ao jogo um valor ético na medida em que põe a prova qualidades do jogador como força, tenacidade, habilidade, coragem, lealdade na obediência as regras do jogo, mesmo diante do desejo de ganhar o jogo.

É necessário enfatizar que, mesmo que o aluno não tenha um desempenho satisfatório durante a aplicação do jogo, considera-se que mesmo assim ocorre a aprendizagem deste aluno, uma vez que, o jogo é uma atividade que dispensa a formalidade de uma avaliação e, portanto, os alunos se sentem à vontade para arriscar respostas, o que contribui para o esclarecimento de dúvidas em relação ao conteúdo abordado no jogo (OLIVEIRA, SILVA e FERREIRA, 2010).

Os jogos didáticos são atividades prazerosas, que não impõem punições ao aluno, mesmo quando este erra durante o jogo, pois o erro faz parte do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que, este deve ser entendido pelo mediador e/ou professor como uma oportunidade de construir o conhecimento (CUNHA, 2012).

Para esta última categoria avaliada, o jogo didático “Mitos e Verdades sobre o HPV” mostrou que foi capaz de facilitar a apropriação do conhecimento sobre a temática, a qual os alunos reconheceram que o conhecimento adquirido pode ser aplicado na prática e que, de forma gradativa, seu esforço foi recompensado com o seu progresso no jogo, o que gerou a satisfação dos alunos na interação com o jogo.

De maneira geral, o resultado do questionário de avaliação do jogo didático “Mitos e Verdades sobre o HPV” mostrou que todas as assertivas presentes nas quatro categorias do modelo ARCS apresentaram uma avaliação positiva, o que atesta que o jogo

didático possui um bom nível de motivação para ser utilizado como ferramenta de ensino e aprendizagem.

Constata-se que a motivação tem suma importância para a construção do conhecimento, pois um aluno motivado tende a ter maior empenho no processo de ensino aprendizagem (MIRANDA et al., 2016), porém é necessário considerar que os aspectos externos como *layout* atraente, regras claras e conteúdo interessante, assim como aspectos internos como as preferências pessoais e habilidades específicas, que variam entre os indivíduos, interferem na motivação do aluno no processo de ensino aprendizagem através dos jogos didáticos. Diante da existência da relação entre a motivação e o processo de ensino e aprendizagem, o jogo didático é capaz de explorar e estimular a motivação de forma intrínseca e extrínseca o que auxilia os alunos no aprendizado (MACIEL, 2020).

Segundo Kishimoto (1996, p.37) “a utilização do jogo potencializa a exploração e a construção do conhecimento, por contar com a motivação interna, típica do lúdico”. Contudo, deve existir um equilíbrio entre o lúdico e educativo para que o jogo possa cumprir seu objetivo que é contribuir para o aprendizado de um determinado conteúdo.

Apesar de o uso do jogo didático despertar nos alunos o desejo e a vontade de aprender, que são alicerces importantes da aprendizagem e do desenvolvimento humano, é fundamental destacar que o elo lúdico e cognitivo presentes no jogo criam um ambiente motivador para os alunos, o que contribui de forma significativa para este processo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além do início precoce da vida sexual, muitos adolescentes apresentam outros comportamentos sexuais de risco, como o não uso de preservativo e envolvimento com mais de um parceiro em pouco tempo de intercurso sexual, o que os deixam expostos a situações de risco, como por exemplo, a uma possível infecção pelo HPV conforme observado nesta pesquisa. Soma-se a estes fatores a falta de conhecimento sobre este vírus e seu potencial oncogênico, bem como suas formas de transmissão e prevenção. Esse desconhecimento contribui para a sua disseminação entre os adolescentes e os impede de adotarem medidas de proteção contra uma possível infecção.

Questões relacionadas à sexualidade do adolescente são atravessadas pela desigualdade de gêneros tanto no início precoce da vida sexual, como na prevenção de uma gravidez indesejada e de uma infecção sexualmente transmissível, uma vez que, recai sobre a mulher esta responsabilidade de proteção. Zardo et al. (2014) apontam que o homem é o principal agente transmissor do HPV e que, diferente das outras IST, é mais fácil a sua transmissão do homem para a mulher do que o inverso. Contudo, o impacto da infecção pelo HPV é maior na mulher do que no homem devido as diferenças anatômicas e fisiológicas (BRASIL, 2017) o que nos remete defender que o cuidado e a prevenção contra este vírus sejam compartilhados entre ambos os gêneros.

Por ser um vírus de transmissão sexual, a questão da vacinação contra o HPV incita a discussão sobre a vida sexual do adolescente, um tema ainda considerado um tabu entre pais e professores, de forma que torna difícil sua abordagem nos âmbitos familiar e escolar. Esse fato mostra a importância da Educação Sexual nestas duas instâncias, uma vez que, são as principais responsáveis pela formação integral do adolescente.

Outro fator de destaque é a carência de informações sobre o tema observada entre adolescentes que, muitas vezes, para suprir tal carência, recorrem a fontes não confiáveis para sanar suas dúvidas e satisfazer suas curiosidades, o que contribui para o aumento de sua vulnerabilidade frente às situações de risco.

Diante dessa realidade, os jogos didáticos, conforme apontado pela literatura, são excelentes ferramentas de ensino para abordagem de temas relacionados à Educação Sexual com os adolescentes, pois além de serem facilitadores da aprendizagem, criam um ambiente motivador que desperta o interesse do aluno e que permite sanar dúvidas de forma descontraída.

Com base nos dados obtidos, o jogo didático “Mitos e Verdades sobre o HPV” pode ser considerado uma ferramenta auxiliar, capaz de promover o ensino dialógico e reflexivo sobre questões acerca do vírus e problemas a ele relacionados, utilizando-se de informações científicas, de forma desfazer mitos que permeiam o tema e, assim, contribuir para a adesão às campanhas de vacinação contra o HPV.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. N. S.; SOARES, A. D.; RAMOS, D. A. O.; SOARES, F. V.; NUNES, G.; VALADÃO, A. F.; MOTTA, P. G. D. Conhecimento e percepção sobre o HPV na população com mais de 18 anos da cidade de Ipatinga, MG, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n.3, p. 849-860, 2018.

ADAMS, F. W.; ALVES, S. D. B.; NUNES, S. M. T. Gincana da cinética química: superando desafios no processo de ensino e aprendizagem de conceitos químicos. **Revista Eletrônica Ludus Scientiae**, v. 2, n. 1, p. 105-122, 2018.

ALMEIDA, K. N. D. **Jogo didático como metodologia para o ensino de ecologia no ensino médio**. Trabalho de Conclusão de Mestrado - Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia (PROFBIO) - Universidade do Estado de Mato Grosso, 2019.

ALVES, T. C. R.; COSTA, M. F.; SOUSA, C. C. D. Tabuleiro de genes: uma ferramenta pedagógica para o ensino de biologia. **Revista Prática Docente**, v. 5, n. 2, p. 1093-1110, 2020.

ALVES, C. C.; SANTOS, D. D.; SOUSA, R. R.; LIMA, L. R. IST's na Adolescência. **Mostra Interdisciplinar do curso de Enfermagem**, v. 3, n. 1, p.1-5, 2019.

AMORAS, B. C.; CAMPOS, A. R.; BESERRA, E. P. Reflexões sobre vulnerabilidade dos adolescentes a infecções sexualmente transmissíveis. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, v. 8, n. 1, p. 163-171, 2015.

AQUINO, P. D. S.; BRITO, F. E. V. Perfil sexual de adolescentes universitários de um curso de graduação em enfermagem. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 16, n. 3, p. 324-329, 2012.

ARAÚJO, J. J. S.; CAVALCANTE, D. J. B.; SANTOS, L. C. L.; CALHEIROS, C. M. L. Sexualidade: percepção dos escolares do ensino fundamental 2 da rede pública de Maceió. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 8, n. 4, p. 978-987, 2013.

ARRUDA, F. D. S.; OLIVEIRA, F. M. D.; LIMA, R. E. D.; PERES, A. L. Conhecimento e prática na realização do exame de Papanicolau e infecção por HPV em adolescentes de escola pública. **Revista Paraense Medicina**, v. 27, n. 4, p. 59-66, 2013.

ASSIS, G. A. F.; SOUZA, E. E. F. D.; BARBOSA, A. G. Sexualidade na escola: desafios e possibilidades para além dos PCNS e da BNCC. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 2, p. 13662-13680, 2021.

BARBOSA, P. A.; MURAROLLI, P. L. Jogos e novas tecnologias na educação. **Perspectivas em Ciências Tecnológicas**, v. 2, n. 2, p. 39-48, 2013.

BARREIROS, F. A.; GUAZZELLI, C. A. F.; MORON, A. F. Conhecimento básico de adolescentes escolarizados sobre métodos anticoncepcionais. **Adolescência e Saúde**, v. 2, n. 1, p. 11-16, 2005.

BARROS, M. G. F. B.; MIRANDA, J. C. Jogo didático “Trilha da Sexualidade”: uma ferramenta auxiliar na abordagem de temas relacionados à educação sexual. **Scientia Vitae**, v.9, n.28, p. p. 69-82, 2020.

BARROS, M. G. F. B.; MIRANDA, J. C.; COSTA, R. C. Uso de jogos didáticos no processo ensino-aprendizagem, **Revista Educação Pública**, v.19, n. 23, p. 1-5, 2019.

BARROS, M. G. F. B.; MIRANDA, J. C. Abordagem do tema sexualidade no ambiente escolar. **Revista Educação Pública**, v.19, n. 4, p.1-4, 2019a.

BARROS, M. G. F. B.; MIRANDA, J. C. Sexualidade: perspectiva histórica e significação cultural. **Acta Biomedica Brasiliensia**, v. 10, n. 1, p. 13-22, 2019b.

BERLOFI, L. M.; ALKMIN, E. L. C.; BARBIERI, M.; GUAZZELLI, C. A. F.; ARAÚJO, F. F. D. Prevenção da reincidência de gravidez em adolescentes: efeitos de um Programa de Planejamento Familiar. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 19, n. 2, p. 196-200, 2006.

BRAGA, A. D. S.; RIOS, L. A. O.; VALLE, N. S. B. Aborto “Uma consequência da gravidez na adolescência”. **Revista Educação, Meio Ambiente e Saúde**, v. 3, n. 1, p. 76-88, 2008.

BRASIL. Lei nº8.069 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia Prático sobre HPV- Perguntas e repostas**, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Informe técnico da ampliação da oferta das vacinas papilomavírus humano 6, 11, 16 e 18 (recombinante) – vacina HPV quadrivalente e meningocócica C (conjugada)**, 2018.

BRÊTAS, J. R. D. S.; OHARA, C. V. D. S.; JARDIM, D. P.; AGUIAR JUNIOR, W. D.; OLIVEIRA, J. R. D. Aspectos da sexualidade na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 7, p. 3221-3228, 2011.

CAMARA, G.N.N.L.; CRUZ, M.R.; VERAS, V. S.; MARTINS, C. R. F. Os papilomavírus humanos–HPV: histórico, morfologia e ciclo biológico. **Universitas: Ciências da Saúde**, v. 1, n. 1, p. 149-158, 2003.

CAMPOS, C. T.; RAMOS, D.; LOUREIRO, R. J.; OLIVEIRA, Y. A. D. Uso de drogas ilícitas por estudantes adolescentes: uma revisão narrativa. **Arquivos Médicos dos Hospitais e da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo**, v. 64, n. 3, p. 237-243, 2019.

CAMPOS, H. M.; PAIVA, C. G. A D.; MOURTHÉ, I. C. D. A.; FERREIRA, Y. F.; ASSIS, M. C. D.; FONSECA, M. D. C. Diálogos com adolescentes sobre direitos sexuais

na escola pública: intervenções educativas emancipatórias! **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 13, n. 3, p.1-16, 2018.

CAMPOS, L.M.L.; BORTOLOTO, T.M.; FELICIO, A.K.C. A produção de jogos didáticos para o ensino de ciências e biologia: uma proposta para favorecer a aprendizagem. **Cadernos dos Núcleos de Ensino**, v.47, p. 47-60, 2003.

CANDEIAS, J. M. G.; HIROKI, K. A. N.; CAMPOS, L. M. L. A utilização do jogo didático no ensino de microbiologia no ensino fundamental e médio. In: PINHO, Sheila Zambello; SAGLIETTI, José Roberto Correa. (Org.). **Núcleos de Ensino da UNESP - Edição 2007**. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 595-603, 2007

CANO, M. A. T.; FERRIANI, M. D. G. C. A família frente a sexualidade dos adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 13, n. 1, p. 38-46, 2000.

CARNEIRO, R. F.; SILVA, N. C.; ALVES, T. A.; BRITO, D. C.; OLIVEIRA, L. L. Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar. **SANARE-Revista de Políticas Públicas**, v. 14, n. 1, p. 104-108, 2015.

CARVALHO, A. M. C.; ANDRADE, E. M. L. R.; NOGUEIRA, L.T.; ARAÚJO, T. M. E. Adesão à vacina HPV entre os adolescentes: revisão integrativa. **Texto & Contexto Enfermagem**, v.28, p. 1-15, 2019.

CARVALHO, F.L.O.; RODRIGUES, W.P.; PEREIRA, R.S.F.; FRAGA, F.V.; BRANDÃO, I.M. HPV como principal precursor do câncer de colo de útero em adolescentes. **Revista de Saúde ReAGES**, v. 1, n. 2, p. 23-36, 2018.

CASAS, L.; AZEVEDO, R. Contribuições do jogo didático no ensino de embriologia. **Revista Areté Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, v. 4, n. 6, p. 80-91, 2017.

CASTRO, M. S.; SILVÉRIO, L.E.R. Conhecimento e prevenção na luta contra o câncer de colo uterino: Todos contra o vírus HPV! **Sobre Tudo**, v. 9, n. 1, p. 97-114, 2018.

CASTRO, B.J.; COSTA, P.C.F. Contribuições de um jogo didático para o processo de ensino e aprendizagem de Química no Ensino Fundamental segundo o contexto da Aprendizagem Significativa. **Revista Electrónica de Investigación em Educación em Ciências**, v. 6, n. 2, p. 25-37, 2011.

CAVALCANTE, M. B. D. P. T.; ALVES, M. D. S.; BARROSO, M. G. T. Adolescência, álcool e drogas: uma revisão na perspectiva da promoção da saúde. **Escola Anna Nery**, v. 12, p. 555-559, 2008.

CIRINO, F.M.S.B.; NICHATA, L.Y.I.; BORGES, A.L.V. Conhecimento, atitude e práticas na prevenção do câncer de colo uterino e HPV em adolescentes. **Escola Anna Nery**, v. 14, n. 1, p. 126-134, 2010.

CONCEIÇÃO, A. R. D.; MOTA, M. D. A.; BARGUIL, P. M. Jogos didáticos no ensino e na aprendizagem de Ciências e Biologia: concepções e práticas docentes. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 5, p. e165953290-e165953290, 2020.

- COSTA, L. A.; GOLDENBERG, P. Papilomavírus humano (HPV) entre jovens: um sinal de alerta. **Saúde e Sociedade**, v. 22, n.1, p. 249-261, 2013.
- COSTA, R. C.; MIRANDA, J. C.; GONZAGA, G. R. Avaliação e validação do jogo didático “Desafio Ciências–sistemas do corpo humano” como ferramenta para o Ensino de Ciências. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 9, n. 5, p. 56-75, 2018.
- COSTA, R. C.; GONZAGA, G. R.; MIRANDA, J. C. Avaliação do jogo didático “Desafio da Reprodução” como ferramenta para abordagem de temas relacionados à vida sexual. **Acta Biomedica Brasiliensia**, v. 7, n. 2, p. 50-58, 2016.
- COSTA, R.C.; MIRANDA, J. C. Produção, validação e avaliação de um jogo didático sobre o tema Corpo Humano para o Ensino Médio Regular. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática – RenCiMa**, v. 12, n. 1, p. 1-23, 2021.
- CRAVINHO, A.O.; JACOMINI, L.S.; MANGIAVACCHI, B.M. Adolescência e vulnerabilidade a infecção pelo Papilomavírus Humano: uma investigação entre alunos do ensino médio no Município de Bom Jesus do Itabapoana-RJ. **Múltiplos Acessos**, v. 3, n. 1, p. 194-208, 2018.
- CRUZ, D. E. D.; JARDIM, D. P. Adolescência e Papanicolau: conhecimento e prática. **Adolescência e Saúde**, v. 10, n. 1, p. 34-42, 2013.
- CUNHA, M. B. D. Jogos no ensino de química: considerações teóricas para sua utilização em sala de aula. **Química Nova na Escola**, v. 34, n. 2, p. 92-98, 2012.
- DALLO, L.; MARTINS, R. A. Associação entre as condutas de risco do uso de álcool e sexo desprotegido em adolescentes numa cidade do Sul do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n.1, p. 303-314, 2018.
- DÜSMAN, E.; GÓIS, K. S.; GOMES, E. M. V.; PENNA, L. M. D. C.; CAMARGO, T.; GUHUR, M. D. L. P. Estudo da iniciação sexual e da gravidez de jovens adolescentes da cidade de Maringá–PR. **SaBios-Revista de Saúde e Biologia**, v. 3, n. 2, p. 23-29, 2008.
- FERREIRA, H. L. O. C.; MENDES, C. S.; TAVARES, T. M. C. L.; BEZERRA, R. L.; SOARES, P. R. A. L.; RIBEIRO, S. G.; PINHEIRO, A. K. B. Conhecimento e atitude de adolescentes sobre a vacinação contra HPV. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 10, p. e6219109045-e6219109045, 2020.
- FIEDLER, M. W.; ARAÚJO, A.; SOUZA, M. C. C. D. A prevenção da gravidez na adolescência na visão de adolescentes. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 24, n. 1, p. 30-37, 2015.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra, 1996.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Edições Graal, 1988.

FURLANETTO, M. F.; MARIN, A. H.; GONÇALVES, T. R. Acesso e qualidade da informação recebida sobre sexo e sexualidade na perspectiva adolescente. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. 3, p. 644-664, 2019.

GOMES, W. D. A.; COSTA, M. C. O.; SOBRINHO, C. L. N.; SANTOS, C. A. D. S. T.; BACELAR, E. B. Nível de informação sobre adolescência, puberdade e sexualidade entre adolescentes. **Jornal de Pediatria**, v. 78, n. 4, p. 301-308, 2002.

GONDIM, P. S.; SOUTO, N. F.; MOREIRA, C. B.; CRUZ, M. E. C. D.; CAETANO, F. H. P.; MONTESUMA, F.G. Acessibilidade dos adolescentes às fontes de informações sobre saúde sexual e reprodutiva. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 25, n. 1, p.50-53, 2015.

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Holos**, v. 5, p. 251-263, 2013.

GONZAGA, G. R.; MIRANDA, J. C.; FERREIRA, M. L.; COSTA, R. C.; FREITAS, C. C. C.; FARIA, A. C. D. O. Jogos didáticos para o ensino de Ciências. **Revista Educação Pública**, v. 17, n. 7, p. 1-12, 2017.

GUBERT, D.; MADUREIRA, V. S. F. Iniciação sexual de homens adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, sup. 2, p. 2247-2256, 2008.

HEILBORN, M. L. Por uma agenda positiva dos direitos sexuais da adolescência. **Psicologia Clínica**, v. 24, n.1, p. 57-68, 2012.

HORA, M. R. O. P.; LOJA, L. F. B.; PIRES, D. A. T. Jogo do césio: utilizando jogos didáticos para o ensino de cálculos estequiométricos. **Revista Eletrônica Ludus Scientiae**, v. 2, n. 1, p. 91-104, 2018.

HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. Tradução de J.P. Monteiro. 4ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2000.

JANN, P.N.; LEITE, M.F. Jogo do DNA: um instrumento pedagógico para o ensino de Ciências e Biologia. **Ciências e Cognição**, v. 15, n. 1, p. 282-293, 2010.

KISHIMOTO, T.M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

KLEIN, T.A.S. Sexualidade, adolescência e escola: uma abordagem interdisciplinar. IV ENPEC - **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, p. 1-10, 2003.

KRABBE, E.C.; PADILHA, A.D.S.; HENN, A., DAL MOLIN, D.B.; TEIXEIRA, K.J.; JÚNIOR, P.S.D.A.; CARVALHO, T.G.M.L. Vacina Contra o HPV e a Prevenção do Câncer do Colo do Útero: Uma Necessidade de Avanço na Prática Cotidiana da Ciência da Saúde. **Revista Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 3, n. 1, p. 237-244, 2016.

KRASILCHIK, M. **Prática de Ensino de Biologia**. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2004.

KREUGER, M. R. O.; LIZOTT, L. S.; FRIEDRICH, H. D. A. Imunização contra HPV: nível de conhecimento dos adolescentes. **Adolescência e Saúde**, v. 14, n. 3, p. 38-45, 2017.

LESSA, C. B.; MAYOR, A. S. A dificuldade na promoção de medidas preventivas contra o abuso sexual infantil nas escolas. **Revista Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, v.9, n. 25, p. 61-77, 2019.

LINO, T. L. A adolescência e a sexualidade distorcida. **Psicologia.com.pt: O portal dos psicólogos**, p. 1-11, 2009. Disponível em: <[https://www.psicologia.pt/artigos/ver\\_artigo\\_licenciatura.php?codigo=TL0147](https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo_licenciatura.php?codigo=TL0147)>. (Acessado em 25 de novembro de 2021).

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Autêntica, 2000.

LUSTOSA, N. H. R.; SANTOS, R. S. D.; RODRIGUES, W. S.; CAVALCANTE, I. B.; ROLIM, L. A. D. M. M. Conhecimento e atitudes de adolescentes em relação à prevenção da infecção por HPV e sua correlação com o câncer de colo do útero. **Temas em Saúde**, v. 16, n. 3, p. 333-352, 2016.

LUZ, N.N.N.; LUSTOSA, Í.R.; MACHADO, K.C; PACHECO, A.C.L.; PERON, A.P.; FERREIRA, P.M.P. Acadêmicos, a percepção sobre o papilomavírus humano e sua relação com o câncer cervical. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 35, n. 2, p. 91-102, 2014.

MACIEL, D. G. P. **Contribuições do jogo didático na aprendizagem de ciências: uma estratégia que exercita as habilidades cognitivas e sociais e promove a motivação**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Neurociências - Universidade Federal de Minas Gerais, 2020.

MARTINS, C. B. D. G.; ALENCASTRO, L. C. D. S.; MATOS, K. F. D.; ALMEIDA, F. M. D.; SOUZA, S. P. S. D.; NASCIMENTO, S. C. F. As questões de gênero quanto à sexualidade dos adolescentes. **Adolescência e Saúde**, v. 9, n. 1, p. 25-32, 2012a.

MARTINS, C. B. D. G.; ALMEIDA, F. M. D.; ALENCASTRO, L. C.; MATOS, K. F. D.; SOUZA, S. P. S. D. Sexualidad en la adolescencia: Mitos y tabúes. **Ciencia y enfermería**, v. 18, n. 3, p. 25-37, 2012b.

MESSIAS, A. C. C. Prevenção do câncer do colo do útero: Desafios e perspectivas para a vacinação contra o HPV na região de saúde noroeste do Estado do Rio de Janeiro. **Acta Biomedica Brasiliensia**, v. 9, n. 2, p. 42-57, 2018.

MIOZZO, L.; DALBERTO, E. R.; SILVEIRA, D. X. D.; TERRA, M. B. Consumo de substâncias psicoativas em uma amostra de adolescentes e sua relação com o comportamento sexual. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 62, p. 93-100, 2013.

MIRANDA, J. C. Adolescência e vida sexual: o retrato de uma escola pública da região metropolitana do Rio de Janeiro. **SaBios-Revista de Saúde e Biologia**, v. 8, n. 2, p.31-40, 2013.

MIRANDA, J. C.; GONZAGA, G. R.; PEREIRA, P. E. Abordagem do tema doenças sexualmente transmissíveis, no ensino fundamental regular, a partir de um jogo didático. **Acta Biomedica Brasiliensia**, v. 9, n. 1, p. 105-121, 2018.

MIRANDA, J.C.; GONZAGA, G.R.; OLIVEIRA, B.; BORGES, P. N.; LUCAS, Y. O. S. Avaliação do jogo didático “Em Busca da Fecundação” como ferramenta para abordagem de temas relativos à reprodução humana. **Revista da SBEnBIO**, v. 9, p. 1845-1856, 2016.

MIRANDA, S. G. D., HERCULANO, M. F., SANTOS, M. F., SOARES, M. H. F. B. Elaboração, aplicação e avaliação de um jogo didático para o ensino de conceitos de bioquímica. **XII ENPEC. Natal/RN–Brazil**, p.1-8, 2019.

MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 44, n.1, p. 205-212, 2010.

MOLINA, M. C. C.; STOPPIGLIA, P. G. S.; MARTINS, C. B. D. G.; ALENCASTRO, L. C. D. S. Conhecimento de adolescentes do ensino médio quanto aos métodos contraceptivos. **O Mundo da Saúde**, v. 39, n. 1, p. 22-31, 2015.

MONTEIRO, R. L. M.; MONTEIRO, D. L. M. A mídia na informação sobre saúde sexual. **Adolescência e Saúde**, v. 2, n. 1, p. 17-28, 2005.

MOREIRA, M. R. C.; SANTOS, J. F. F. Q. D. Entre a modernidade e a tradição: a iniciação sexual de adolescentes piauienses universitárias. **Escola Anna Nery**, v. 15, n. 3, p. 558-566, 2011.

MOREIRA, M.A. ¿Al final, qué es aprendizaje significativo? **Revista Currículum**, n. 25, p.29-56, 2012.

NASCIMENTO, M.V.; SOUZA, I.; DEUS, M.D.S.M.; PERON, A.P. O que sabem os adolescentes do ensino básico público sobre o HPV. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 34, n. 2, p. 229-238, 2013.

NERY, J.A.C.; SOUSA, M.D.G.; OLIVEIRA, E.F.; QUARESMA, M.V. Infecções sexualmente transmissíveis na adolescência. **Residência Pediátrica**, v.5, n. 3, p. 64-78, 2015a.

NERY, I. S.; FEITOSA, J. J. D. M.; SOUSA, Á. F. L. D.; FERNANDES, A. C. N. Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 28, n.3, p. 287-292, 2015b.

NETO, A. S.; SOUZA, T. M. O. D.; RISSATO, U. P.; SOUZA, P. M. G.; BRITO, P. V. N.; DYTZ, J. L. G. Programa de educação pelo trabalho para a saúde nas escolas: oficina sobre sexualidade. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 36, n. 1, supl. 1, p. 86-91, 2012.

NICOLA, J. A.; PANIZ, C. M. A importância da utilização de diferentes recursos didáticos no Ensino de Ciências e Biologia. **InFor**, v. 2, n. 1, p. 355-381, 2017.

NICOLETTI, E. R.; SEPEL, L. M. N. Organização inicial de uma Ilha Interdisciplinar de Racionalidade a partir de um tema específico da biologia. **Ciência e Natura**, v. 37, n. 3, p. 808-820, 2015.

NOTHAFT, S. C. D. S.; ZANATTA, E. A.; BRUMM, M. L. B.; GALLI, K. D. S. B.; ERDTMANN, B. K.; BUSS, E.; SILVA, P. R. R. D. Sexualidade do adolescente no discurso de educadores: possibilidades para práticas educativas. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 18, n. 2, p. 284-294, 2014.

NUNESMAIA, H. G. D. S.; BARBOSA, M. M.; ALMEIDA, M. C. D.; MOREIRA, L. L. R.; DANTAS, T. S.; SUCUPIRA, J. M. D. F.; CORREIA, A. D. A. Educação reprodutiva em escolas públicas do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 12, n. 3, p. 283-288, 2008.

OKAMOTO, C.T.; FARIA, A.A.B.; SATER, A.C.; DISSENHA, B.V.; STASIEVSKI, B.S. Perfil do Conhecimento de Estudantes de uma Universidade Particular de Curitiba em relação ao HPV e Sua Prevenção. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 40, n. 4, p. 611-620, 2016.

OLIVEIRA, L. M. S.; SILVA, O. G. D.; FERREIRA, U. V. D. S. Desenvolvendo jogos didáticos para o ensino de química. **Holos**, v. 5, p. 166-175, 2010.

OLIVEIRA, C. D. D.; FAVERO, L. Conhecimento da sexualidade em um grupo de adolescentes. **Boletim de Enfermagem**, v. 2, p. 1-17, 2009.

OSIS, M. J. D.; DUARTE, G. A.; SOUSA, M. H. D. Conhecimento e atitude de usuários do SUS sobre o HPV e as vacinas disponíveis no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 48, n.1, p. 123-133, 2014.

PANOBIANCO, M. S.; LIMA, A. D. F. D.; OLIVEIRA, I. S. B.; GOZZO, T. D. O. O conhecimento sobre o HPV entre adolescentes estudantes de graduação em enfermagem. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 22, n.1, p. 201-207, 2013.

PASSOS, M.R.L. **HPV: Que Bicho é esse?** 8ªedição. Editora RQV. 2011.

PATTI, B. A. B.; PINHÃO, F. L.; SILVA, E. Sexualidade na Base Nacional Comum Curricular: uma breve análise. **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências–XII ENPEC**, v. 12, p. 1-11, 2019.

PECHANSKY, F.; SZOBOT, C. M.; SCIVOLETTO, S. Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 26, p. 14-17, 2004.

PEREIRA, C. Jogos educativos na saúde: avaliação da aplicação dos jogos “perfilparasitológico” e “perfil microbiano”. **Revista Saúde.Com**, v .11, n. 1, p. 2-9, 2015.

PEREIRA, M. R.; COSTA, R. G. D. S. Sexualidade no ensino médio: a escola auxiliando na prevenção da AIDS. **Saúde & Ambiente em Revista**, v. 5, n. 2, p. 24-30, 2010.



PEREIRA, R.G.V.; MACHADO, J.L.M.; MACHADO, V.M.; MUTRAN, T.J.; SANTOS, L.S.; OLIVEIRA, E.; FERNANDES, C.E. A influência do conhecimento na atitude frente à vacina contra o Papilomavírus Humano: ensaio clínico randomizado. **Arquivos Brasileiros de Ciências da Saúde**, v. 41, n. 2, p. 78-83, 2016.

PEREIRA, S. D. M.; TAQUETTE, S. R. Anticoncepção hormonal na adolescência: novas opções. **Adolescência e Saúde**, v. 2, n. 3, p. 6-10, 2005.

PEREIRA, F. D. B.; SOUZA, É. P. D. Cobertura vacinal do HPV para adolescentes: desafios e possibilidades. **Id on Line Revista de Psicologia**, v. 11, n. 38, p. 530-540, 2017.

PERIM, C. M.; GIANNELLA, T.; STRUCHINER, M. Análise do uso de um jogo educativo sobre saúde com adolescentes no ambiente escolar. **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC)**, v. 9, p. 1-8, 2013.

PINHEIRO, P. L. L.; CADETE, M. M. M. O que os adolescentes escolarizados sabem sobre o papiloma vírus humano. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, n. 2020-02, p. 1-15, 2020.

PINHEIRO, P. L. L., CADETE, M. M. M. O conhecimento dos adolescentes escolarizados sobre o papiloma vírus humano: revisão integrativa. **Enfermería Global**, v. 18, n. 4, p. 624-644, 2019.

PORTO, A. V. C.; RABELO, M. G.; SILVA, M. R. B. D. Relato de Experiência: Adolescentes e Atividade Sexual precoce em uma Unidade de Saúde na Zona Oeste-RJ. **Revista Eletrônica Novo Enfoque**, v. 17, n. 17, p. 134-138, 2013.

QUEIROZ, A. P. B. D.; ROCHA, M. B.; GATTO, T. N. A contribuição de uma prática educativa sobre HPV e câncer do colo do útero em um espaço coletivo para a divulgação de informações preventivas de promoção da saúde. **RevistAleph**, n. 29, p. 327-353, 2017.

QUEVEDO, J.P.; INÁCIO, M.; WIECZORKIEWICZ, A.M.; INVERNIZZI, N. A política de vacinação contra o HPV no Brasil: a comunicação pública oficial e midiática face à emergência de controvérsias. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 12, n. 24, p. 1-26, 2016.

RÊGO, R.L.S.; ALENCAR, R.R.S.; RODRIGUES, A.P.R.A. A educação em saúde para adolescentes e a vacina contra o HPV. **Caderno de Graduação-Ciências Biológicas e da Saúde-UNIT-ALAGOAS**, v. 4, n. 1, p. 181-190, 2017.

RESSEL, L. B.; JUNGES, C. F.; SEHNEM, G. D.; SANFELICE, C. A influência da família na vivência da sexualidade de mulheres adolescentes. **Escola Anna Nery**, v. 15, n. 2, p. 245-250, 2011.

RIZZO, E. R.; SILVA, J. A. L.; BASÍLIO, M. D. Vacina do HPV- o conhecimento das adolescentes a respeito do Papiloma vírus Humano, um relato de experiência. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 7, n. 2, p. 10-12, 2016.

ROMANO, A. M.; SOUZA, H. M. D.; NUNES, J. R. D. S. Contribuição do jogo didático “Conhecendo os Invertebrados” para o ensino de biologia. **Revista Prática Docente**, v. 5, n. 1, p. 325-343, 2020.

SANTOS, J. G. S.; DIAS, J. M. G. Vacinação pública contra o papilomavirus humano no Brasil. **Revista Médica de Minas Gerais**, v. 28, n. 1, p. 1-7, 2018.

SANTOS, A. D.; CAMPOS, M. P. A.; SANTOS, A. M. D. Sexualidade na adolescência: entre o desejo e o medo. **Scientia Plena**, v. 8, n. 9, p.1-9, 2012.

SANTOS, W. B.; CARDOSO, R.; ALMEIDA, J. D. S. M.; MOREIRA, F. A. Educação sexual como parte curricular da disciplina de biologia e auxílio a adolescentes: dificuldades e desafio. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 6, n. 2, p. 7-18, 2011.

SANTOS, C. A. C. D.; NOGUEIRA, K. T. Gravidez na adolescência: falta de informação? **Adolescência e Saúde**, v. 6, n. 1, p. 48-56, 2009.

SANTOS, A. V.; ARAÚJO, F. B. Utilização de jogo didático para o ensino de tabela periódica. **Revista Eletrônica Ludus Scientiae**, v. 1, n. 2, p. 78-89, 2017.

SANTOS, J. E. B. D.; RODRIGUES, B. M.; VASCONCELOS, C. A. A. D. O uso de games nos anos iniciais do ensino fundamental: o que dizem as pesquisas. **Revista Brasileira de Educação em Ciências e Educação Matemática**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 209–225, 2021.

SANTOS, T. N. D. **A utilização do jogo Minecraft como uma ferramenta didático-pedagógica na valorização do ensino lúdico**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação - Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

SANTOS, F. E. D.; FARIA, W. F. D. O jogo didático no processo ensino-aprendizagem. **Educere - Revista da Educação**, v. 17, n. 2, p. 203-219, 2017.

SAVI, R. **Avaliação de jogos voltados para a disseminação do conhecimento**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SAVI, R.; VON WANGENHEIM, C. G.; ULBRICHT, V.; VANZIN, T. Proposta de um modelo de avaliação de jogos educacionais. **RENOTE - Revista Novas Tecnologias na Educação**, v. 8, n. 3, p. 1-12, 2010.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. D. S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, n. 3, p. 707-717, 2005.

SCHERER, J. B. **Desenvolvimento, aplicação e análise de um role playing game (RPG) para Educação Ambiental**. Monografia – Curso de Especialização em Educação Ambiental – Universidade Federal de Santa Maria, 2019.

SCHULTZ, D.; SILVA, A. A. T. D.; OLIVEIRA, C. L. R. D. O jogo como recurso pedagógico no Ensino de Ciências: uma proposta para o ensino e aprendizagem da Biodiversidade. **Revista Prática Docente**, v. 6, n. 2, e036, p. 1-14, 2021.

SENA, J. Y.; ROCHA, Z. F. D. C. Uma experiência didática com jogos educativos no ensino de ciências. **Revista Educação Online**, n. 17, p. 1-13, 2014.

SILVA, E. D.; YARED, Y. B. Binsex: uma proposta de bingo como recurso didático em abordagem crítica da educação sexual. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 14, n. esp. 2, p. 1580-1600, 2019.

SILVA, L. E. L. D.; OLIVEIRA, M. L. C. D.; GALATO, D. Receptividade à vacina contra o papilomavírus humano: uma revisão sistemática. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 43, p.1-9, 2019.

SILVA, G. S.; LOURDES, L. A. D.; BARROSO, K. D. A.; GUEDES, H. M. Comportamento sexual de adolescentes escolares. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 19, n. 1, p. 154-160, 2015.

SILVA, P. M. C. D.; SILVA, I. M. B.; INTERAMINENSE, I. N. D. C. S.; LINHARES, F. M. P.; SERRANO, S. Q.; PONTES, C. M. Conhecimento e atitudes sobre o Papilomavírus humano e a vacinação. **Escola Anna Nery**, v. 22, n.2, p. 1-7, 2018.

SILVA, T. I. M. D.; COSTA, S. P.; SILVA, N. T. N. D. S.; SANTANA, L. D. Vacina e HPV: saberes dos pais e responsáveis de meninas adolescentes. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, v. 1, n. 3, p. 622-637, 2017.

SILVA, J. B. D. Gamificação na sala de aula: avaliação da motivação utilizando o questionário ARCS. **Revista Prática Docente**, v. 5, n. 1, p. 374-390, 2020.

SILVA, J. P. D.; BARROS, J. M. Os jogos didáticos como estratégia de ensino. **Ciências em Foco**, v. 13, e020003, p. 1-9, 2020.

SILVA, M. R.; ANTUNES, A. M. Jogos como tecnologias educacionais para o ensino de genética: A aprendizagem por meio do lúdico. **Revista Eletrônica Ludus Scientiae**, v. 1, n. 1, p. 175-186, 2017.

SILVEIRA, N. S. P.; VASCONCELOS, C. T. M.; NICOLAU, A. I. O.; ORIÁ, M. O. B.; PINHEIRO, P. N. D. C.; PINHEIRO, A. K. B. Conhecimento, atitude e prática sobre o exame colpocitológico e sua relação com a idade feminina1. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 24, p. 1-7, 2016.

SOUSA, P. D. L.; TAKIUTI, A. D.; BARACAT, E. C.; SORPRESO, I. C. E.; ABREU, L. C. D. Conhecimento e aceitabilidade da vacina para o HPV entre adolescentes, pais e profissionais de saúde: elaboração de constructo para coleta e composição de banco de dados. **Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano**, v. 28, n. 1, p. 58-68, 2018.

SOUSA, L. B. D.; FERNANDES, J. F. P.; BARROSO, M. G. T. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 19, n.4, p. 408-413, 2006.

TAQUETTE, S. R.; VILHENA, M. M. D.; PAULA, M. C. D. Fatores associados à iniciação sexual genital: estudo transversal com adolescentes no Rio de Janeiro. **Adolescência e Saúde**, v. 1, n. 3, p. 17-21, 2004.

TAQUETTE, S. R.; VILHENA, M. M. D. Uma contribuição ao entendimento da iniciação sexual feminina na adolescência. **Psicologia em estudo**, v. 13, n. 1, p. 105-114, 2008.

TAVARES, M. L. D. O.; REINALDO, A. M. D. S.; VILLA, E. A.; HENRIQUES, B. D.; PEREIRA, M. O. Perfil de adolescentes e vulnerabilidade para o uso de álcool e outras drogas. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v.11, n. 10, p. 3906-3912, 2017.

THEOBALD, V. D. T.; NADER, S. S.; PEREIRA, D. N.; GERHARDT, C. R.; OLIVEIRA, F. J. M. A universidade inserida na comunidade: conhecimentos, atitudes e comportamentos de adolescentes de uma escola pública frente a doenças sexualmente transmissíveis. **Revista da AMRIGS**, v. 1, n. 56, p. 26-31, 2012.

VIEGAS, S. M. D. F.; PEREIRA, P. L. G.; PIMENTA, A. M.; LANZA, F. M.; OLIVEIRA, P. P. D.; OLIVEIRA, V. C. D. Preciso mesmo tomar vacina? Informação e conhecimento de adolescentes sobre as vacinas. **Avances en Enfermería**, v. 37, n. 2, p. 217-226, 2019.

VONK, A. C. R. P.; BONAN, C.; SILVA, K. S. D. Sexualidade, reprodução e saúde: experiências de adolescentes que vivem em município do interior de pequeno porte. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 6, p. 1795-1807, 2013.

YONEKURA, T; SOARES, C. B. O jogo educativo como estratégia de sensibilização para coleta de dados com adolescentes. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 18, n. 5, p. 1-7, 2010.

ZANINI, N. V.; PRADO, B. S.; HENDGES, R.; SANTOS, C. A. D.; CALLEGARI, F. V. R.; BERNUCI, M. P. Motivos para recusa da vacina contra o Papilomavírus Humano entre adolescentes de 11 a 14 anos no município de Maringá-PR. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, v. 12, n. 39, p. 1-13, 2017.

ZARDO, G. P.; FARAH, F. P.; MENDES, F. G.; FRANCO, C. A. G. D. S.; MOLINA, G. V. M.; MELO, G. N. D.; KUSMA, S. Z. Vacina como agente de imunização contra o HPV. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 9, p. 3799-3808, 2014.

ZOCCA, A. R.; MUZZETI, L. R.; NOGUEIRA, N. S.; RIBEIRO, P. R. M. Percepções de adolescentes sobre sexualidade e educação sexual. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 10, n. 2, p. 1463-1476, 2015.

ZUANON, A.C.A.A.; DINIZ, R.H.S.; NASCIMENTO, L.H. Construção de jogos didáticos para o ensino de Biologia: um recurso para integração dos alunos à prática docente. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, v.3, n.3, p. 49-59, 2010.

## APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO

Prezado aluno (a),

Este questionário faz parte de uma pesquisa diagnóstica sobre questões relacionadas à vida sexual das adolescentes e ao conhecimento destes sobre o Papiloma Vírus Humano (HPV). É destinado aos adolescentes estudantes de escolas públicas do município de Miracema-RJ e aborda temas como: início da vida sexual; uso de métodos contraceptivos; origem e acesso a informações sobre temas relacionados à vida sexual; conhecimento sobre o HPV (transmissão e prevenção); conhecimento sobre o exame de Papanicolau e a importância da escola na abordagem do tema. A partir dos resultados obtidos, pretende-se o desenvolvimento de atividades educativas, bem como a criação de espaços de discussão sobre questões relativas à sexualidade, disponibilizando informações que possam esclarecer dúvidas e fornecer subsídios científicos, principalmente sobre o HPV, visando a conscientização acerca importância da adesão às campanhas de vacinação, uso de preservativos e a importância do exame do Papanicolau.

Obs.: Durante o preenchimento do questionário não é necessário identificar-se. As informações aqui obtidas serão usadas apenas de forma científica, sem a exposição para terceiros.

1) Qual é a sua idade? \_\_\_\_\_

2) Qual é o seu sexo?

( ) Masculino

( ) Feminino

( ) Prefiro não declarar

3) Já iniciou sua vida sexual?

( ) Sim

( ) Não

**Caso a resposta seja negativa, ir para a questão nº9**

4) Com que idade iniciou a sua vida sexual? \_\_\_\_\_

5) Quantos parceiros(as) sexuais você já teve? \_\_\_\_\_

6) Faz uso de métodos contraceptivos?

( ) Sempre. Quais? \_\_\_\_\_

( ) Às vezes. Quais? \_\_\_\_\_

( ) Nunca

**7) Você ingere bebidas alcoólicas antes das relações sexuais?**

- Sempre
- Nunca
- Às vezes

**8) Você usa algum tipo de droga ilícita antes das relações sexuais?**

- Sempre. Quais? \_\_\_\_\_
- Às vezes. Quais? \_\_\_\_\_
- Nunca

**9) Você tem acesso a informações sobre questões relacionadas à vida sexual?**

- Sim. Onde? \_\_\_\_\_  
(escola/família/amigos/internet/igreja/outros)
- Não

**10) Sente-se à vontade para falar sobre sexo?**

- Sim
- Não
- Depende da pessoa. Com quem? \_\_\_\_\_

**11) Você já ouviu falar sobre HPV?**

- Sim
- Não

Se sim, o que é o HPV? \_\_\_\_\_

**12) Você sabe quais as doenças causadas pelo HPV?**

- Sim. Qual(is)? \_\_\_\_\_
- Não

**13) Você sabe como ocorre a transmissão/contágio pelo HPV?**

- Sim
- Não

**14) Você sabe como se prevenir contra o HPV?**

( ) Sim

( ) Não

**15) Você sabe que existe uma vacina contra o HPV?**

( ) Sim

( ) Não

**16) Você já foi vacinado (a) contra o HPV?**

( ) Sim

( ) Não. Por qual motivo? \_\_\_\_\_

**17) Você sabe para que serve a vacina contra o HPV?**

( ) Sim

( ) Não

**18) Você sabe quem deve ser vacinado contra o HPV?**

( ) Sim. Quem? \_\_\_\_\_

(gestantes/ recém nascidos/ crianças/ meninas/ meninos/adolescentes de ambos os sexos/idosos/qualquer pessoa)

( ) Não

**19) Você já ouviu falar sobre o exame de Papanicolau (preventivo)?**

( ) Sim

( ) Não

**20) Você sabe para que ele serve?**

( ) Sim

( ) Não

**21) Você já fez o exame de Papanicolau (preventivo)?**

( ) Sim

( ) Não

**22)** Você já recebeu algum tipo de informação sobre o HPV?

( ) Sim. Onde? \_\_\_\_\_

(escola/família/amigos/internet/igreja/outros)

( ) Não

**23)** Você considera importante que informações sobre o HPV sejam abordadas nas escolas?

( ) Sim

( ) Não

**24)** Você considera importante que haja mais divulgação de informações sobre o HPV?

( ) Sim

( ) Não



## APÊNDICE II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Responsável, gostaríamos de solicitar sua autorização para que seu(sua) filho(a) ou o(a) menor que está sob sua guarda e/ou tutela participe da pesquisa “Diálogos, ações e estratégias para o ensino do Papiloma Vírus Humano nas escolas: uma contribuição para a campanha de vacinação no município de Miracema-RJ”, sobre o nível de conhecimento de adolescentes, alunos de escolas públicas do município de Miracema-RJ, acerca de questões relacionadas à sexualidade e ao Papiloma Vírus Humano (HPV). Para esta pesquisa adotaremos o seguinte procedimento: aplicação de questionário com 24 itens, que abordam temas tais como início da vida sexual; uso de métodos contraceptivos; origem e acesso a informações sobre temas relacionados à vida sexual; conhecimento sobre o HPV e a vacina contra este vírus; conhecimento sobre o exame de Papanicolau e a importância da escola na abordagem do tema. A obtenção e análise desses dados subsidiarão ações futuras, trabalhos contínuos de conscientização dos adolescentes sobre a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, principalmente aquelas associadas ao HPV, bem como a importância da adesão à vacina, uso de preservativos e a importância do exame do Papanicolau.

Se o(a) senhor(a) concordar com nossa solicitação, uma via deste documento será arquivada pelos pesquisadores responsáveis, e a outra será ficar em sua posse.

Para participar desta pesquisa, o(a)aluno(a) também assinará o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. O(a) aluno(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Ele(a)será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por ele(s) poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelos pesquisadores, que tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Em nenhum momento ele(a) será identificado(a) ou exposto(a). Todas as informações serão sigilosas e serão guardadas em local seguro. Os resultados da pesquisa poderão ser publicados em periódicos e em anais de eventos acadêmicos e, ainda assim, a sua identidade será preservada. Esta pesquisa apresenta risco mínimo, mas caso o(a) aluno(a) sinta desconforto, constrangimento e não queira responder alguma questão, ele(a) não será obrigado(a) a continuar participando da pesquisa. Temos esse compromisso de reduzir os riscos e quaisquer tipos de desconfortos de acordo com as normas estabelecidas pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal Fluminense.

Os Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) são compostos por pessoas que trabalham para que todos os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos sejam aprovados de acordo com as normas éticas elaboradas pelo Ministério da Saúde. A avaliação dos CEPs leva em consideração os benefícios e riscos, procurando minimizá-los e busca garantir que os participantes tenham acesso a todos os direitos assegurados pelas agências regulatórias. Assim, os CEPs procuram defender a dignidade e os interesses dos participantes, incentivando sua autonomia e participação voluntária. Procure saber se este projeto foi aprovado pelo CEP desta instituição. Em caso de dúvidas, ou querendo outras informações, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa na área de Humanas da Universidade Federal Fluminense (CEP HUMANAS/UFF). Endereço: Campus da Praia Vermelha - UFF - Instituto de Física (3º andar - torre nova). Rua Passo da Pátria, 156. Bairro: Boa Viagem. Niterói - RJ. E-mail: cephumanasuff@gmail.com.

**Pesquisadores Responsáveis: Jean Carlos Miranda e Sabrina dos Santos Arruda**

**Instituição: Universidade Federal Fluminense**

**Telefones: (22) 3851-0725/ (22) 3851-0994.**

Eu, \_\_\_\_\_, RG n.º \_\_\_\_\_,  
declaro ter sido informado e concordo com a participação de \_\_\_\_\_,  
como voluntário(a), do projeto de pesquisa acima descrito.

---

Assinatura do Responsável

---

Sabrina dos Santos Arruda  
Pesquisador (a) principal

---

Prof. Dr. Jean Carlos Miranda  
Orientador do Projeto de Pesquisa

Miracema, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

### **APÊNDICE III – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “Diálogos, ações e estratégias para o ensino do Papiloma Vírus Humano nas escolas: uma contribuição para a campanha de vacinação no município de Miracema-RJ”, sobre o nível de conhecimento de adolescentes, alunos de escolas públicas do município de Miracema-RJ, acerca de questões relacionadas à sexualidade e ao Papiloma Vírus Humano (HPV). Para esta pesquisa adotaremos o seguinte procedimento: aplicação de questionário com 24 itens, que abordam temas tais como início da vida sexual; uso de métodos contraceptivos; origem e acesso a informações sobre temas relacionados à vida sexual; conhecimento sobre o HPV e a vacina contra este vírus; conhecimento sobre o exame de Papanicolau e a importância da escola na abordagem do tema. A obtenção e análise desses dados subsidiarão ações futuras, trabalhos contínuos de conscientização dos adolescentes sobre a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, principalmente aquelas associadas ao HPV, bem como a importância da adesão à vacina, uso de preservativos e a importância do exame do Papanicolau.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você (caso seja menor) deverá autorizar e também assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelos pesquisadores, que tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Em nenhum momento você será identificado ou exposto. Todas as informações serão sigilosas e serão guardadas em local seguro. Os resultados da pesquisa poderão ser publicados em periódicos e em anais de eventos acadêmicos e, ainda assim, a sua identidade será preservada. Esta pesquisa apresenta risco mínimo, mas caso você sinta desconforto, constrangimento e não queira responder alguma questão, você não será obrigado(a) a continuar participando da pesquisa. Temos com você o compromisso de reduzir os riscos e quaisquer tipos de desconfortos de acordo com as normas estabelecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal Fluminense.

Os Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) são compostos por pessoas que trabalham para que todos os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos sejam aprovados de acordo com as normas éticas elaboradas pelo Ministério da Saúde. A avaliação dos CEPs leva em consideração os benefícios e riscos, procurando minimizá-los e busca garantir que os participantes tenham acesso a todos os direitos assegurados pelas agências regulatórias. Assim, os CEPs procuram defender a dignidade e os interesses dos participantes, incentivando sua autonomia e participação voluntária. Procure saber se este projeto foi aprovado pelo CEP desta instituição. Em caso de dúvidas, ou querendo outras informações, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa na área de Humanas da Universidade Federal Fluminense (CEP HUMANAS/UFF). Endereço: Campus da Praia Vermelha - UFF - Instituto de Física (3º andar - torre nova). Rua Passo da Pátria, 156. Bairro: Boa Viagem. Niterói - RJ. E-mail: cephumanasuff@gmail.com.

Este termo de assentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelos pesquisadores responsáveis, e a outra será fornecida a você.

**Pesquisadores Responsáveis: Jean Carlos Miranda e Sabrina dos Santos Arruda**  
**Instituição: Universidade Federal Fluminense**

**Telefones: (22) 3851-0725/ (22) 3851-0994.**

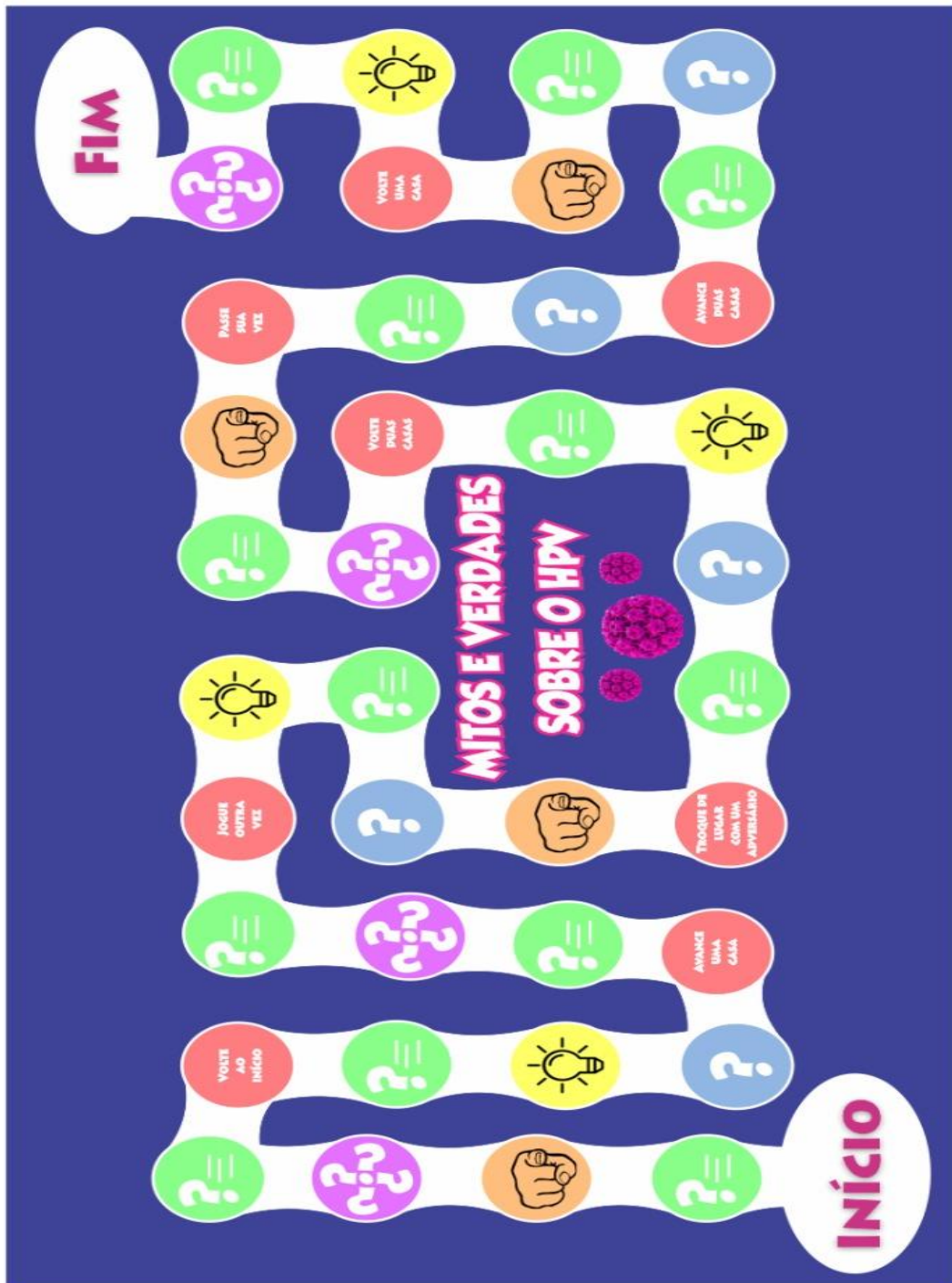
Eu, \_\_\_\_\_, RG n.º \_\_\_\_\_ (se **já tiver documento**), declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Sabrina dos Santos Arruda  
Pesquisador(a) principal

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Jean Carlos Miranda  
Orientador do Projeto de Pesquisa

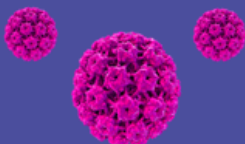
APÊNDICE IV – TABULEIRO DO JOGO “MITOS E VERDADES SOBRE O HPV”



## APÊNDICE V - CARTAS DO JOGO “MITOS E VERDADES SOBRE O HPV”

### Cartas Mito ou Verdade

#### MITOS E VERDADES SOBRE O HPV



?

O HPV só pode ser transmitido do homem para a mulher. Mito ou verdade?

Resposta: Mito. Tanto o homem quanto a mulher, infectados pelo HPV, podem transmitir o vírus a seus parceiros sexuais.

O HPV só acomete mulheres promíscuas. Mito ou verdade?

Resposta: Mito. O HPV acomete tanto homem quanto a mulher e o contato sexual com grande variabilidade de parceiros (as) sexuais aumenta as chances de se contaminar com o vírus.

O uso de preservativo nas relações sexuais elimina totalmente o risco de contaminação pelo HPV. Mito ou verdade?

Resposta: Mito. O preservativo não impede totalmente a infecção, pois pode haver lesões em áreas não protegidas pelo preservativo.

O HPV pode ficar no organismo durante anos, sem manifestar nenhum sintoma. Mito ou verdade?

Resposta: Verdade. Geralmente, o HPV não apresenta sintomas e pode ser eliminado pelo organismo espontaneamente. Porém este vírus pode ficar em estado latência no organismo e se manifestar após muitos anos.

A vacina contra o HPV induz o menino e a menina a iniciarem sua vida sexual mais cedo. Mito ou verdade?

Resposta: Mito. A vacina não exerce qualquer tipo de influência no comportamento sexual dos (as) adolescentes vacinados (as).

O HPV pode ser transmitido pelo compartilhamento de toalhas e roupas íntimas. Mito ou verdade?

Resposta: Verdade. Apesar de ser raro, existe a possibilidade de se transmitir o HPV pelo compartilhamento de toalhas e roupas íntimas.

O HPV pode ser transmitido na primeira relação sexual. Mito ou verdade?

Resposta: Verdade. O HPV pode ser transmitido com apenas uma única exposição ao vírus durante o contato sexual com uma pessoa infectada.

A vacina só é recomendada para adolescentes virgens. Mito ou verdade?

Resposta: Verdade. A vacina é recomendada para os(as) adolescentes antes que eles (as) sejam expostos(as) ao vírus, ou seja, antes do início da sua vida sexual.

Mesmo sendo vacinado (a) contra o HPV é necessário utilizar preservativo nas relações sexuais. Mito ou verdade?

Resposta: Verdade. A vacina só protege contra os subtipos de HPV 6, 11, 16 e 18. A vacina não protege contra os outros subtipos de HPV existentes e nem contra outras ISTs.

Todas as mulheres com HPV terão câncer. Mito ou verdade?

Resposta: Mito. Normalmente o HPV é eliminado pelo organismo de forma espontânea. Mas alguns tipos de HPV podem persistir no organismo e desenvolver alterações celulares que podem evoluir para um câncer.

A vacina protege contra todos os tipos de HPV. Mito ou verdade?

Resposta: Mito. A vacina contra o HPV é quadrivalente e só protege contra os HPV subtipos 6, 11, 16 e 18.

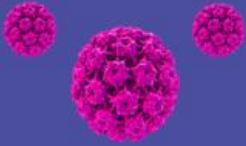
O contágio com o HPV pode ocorrer mesmo na ausência de penetração vaginal, oral ou anal. Mito ou verdade?

Resposta: Verdade. A transmissão do HPV pode acontecer pelo contato direto com a pele ou mucosa infectada e através do contato oral-genital, genital-genital ou manual-genital.



## Cartas Teste

### MITOS E VERDADES SOBRE O HPV



O HPV é transmitido principalmente por:

- (A) transfusão de sangue
- (B) contato sexual
- (C) ar
- (D) ingestão de alimentos contaminados

Resposta: B

Quais os sintomas de uma infecção pelo HPV?

- (A) Verrugas na região genital
- (B) Ardência ao urinar
- (C) Corrimento amarelo e fétido
- (D) Sangramento na relação sexual

Resposta: A

A vacina contra o HPV é indicada

- (A) só para as meninas
- (B) só para os meninos
- (C) para adolescentes de ambos os sexos
- (D) para adultos e idosos

Resposta: C

São formas de prevenção contra o HPV, EXCETO:

- (A) Redução do número de parceiros (as) sexuais
- (B) Uso de pílula anti-concepcional
- (C) Vacinação
- (D) Uso de preservativo em todas as relações sexuais

Resposta: B

O HPV é um (a)...

- (A) Vírus
- (B) Bactéria
- (C) Célula
- (D) Ser não identificado

Resposta: A

Não é uma forma de transmissão do HPV:

- (A) contato sexual
- (B) contato com objetos íntimos contaminados
- (C) contato direto com pele ou mucosa contaminada
- (D) contato pelo ar

Resposta: D

O HPV é um vírus transmitido principalmente pelo contato sexual e se instala na pele e na mucosa levando ao aparecimento de verrugas genitais. Essa doença é conhecida como:

- (A) Condiloma acuminado
- (B) Herpes
- (C) Hepatite
- (D) AIDS

Resposta: A

Que tipo de câncer tem relação direta com a infecção pelo HPV?

- (A) câncer de mama
- (B) câncer de pele
- (C) câncer de ovário
- (D) câncer de colo de útero

Resposta: D

O Papiloma Vírus Humano é um vírus que infecta:

- (A) os ossos
- (B) o sangue
- (C) pele e mucosas
- (D) os músculos

Resposta: C

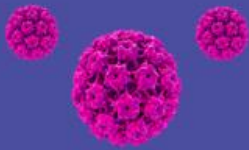
Por não apresentar sintomas, o HPV só é descoberto através de exames específicos. Nas mulheres o exame que detecta a presença do HPV no colo do útero é o (a):

- (A) Ultrassonografia
- (B) Papanicolau
- (C) Mamografia
- (D) Hemograma

Resposta: B

## Carta Pergunta

### MITOS E VERDADES SOBRE O HPV



O que significa a sigla HPV?

Resposta: Sigla em inglês *Human Papiloma Virus*, que em português quer dizer Papiloma Vírus Humano.

O que são ISTs?

Resposta: São infecções sexualmente transmissíveis, ou seja, são infecções adquiridas por meio do contato sexual.

O que é o exame do Papanicolau?

Resposta: É o exame que ajuda a detectar alterações celulares induzidas pelo HPV no revestimento do colo do útero.

Como é feito o diagnóstico do HPV?

Resposta: É feito pela identificação de verrugas através dos exames de peniscopia (homem) e coloscopia (mulher). Já o exame de Papanicolau detecta lesões no colo do útero.

De que é feita a vacina contra o HPV?

Resposta: É feita de partículas semelhantes ao vírus (Virus Like Particles - VLP) específicas de HPV tipos 6, 11, 16 e 18. Essas partículas representam a cápsula viral sem o material genético.

Como funciona a vacina contra o HPV?

Resposta: As VLPs presentes na vacina correspondem às cápsulas virais e atuam como antígeno, estimulando o organismo humano a produzir anticorpos específicos contra cada tipo de HPV.

Por que a vacina deve ser administrada antes de o (a) adolescente iniciar sua vida sexual?

Resposta: Para que ele (a) seja imunizado (a) antes de ser (a) ao vírus, garantindo assim uma melhor resposta imunológica, ou seja, tenha uma maior produção de anticorpos contra o vírus.

A vacina previne contra quais os tipos de HPV?

Resposta: A vacina contra o HPV é quadrivalente. Ela previne somente os subtipos 6, 11, 16 e 18.

Qual a importância do exame de Papanicolau?

Resposta: Este exame detecta as alterações que o HPV pode causar nas células do colo do útero o que torna possível diagnosticar um possível câncer.

Por que as mulheres precisam realizar o exame de Papanicolau anualmente?

Resposta: Para detectar alterações nas células provocadas pelo HPV no colo do útero, a fim de que sejam tratadas antes de se tornarem um câncer.

Quais as formas de prevenção contra o HPV?

Resposta: Vacinação e uso de preservativo em todas as relações sexuais.

A vacina contra o HPV protege somente contra o câncer?

Resposta: Não. A vacina HPV protege contra os subtipos 6 e 11 responsáveis pelas verrugas genitais e contra os subtipos 16 e 18 que são responsáveis por alguns tipos de câncer.

Qual é o método contraceptivo que também é eficaz contra as ISTs?

Resposta: O preservativo (masculino ou feminino).

Por que a infecção pelo HPV é considerada uma IST?

Resposta: Por ser uma infecção sexualmente transmissível, ou seja, uma infecção transmitida pelo contato sexual.

O HPV pode ser transmitido por qualquer tipo de prática sexual?

Resposta: Sim. Pois este vírus é capaz de infectar pele e mucosas principalmente de órgãos como vulva, vagina, pênis, ânus e boca.

O uso do preservativo feminino junto com preservativo masculino confere maior proteção contra às ISTs?

Resposta: Não. O uso concomitante destes dois preservativos pode provocar atrito no látex do preservativo e induzir ao seu rompimento.

O HPV pode ser contraído nas relações homoafetivas?

Resposta: Sim. O HPV pode ser transmitido por qualquer tipo de prática sexual desprotegida e entre indivíduos do mesmo sexo.

A vacina contra o HPV é segura?

Resposta: Sim. A vacina anti-HPV é muito segura e é recomendada pela Organização Mundial de Saúde (OMS). A vacina é constituída de partículas semelhantes ao vírus sem o material genético, portanto não existe a menor possibilidade de causar a infecção.

A vacina contra o HPV tem algum efeito colateral?

Resposta: Sim. Pode ocorrer dor no local da aplicação, inchaço e vermelhidão. Em casos raros, dor de cabeça e febre.

Quantas doses da vacina são necessárias para se proteger contra o HPV?

Resposta: São necessárias duas doses com intervalo de seis meses entre elas.

Pessoas com HIV podem ser vacinadas contra o HPV?

Resposta: Sim. A vacina é ofertada a homens e mulheres de 9 a 26 anos, devido às complicações que o HPV pode trazer para os pacientes portadores de HIV.

Pessoas portadoras do HPV que não apresentam nenhum sintoma podem transmitir este vírus?

Resposta: Sim. As pessoas portadoras do HPV podem ser assintomáticas e mesmo assim transmitir o vírus.

A infecção pelo HPV é igual no homem e na mulher?

Resposta: Não. As diferenças anatômicas e fisiológicas (hormonais) existentes entre os sexos permite que o órgão genital feminino tenha maior desenvolvimento e multiplicação do HPV.

O que é câncer de colo de útero?

Resposta: É uma doença caracterizada pelo crescimento anormal de células infectadas pelo HPV no colo do útero, que é a parte inferior do útero que fica em contato com a vagina.

Por que os meninos foram incluídos no esquema de vacinação contra o HPV?

Resposta: Porque além de serem transmissores do HPV, os homens podem desenvolver doenças como verrugas genitais e câncer de pênis, ânus, boca e garganta.

Quais as doenças causadas pelo HPV?

Resposta: O HPV é o agente causador do condiloma acuminado e do câncer de colo de útero, entre outros tipos de cânceres como o de pênis, ânus, boca e garganta.

Como a pessoa se infecta pelo HPV?

Resposta: A infecção ocorre principalmente pela relação sexual desprotegida, mas pode ocorrer pelo compartilhamento de toalhas, roupas íntimas entre outros. Ainda pode ocorrer pelo contato íntimo na ausência de penetração.

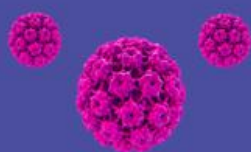
As meninas que já foram vacinadas contra o HPV estão isentas de fazer o exame de preventivo?

Resposta: Não. Pois as meninas só ficam imunizadas contra os subtipos de HPV 16 e 18 e existem outros tipos de HPV que possuem alto poder oncogênico.



## Carta Desafio

### MITOS E VERDADES SOBRE O HPV



Uma pessoa está a bastante tempo sem ter relações sexuais, mesmo assim ela pode vir a desenvolver algum tipo de doença causada pelo HPV?

Resposta: Sim. Ela pode ter tido contato com o HPV e este vírus permanecer no organismo por muito tempo e levar ao desenvolvimento de doenças causadas por este vírus.

Minha parceira está com HPV, será que eu também tenho esse vírus?

Resposta: Você pode ter esse vírus sim. Mas seu organismo pode eliminá-lo espontaneamente ou apresentar sinais não visíveis de verrugas genitais. É necessário ir ao médico (a) para fazer exame.

Uma mulher, grávida de três meses, descobriu ser portadora do HPV. O bebê pode pegar o vírus?

Resposta: Sim. O bebê pode se infectar com o vírus na hora do parto e ter as regiões oral, genital, ocular e laríngea afetadas.

Na primeira relação sexual, um casal não usou preservativo. Os dois podem ser infectados pelo HPV?

Resposta: Se um dos dois estiver infectado sim, pois a contaminação pode ocorrer por uma única exposição ao vírus por meio do contato sexual.

Um rapaz tinha o hábito de não usar camisinha em suas relações sexuais. Ele não tinha medo de pegar uma IST, muito menos o HPV. Para ele, isso só pegava em meninas. Ele está certo?

Resposta: Não. A infecção pelo HPV acomete homens e mulheres por meio de uma relação sexual sem uso de preservativo.



Uma mulher fez um exame preventivo e teve um diagnóstico sugestivo para o HPV. Será que ela terá câncer de colo de útero?

Resposta: É necessário ir ao médico (a) especialista para a avaliação do grau de infecção causado pelo HPV, que pode ser feito através de uma biópsia. Se fizer o tratamento adequado à doença não evolui para um câncer.

Na troca de carícias com sua namorada, um rapaz percebe a presença de uma verruga ao tocar a região da vulva. Como surgiu essa verruga?

Resposta: Trata-se do condiloma acuminado, doença causada pelo HPV, que se caracteriza pela presença de verrugas nas partes genitais que foi adquirida pelo contato sexual com uma pessoa infectada.

Uma jovem começou sua vida sexual muito cedo e já teve vários parceiros sexuais. Com uns ela usou camisinha e com outros não. Apesar de não sentir nada, ela precisa fazer o exame preventivo?

Resposta: Esse comportamento favorece o risco de contaminação pelo HPV. Portanto, é necessário fazer o exame do Papanicolau.

Uma moça era virgem quando conheceu seu esposo. Eles se casaram e tiveram 1 filho. Num exame preventivo de rotina, a moça apresentou um resultado sugestivo para HPV. Como explicar isso?

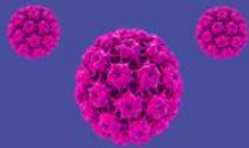
Resposta: O esposo pode ser portador assintomático do HPV e ter sido contaminado através de relações anteriores.

Duas jovens começaram a namorar e vivem juntas a bastante tempo. Elas precisam fazer o exame preventivo?

Resposta: Toda mulher sexualmente ativa precisa fazer o exame do Papanicolau independente da sua opção sexual.

## Carta Dica de Prevenção

### MITOS E VERDADES SOBRE O HPV



Evite ter muitos (as) parceiros (as) sexuais. Assim você diminui os riscos de infecção pelo HPV.

Vacine-se contra o HPV. A vacina é altamente segura, eficaz e protege com os subtipos 6, 11, 16 e 18.

Use preservativo em todas as relações sexuais. O uso da camisinha masculina ou feminina diminui os riscos de infecção pelo HPV.

Respeite seu corpo e seu tempo. O início da vida sexual exige consciência e responsabilidade.

Se notar a presença de verruga na região genital, procure logo um médico (a). Sem saber, você pode estar com HPV.

Não compartilhe objetos íntimos. Mesmo sendo raro, o compartilhamento de objetos íntimos pode transmitir o HPV de uma pessoa para outra.

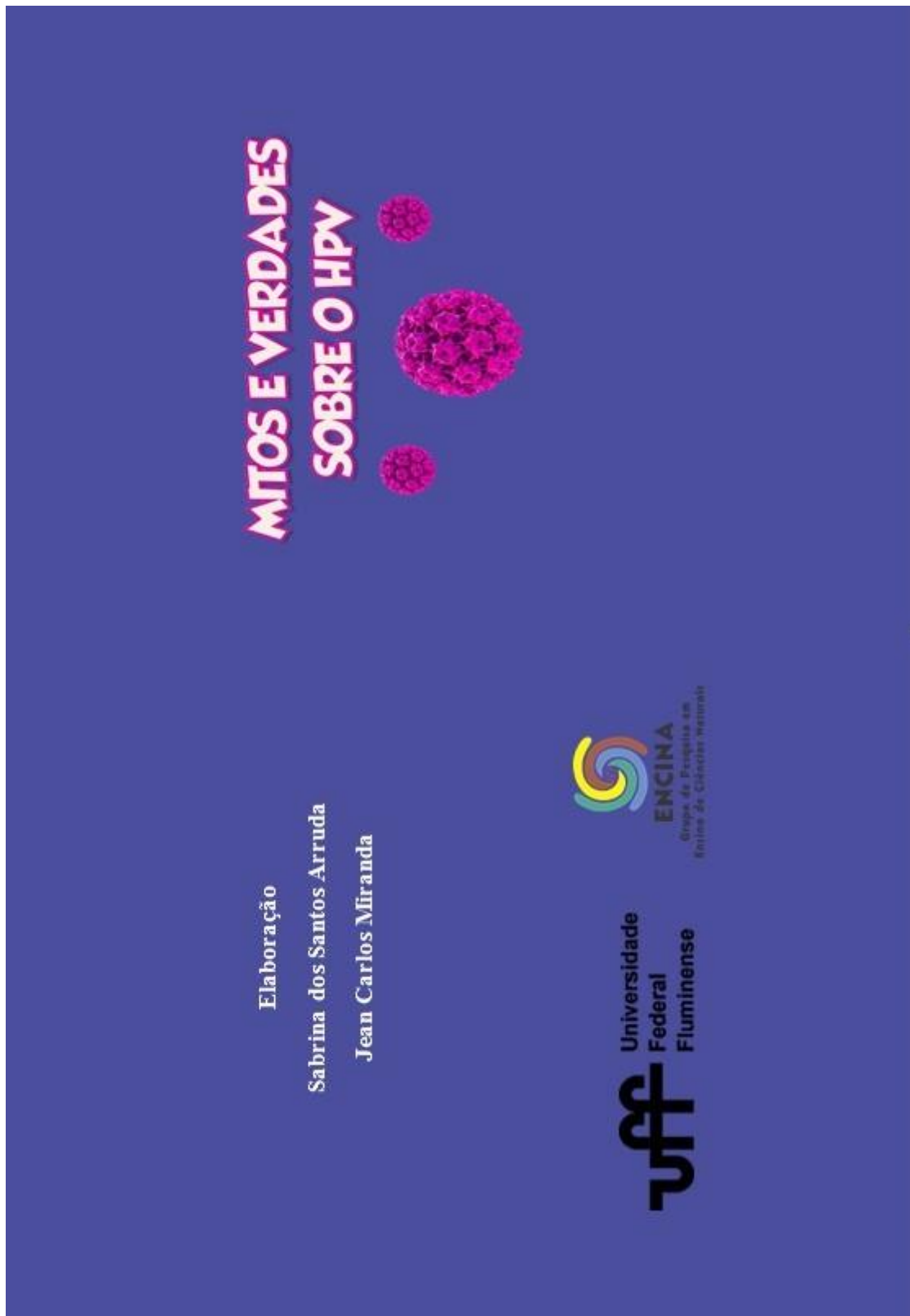
Faça o exame do Papanicolau regularmente. Este exame ajuda na prevenção do câncer de colo de útero.

Fique atento(a)! O HPV pode ser transmitido pelo contato íntimo, mesmo se não houver penetração vaginal, oral ou anal.

Informe-se sobre o HPV. A informação ajuda na prevenção. Adote essa ideia.

Fique atento(a)! Você deve ser vacinado (a) contra o HPV antes de iniciar sua vida sexual.

**APÊNDICE VI – MANUAL DE REGRAS DO JOGO “MITOS E VERDADES  
SOBRE O HPV”**



Este jogo foi desenvolvido como uma ferramenta auxiliar para o ensino de temas relacionados ao HPV, de forma a contribuir para adesão do público-alvo às campanhas de vacinação contra este patógeno.

#### **Objetivo**

Abordar questões referentes à biologia do vírus, formas de transmissão, principais sintomas, tratamento e formas de prevenção, além de desmistificar questões que permeiam a discussão sobre os benefícios, eficácia e segurança da vacina anti-HPV.

#### **Este jogo contém:**

- 1 tabuleiro,
- 70 cartas,
- 6 pinos coloridos,
- 1 dado com seis faces.

#### **Número de participantes**

- 3 a 6 jogadores (podendo ser jogado por equipes)
- 1 mediador (professor)

#### **COMO JOGAR**

##### **Preparação do jogo**

- Abra o tabuleiro sobre a mesa ou chão da sala em uma posição ao alcance de todos os jogadores.
- Cada jogador escolhe a cor do seu pino e o posiciona na casa INICIO.

**OBS:** O mediador deverá misturar as cartas correspondentes a cada ícone das casas do tabuleiro, separando-as e colocando-as em pilhas, com a face do texto virada para baixo, próximas ao tabuleiro do jogo. Ele controlará e medirá o tempo de cada jogada por meio de um cronômetro (de um relógio ou aparelho celular).

#### **Dinâmica do jogo:**

- 1) Após escolherem seus pinos, os jogadores devem lançar o dado, a fim de definir sua ordem de participação; o que obtiver o maior número inicia a partida. O próximo jogador é o que está à sua esquerda. Essa dinâmica seguirá em sentido horário.
- 2) O jogador lança o dado e percorre o número de casas correspondentes. Ao final desse movimento, o mediador apanha uma carta da pilha correspondente ao ícone da casa onde o pino parou, lê a questão e o cronômetro é acionado; o jogador tem o tempo de 30 segundos para responder. Se a casa onde o pino parou apresentar instruções, o jogador deve seguir as. Caso o pino pare em uma casa com dicas de prevenção, não há necessidade de acionamento do cronômetro.
- 3) A vez passa ao jogador seguinte e a partida segue essa dinâmica até que um jogador alcance a casa FIM, sendo declarado vencedor da partida.



Ao percorrer o tabuleiro, cada jogador deve seguir as orientações correspondentes aos ícones das casas:



**Mito ou Verdade:** quando o jogador parar nessa casa, o mediador vai retirar uma carta do monte, ler a afirmação presente na carta e o jogador deverá responder se a afirmação é mito ou verdade em trinta segundos. Se acertar a resposta, o jogador avança uma casa, mas se errar ele deve voltar uma casa.



**Teste:** quando o jogador parar nessa casa, o mediador vai retirar uma carta do monte e ler a questão. O jogador deve responder à pergunta indicando a letra correspondente à resposta em trinta segundos. Se acertar a resposta avança duas casas, mas se errar deve voltar duas casas.



**Pergunta:** quando o jogador parar nessa casa, o mediador vai retirar uma carta do monte e ler em voz alta a pergunta correspondente à carta. O jogador deve responder à pergunta em trinta segundos. Se o jogador acertar a resposta avança três casas, mas se errar deve voltar três casas.



**Desafio:** quando o jogador parar nessa casa, o mediador vai retirar uma carta do monte e ler o desafio proposto. O jogador deve responder ao desafio em trinta segundos. Se o jogador acertar, ele avança quatro casas; se ele errar volta quatro casas.



**Dicas de Prevenção:** quando o jogador parar nessa casa, o mediador vai retirar uma carta do monte e ler a dica de prevenção proposta. O jogador permanece na mesma casa e o próximo jogador segue a rodada do jogo.

## APÊNDICE VII – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO JOGO

Prezado(a) Aluno(a)

Após sua participação no Jogo “Mitos e Verdades sobre o HPV”, gostaríamos que você respondesse as questões abaixo, no intuito de fazer uma avaliação do jogo e nos ajudar a melhorar a sua versão final. Todos os dados são coletados anonimamente e somente serão utilizados no contexto desta pesquisa e posteriormente publicados em artigos e eventos acadêmicos. Por favor, indique o quanto você concorda ou discorda de cada assertiva de acordo com a legenda abaixo:

-2	-1	0	+1	+2
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Neutro ou indiferente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

Questionário para avaliação de jogos educacionais baseado no modelo ARCS
<b>ATENÇÃO</b>
Q1 - O design do jogo é atraente. <input type="checkbox"/> -2 <input type="checkbox"/> -1 <input type="checkbox"/> 0 <input type="checkbox"/> +1 <input type="checkbox"/> +2 Q2 - Houve algo interessante no início do jogo que capturou minha atenção. <input type="checkbox"/> -2 <input type="checkbox"/> -1 <input type="checkbox"/> 0 <input type="checkbox"/> +1 <input type="checkbox"/> +2 Q3 - A variação (forma, conteúdo e proposta da atividade) ajudou a me manter atento ao jogo. <input type="checkbox"/> -2 <input type="checkbox"/> -1 <input type="checkbox"/> 0 <input type="checkbox"/> +1 <input type="checkbox"/> +2
<b>RELEVÂNCIA</b>
Q4 - O conteúdo do jogo é relevante para os meus interesses. <input type="checkbox"/> -2 <input type="checkbox"/> -1 <input type="checkbox"/> 0 <input type="checkbox"/> +1 <input type="checkbox"/> +2 Q5 – O funcionamento deste jogo está adequado ao meu jeito de aprender. <input type="checkbox"/> -2 <input type="checkbox"/> -1 <input type="checkbox"/> 0 <input type="checkbox"/> +1 <input type="checkbox"/> +2 Q6 - O conteúdo do jogo está conectado com outros conhecimentos que eu já possuía. <input type="checkbox"/> -2 <input type="checkbox"/> -1 <input type="checkbox"/> 0 <input type="checkbox"/> +1 <input type="checkbox"/> +2
<b>CONFIANÇA</b>
Q7 - Foi fácil entender o jogo e começar a utilizá-lo como recurso de aprendizagem. <input type="checkbox"/> -2 <input type="checkbox"/> -1 <input type="checkbox"/> 0 <input type="checkbox"/> +1 <input type="checkbox"/> +2 Q8 - Ao passar pelas etapas do jogo senti confiança de que estava aprendendo. <input type="checkbox"/> -2 <input type="checkbox"/> -1 <input type="checkbox"/> 0 <input type="checkbox"/> +1 <input type="checkbox"/> +2
<b>SATISFAÇÃO</b>
Q9 - Estou satisfeito porque sei que terei oportunidades de utilizar na prática, os conhecimentos que adquiri com o jogo. <input type="checkbox"/> -2 <input type="checkbox"/> -1 <input type="checkbox"/> 0 <input type="checkbox"/> +1 <input type="checkbox"/> +2 Q10 - Foi por causa do meu esforço pessoal que consegui avançar no jogo. <input type="checkbox"/> -2 <input type="checkbox"/> -1 <input type="checkbox"/> 0 <input type="checkbox"/> +1 <input type="checkbox"/> +2 Q11 – Você gostaria de fazer algum comentário sobre o jogo (opinião, crítica ou sugestão para melhorá-lo)? <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black; margin-top: 10px;"/>

Fonte: Adaptado Savi (2011)

# ANEXO I – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

UFF - UNIVERSIDADE  
FEDERAL FLUMINENSE -



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Diálogos, ações e estratégias para o ensino do Papiloma Vírus Humano nas escolas: uma contribuição para a campanha de vacinação no município de Miracema-RJ

**Pesquisador:** JEAN CARLOS MIRANDA DA SILVA

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 33567420.1.0000.8160

**Instituição Proponente:** Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior da UFF

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.271.815

#### **Apresentação do Projeto:**

O trabalho objetiva avaliar a adesão dos adolescentes à campanha de vacinação contra o HPV no município de Miracema, identificando o nível de conhecimento de adolescentes do município de Miracema sobre o HPV.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Após identificar o nível de conhecimento dos adolescentes do município de Miracema-RJ sobre o HPV, o projeto visa desenvolver, aplicar e avaliar um jogo didático como ferramenta auxiliar no trabalho de conscientização acerca da importância da vacinação contra o vírus respectivo.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

O projeto tem o benefício potencial de aumento de consciência de adolescentes à campanha de vacinação contra o HPV. Traz como risco o constrangimento subjetivo por se tratar de assunto relativo à sexualidade juvenil - fato não mencionado nas Informações Básicas do Projeto.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa possui proposta de relevância social e científica, com arcabouço metodológico adequado.

**Endereço:** Rua Passo da Pátria, nº 156, Instituto de Física (Torre Nova), 3º andar - Campus da Praia Vermelha  
**Bairro:** GRAGOATA **CEP:** 24.210-346  
**UF:** RJ **Município:** NITERÓI  
**Telefone:** (21)2629-5119 **E-mail:** cephumanasuff@gmail.com



Continuação do Parecer: 4.271.815

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram atendidas às pendências antes indicadas.

**Recomendações:**

Lembramos que, na atual conjuntura imposta pela pandemia da COVID-19, é de suma importância prever métodos e técnicas de pesquisa que respeitem o necessário distanciamento social.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

As pendências foram sanadas.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1559859.pdf	26/07/2020 06:49:56		Aceito
Outros	Termo_de_anuencia_CIEP_143.pdf	26/07/2020 06:47:36	JEAN CARLOS MIRANDA DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_Papiloma_Plataforma_Brasil.pdf	26/07/2020 06:46:50	JEAN CARLOS MIRANDA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Projeto_Papiloma.pdf	26/07/2020 06:45:19	JEAN CARLOS MIRANDA DA SILVA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Carta_de_anuencia_realizacao_pesquisa_CIEP_143.pdf	30/06/2020 14:30:35	JEAN CARLOS MIRANDA DA SILVA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Carta_de_anuencia_realizacao_pesquisa_CEDL.pdf	30/06/2020 14:30:02	JEAN CARLOS MIRANDA DA SILVA	Aceito
Declaração de concordância	Termo_de_anuencia_CEDL.pdf	30/06/2020 14:25:57	JEAN CARLOS MIRANDA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_Projeto_Papiloma.pdf	30/06/2020 14:23:33	JEAN CARLOS MIRANDA DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Projeto_Papiloma_assinado.pdf	21/05/2020 11:30:54	JEAN CARLOS MIRANDA DA SILVA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Endereço: Rua Passo da Pátria, nº 156, Instituto de Física (Torre Nova), 3º andar - Campus da Prata Vermelha  
 Bairro: GRAGOATA CEP: 24.210-346  
 UF: RJ Município: NITERÓI  
 Telefone: (21)2629-5119 E-mail: cephumanasuff@gmail.com

UFF - UNIVERSIDADE  
FEDERAL FLUMINENSE -



Continuação do Parecer: 4.271.815

Não

NITEROI, 11 de Setembro de 2020

---

Assinado por:  
**FABIO REIS MOTA**  
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Passo da Pátria, nº 156, Instituto de Física (Torre Nova), 3º andar - Campus da Praia Vermelha  
Bairro: GRAGOATA CEP: 24.210-346  
UF: RJ Município: NITEROI  
Telefone: (21)2629-5119 E-mail: cephumanasuff@gmail.com

Página 03 de 03

## **ANEXO II - CARTA DE ANUÊNCIA PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA**

Solicitamos autorização institucional para a realização da pesquisa intitulada “Diálogos, ações e estratégias para o ensino do Papiloma Vírus Humano nas escolas: uma contribuição para a campanha de vacinação no município de Miracema-RJ”, a ser realizada nesta unidade escolar pela pesquisadora Sabrina dos Santos Arruda, sob a orientação do professor Dr. Jean Carlos Miranda da Silva, que tem como objetivo principal identificar o nível de conhecimento dos adolescentes do município de Miracema-RJ sobre o HPV e desenvolver, aplicar e avaliar um jogo didático como ferramenta auxiliar no trabalho de conscientização acerca da importância da vacinação contra o vírus respectivo.

A pesquisa utilizará para a propositura investigativa a metodologia baseada na aplicação de um questionário composto por 24 questões que abordam questões acerca do início da vida sexual do adolescente; uso de métodos contraceptivos; origem e acesso a informações sobre temas relacionados à vida sexual; conhecimentos sobre o HPV (transmissão, prevenção e sua relação com o câncer de colo do útero); o exame de Papanicolau e o papel da escola na abordagem do tema, necessitando, portanto, ter acesso aos alunos desta instituição de ensino.

A coleta de dados será feita por meio de questionário a ser aplicado aos alunos nesta instituição e do aceite do termo de consentimento livre e esclarecido e do termo de assentimento livre e esclarecido dos alunos e seus respectivos responsáveis.

Ao mesmo tempo, solicitamos a autorização para que o nome desta instituição possa constar na Dissertação a ser elaborada pela pesquisadora Sabrina dos Santos Arruda, bem como em publicações futuras, sob a forma de artigo científico e/ou comunicações em eventos acadêmicos. Asseguramos que os dados coletados junto aos alunos nesta instituição serão utilizados tão somente para a realização deste estudo, garantindo-lhes o anonimato.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta instituição de ensino, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Miracema, 22 de junho de 2020.

---

Pesquisador (a) principal/Orientador(a) do Projeto de Pesquisa  
Sabrina dos Santos Arruda /Dr. Jean Carlos Miranda da Silva

## ANEXO III - TERMO DE ANUÊNCIA – ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR

### ÁLVARO AUGUSTO DA FONSECA LONTRA



#### TERMO DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado “Diálogos, ações e estratégias para o ensino do Papiloma Vírus Humano nas escolas: uma contribuição para a campanha de vacinação no município de Miracema-RJ”, sob a coordenação e a responsabilidade dos pesquisadores Prof. Dr. Jean Carlos Miranda da Silva e Sabrina dos Santos Arruda, e assumimos o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa a ser realizada nessa instituição, após a devida aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal Fluminense.

Miracema, 30 de junho de 2020.

Nome – cargo/função  
Matricula e ID  
(carimbo)

Bruno Souza Rêis Muccichelli  
DIRETORA  
E.M. Álvaro Augusto da Fonseca Lontra  
Matr. 4402-A - Port. 114/2017

**ANEXO IV – DECRETOS MUNICIPAIS SOBRE RETORNO DAS  
ATIVIDADES ESCOLARES PRESENCIAS DIANTE DA PANDEMIA DO  
COVID-19**



**PREFEITURA MUNICIPAL DE MIRACEMA**  
ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
GABINETE DO PREFEITO

**DECRETO Nº 037/21, DE 30 DE ABRIL DE 2021.**

**DISPÕE SOBRE O RETORNO ÀS ATIVIDADES EDUCACIONAIS HÍBRIDAS NA REDE PÚBLICA E PRIVADA DE ENSINO NO MUNICÍPIO, DURANTE O PERÍODO DE EMERGÊNCIA EM SAÚDE PÚBLICA DECORRENTE DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS (COVID-19), E DÁ NOVAS PROVIDÊNCIAS.**

O Prefeito Municipal de Miracema, no uso das atribuições legais que lhe são conferidas pela Lei Orgânica Municipal;

**CONSIDERANDO** o Decreto nº 47.454, publicado em edição extra do D.O de 21/01/2021, que incluiu as escolas no grupo de serviço essencial, enquanto durarem as medidas restritivas contra a Covid-19;

**CONSIDERANDO** o Plano de Retomada das atividades presenciais elaborado pela Secretaria Municipal de Educação, de 18 de dezembro de 2020.

**DECRETA:**

**Art. 1º** - Fica autorizada a retomada das atividades de ensino, na forma híbrida, nas instituições de ensino públicas e particulares no Município de Miracema, devendo as instituições de ensino cumprir as normas sanitárias vigentes para evitar a propagação do Coronavírus.

**Parágrafo único** - Em caso de descumprimento das regras, a instituição de ensino poderá ter seu alvará de funcionamento suspenso até a regularização, e, em caso de reincidência, poderá sofrer a revogação do alvará.

*a*

**Art. 2º** - Somente poderão participar de atividades presenciais de ensino, de apoio pedagógico ou de cuidados a crianças e a adolescentes, os alunos que tiverem anuência formal de seus pais ou responsáveis, com a assinatura de termo específico.

**Parágrafo único.** Os pais ou responsáveis que optem por não autorizar a participação do aluno em atividades presenciais de ensino deverão observar as diretrizes estabelecidas pela respectiva mantenedora para o pleno acesso à plataforma online de ensino, bem como outras formas e modalidades de ensino não presencial.

**Art. 3º** - Fica autorizado o funcionamento dos estabelecimentos de ensino e congêneres, a partir do dia 04 de maio de 2021.

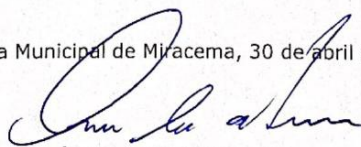
**§ 1º.** A autorização descrita no *caput* será efetivada desde que o Município não esteja com sinalização ROXA no Mapa de Avaliação de Risco do Estado do Rio de Janeiro.

**§ 2º.** Em caso de sinalização ROXA no Mapa de Avaliação de Risco do Estado do Rio de Janeiro ficarão automaticamente suspensas as atividades ora autorizadas.

**Art. 4º** - Este Decreto entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições contrárias ou incompatíveis.

PUBLIQUE-SE E CUMPRE-SE.

Prefeitura Municipal de Miracema, 30 de abril de 2021.



**CLÓVIS TOSTES DE BARROS**  
Prefeito Municipal de Miracema





**PREFEITURA MUNICIPAL DE MIRACEMA**

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

GABINETE DO PREFEITO

**DECRETO Nº 041/21, DE 06 DE MAIO DE 2021.**

**Mantém as disposições do Decreto Municipal nº 037/21, quanto ao retorno às atividades educacionais híbridas na rede pública e privada de ensino no Município de Miracema e dá outras providências.**

**CONSIDERANDO** o Decreto nº 47.454, publicado em edição extra do D.O de 21/01/2021, que incluiu as escolas no grupo de serviço essencial, enquanto durarem as medidas restritivas contra a Covid-19;

**CONSIDERANDO** o Plano de Retomada das atividades presenciais elaborado pela Secretaria Municipal de Educação, de 18 de dezembro de 2020.

**DECRETA:**

**Art. 1º** - Mantém as disposições do Decreto Municipal nº 037/21, que autorizada a retomada das atividades de ensino, na forma híbrida, nas instituições de ensino públicas e particulares no Município de Miracema, devendo as instituições de ensino cumprir as normas sanitárias vigentes para evitar a propagação do Coronavírus.

**Parágrafo único** - Em caso de descumprimento das regras, a instituição de ensino poderá ter seu alvará de funcionamento suspenso até a regularização, e, em caso de reincidência, poderá sofrer a revogação do alvará.

**Art. 2º** - Somente poderão participar de atividades presenciais de ensino, de apoio pedagógico ou de cuidados a crianças e a adolescentes, os alunos que tiverem anuência formal de seus pais ou responsáveis, com a assinatura de termo específico.

9

**Parágrafo único.** Os pais ou responsáveis que optem por não autorizar a participação do aluno em atividades presenciais de ensino deverão observar as diretrizes estabelecidas pela respectiva mantenedora para o pleno acesso à plataforma online de ensino, bem como outras formas e modalidades de ensino não presencial.

**Art. 3º** - Fica autorizado o funcionamento dos estabelecimentos de ensino e congêneres, a partir do dia 04 de maio de 2021.

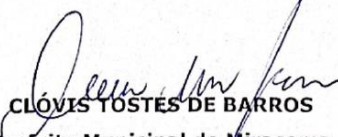
**§ 1º.** A autorização descrita no *caput* será efetivada desde que o Município não esteja com sinalização ROXA no Mapa de Avaliação de Risco do Estado do Rio de Janeiro.

**§ 2º.** Em caso de sinalização ROXA no Mapa de Avaliação de Risco do Estado do Rio de Janeiro ficarão automaticamente suspensas as atividades ora autorizadas.

**Art. 4º** - Este Decreto entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições contrárias ou incompatíveis.

PUBLIQUE-SE E CUMPRA-SE.

Prefeitura Municipal de Miracema, 06 de maio de 2021.

  
**CLOVIS TOSTES DE BARROS**  
Prefeito Municipal de Miracema





**PREFEITURA MUNICIPAL DE MIRACEMA**

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

GABINETE DO PREFEITO

**DECRETO Nº 042/21, DE 13 DE MAIO DE 2021.**

**DISPÕE SOBRE A MANUTENÇÃO DO RETORNO ÀS ATIVIDADES EDUCACIONAIS HÍBRIDAS NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL E PRIVADA DE ENSINO NO MUNICÍPIO, DURANTE O PERÍODO DE EMERGÊNCIA EM SAÚDE PÚBLICA DECORRENTE DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS (COVID-19), E DÁ NOVAS PROVIDÊNCIAS.**

O Prefeito Municipal de Miracema, no uso das atribuições legais que lhe são conferidas pela Lei Orgânica Municipal;

**CONSIDERANDO** o Decreto nº 47.454, publicado em edição extra do D.O de 21/01/2021, que incluiu as escolas no grupo de serviço essencial, enquanto durarem as medidas restritivas contra a Covid-19;

**CONSIDERANDO** o Plano de Retomada das atividades presenciais elaborado pela Secretaria Municipal de Educação, de 18 de dezembro de 2020.

**DECRETA:**

**Art. 1º** - Mantém a autorização da retomada das atividades de ensino, na forma híbrida, nas instituições de ensino públicas municipais e particulares no Município de Miracema, devendo as instituições de ensino cumprir as normas sanitárias vigentes para evitar a propagação do Coronavírus.

**Parágrafo único** - Em caso de descumprimento das regras, a instituição de ensino poderá ter seu alvará de funcionamento suspenso até a regularização, e, em caso de reincidência, poderá sofrer a revogação do alvará.

a

**Art. 2º** - Somente poderão participar de atividades presenciais de ensino, de apoio pedagógico ou de cuidados a crianças e a adolescentes, os alunos que tiverem anuência formal de seus pais ou responsáveis, com a assinatura de termo específico.

**Parágrafo único.** Os pais ou responsáveis que optem por não autorizar a participação do aluno em atividades presenciais de ensino deverão observar as diretrizes estabelecidas pela respectiva mantenedora para o pleno acesso à plataforma online de ensino, bem como outras formas e modalidades de ensino não presencial.

**Art. 3º** - Fica autorizado o funcionamento dos estabelecimentos de ensino e congêneres.

**Art. 4º** - A presente autorização será efetivada desde que o Município não esteja com sinalização ROXA no Mapa de Avaliação de Risco do Estado do Rio de Janeiro.

**§ 1º.** Em caso de sinalização ROXA no Mapa de Avaliação de Risco do Estado do Rio de Janeiro ficarão automaticamente suspensas as atividades ora autorizadas.

**Art. 5º** - As escolas estaduais deverão seguir as orientações e determinações previstas nas Resoluções da Secretaria Estadual de Educação.

**Art. 6º** - Este Decreto entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições contrárias ou incompatíveis.

PUBLIQUE-SE E CUMPRA-SE.

Prefeitura Municipal de Miracema, 13 de maio de 2021.

  
**CLÓVIS TOSTES DE BARROS**  
Prefeito Municipal de Miracema